RAMATÍS

MEDIUNIDADE E SACERDÓCIO

Norberto Peixoto



Mediunidade e sacerdócio

2ª edição

Ramatís

Obra mediúnica psicografada por
Norberto Peixoto



Direitos autorais © 2020 Norberto Peixoto

Ao adquirir este e-book, você estará contribuindo com a publicação das obras de Ramatís

Índice

Página do título
Direitos autorais
Breve diálogo com o Dalai Lama
Palavras do médium
Preâmbulo de Ramatís
Meu cervo de estimação
Fascinação e engambelo, o que parece ser não é
Um marinheiro navegando entre encarnações
Socorrendo no Umbral, os atabaques tocaram
Levante do Astral inferior e a atuação de Exu
Descarga energética, reciclando o lixo astral
Banho ritualístico pode ser placebo ritual
O iniciador de Jesus com o Cristo Cósmico
O povo do Oriente, desdobrando o corpo mental
Mediunidade e sacerdócio
Incorporando a forma-pensamento de um Orixá
Os Orixás e a memória genética espiritual
Reza forte: teologia da prosperidade versus ideologia do axé
Novos ângulos de interpretação
Anexo
Umbanda, reflexões de uma realidade: ambivalências entre caridade e desunião

Breve diálogo com o Dalai Lama

No intervalo de uma mesa-redonda sobre religião e paz entre os povos, da qual ambos participávamos, eu, maliciosamente, mas também com interesse teológico, perguntei a ele em meu inglês capenga:

– Santidade, qual é a melhor religião?

Esperava que ele dissesse “é o budismo tibetano” ou “são as religiões orientais, muito mais antigas que o cristianismo”.

O Dalai Lama fez uma pequena pausa, deu um sorriso, me olhou bem nos olhos – o que me desconcertou um pouco porque eu sabia da malícia contida na pergunta – e afirmou:

– A melhor religião é aquela que te faz melhor.

Para sair da perplexidade, diante de tão sábia resposta, voltei a perguntar:

– O que me faz melhor?

– Aquilo que te faz mais compassivo (e aí senti a ressonância tibetana, budista e taoísta de sua resposta), aquilo que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável... A religião que conseguir te transformar assim é a melhor.

Calei, maravilhado, e até os dias de hoje estou ruminando sua resposta sábia e irrefutável.

Leonardo Boff

Palavras do médium

A obra *Mediunidade e Sacerdócio* termina com um trabalho de antropologia da religião, realizado por uma socióloga que efetivou sua pesquisa de campo com a Choupana do Caboclo Pery, centro de Umbanda que dirijo. O estudo proposto nos faz refletir, entre outros questíonamentos, sobre os motivos que têm levado nossa religião – a Umbanda – a diminuir censo a censo.

Será possível quantificar a imensidão de pessoas que são simpatizantes, frequentadoras e adeptas umbandistas que se dizem de outras religiões nas fichas de empregos, formulários de seleção e questionários dos recenseadores?

Em que medida o preconceito e a intolerância religiosa evangélica, estabelecidos como cultura em nosso país, contribuem para que não assumamos publicamente nossa condição de umbandistas? A Umbanda não é nem mesmo contemplada como opção de resposta para a tabulação das estatísticas oficiais e até pouco tempo tínhamos de usar a denominação *espírita*, associada a um santo católico, em nossas nomenclaturas estatutárias para não sermos perseguidos e presos pela polícia, resquício rançoso de um estado que por séculos se confundiu com a Igreja Católica conquanto única opção religiosa.

Outra nuance da omissão generalizada dos umbandistas é que muitos trabalham também num centro espírita e se dizem espíritas ou frequentam a Igreja Católica e o terreiro, mas se reconhecem católicos.

Fica uma pergunta para que possamos pensar um pouco: Temos vergonha de nos declararmos médiuns umbandistas? Quais são as práticas consagradas no nosso próprio movimento religioso que são criticadas pela sociedade laica e nos inibem? Reflitamos!

Por fim, registro meu agradecimento a todos que têm colaborado com nossas tarefas psicográficas, especialmente ao corpo mediúnico da Choupana do Caboclo Pery e aos meus editores, Sérgio e Margareth Carvalho, operosos e dedicados à obra do amigo Ramatís e incansáveis incentivadores.

Fraternalmente,

Norberto Peixoto.

Porto Alegre, 8 de julho de 2009.

Preâmbulo de Ramatís

Meus irmãos, Ao materializar esta obra, *Mediunidade e Sacerdócio,* concluímos a trilogia de uma proposta de estudos que iniciou-se com os livros *Umbanda Pé no Chão* e *Diário Mediúnico.* Cumprimos mais uma tarefa prevista em nossos compromissos com os Maiorais sidéreos, a quem auxiliamos a esclarecer a comunidade espiritual retida no ciclo carnal da Terra. Os singelos relatos, experiências e mensagens dos espíritos do lado de cá, contidos neste compêndio, agradará a uns tantos e ao mesmo tempo criará muxoxo em muitos outros. Relembramos Jesus que, na pregação do *Evangelho* libertador recém-espraiado para as populações, causava furor em uns e arrebatamento noutros, nunca passando despercebido por ser agente de atuação do Cristo, modificando as consciências. Longe de chegarmos perto do magnetismo do Mestre, O seguimos resolutamente mantendo-nos acima dos preconceitos e intolerâncias humanas, certos de que nossa afeição espiritual nos aproxima de assuntos polémicos e necessários de serem abordados e esclarecidos sem a demasiada ortodoxia das crenças terrenas e com a descompressão psíquica peculiar dos que se propõem a ser livres pensadores. Realizamos assim, tanto quanto permitem nossas escassas possibilidades, uma modesta reunião de escritos que servem como transformadores das mentalidades intoxicadas pelo dogmatismo, fé cega fascinadora e rigidez mental, cria dos conceitos cristalizados em prol da admissão ao reino amorável do Cristo, que se dá pelo estabelecimento de um estado de consciência irmanado de seu *Evangelho* libertador pelo fato de não pertencer a nenhuma religião e doutrina terrícola e ao mesmo tempo encontrar-se em todas.

A responsabilidade que se impõe ao mediunismo prioriza a total liberdade de expressão, através do atual aparelho que nos recepciona as ideias. A Umbanda está inserida em um universo de práticas mágicas populares, tomadas pelo derramamento de sangue de animais, e crenças, algumas ancestrais de certas nações, cujos atos litúrgicos geram cruciante

carma aprisionador a enorme agrupamento de espíritos encarnados e desencarnados. A liberdade mediúnica é imperiosa aos que nos recepcionam os pensamentos, como os pássaros não se prendem a um único galho de árvore para repousarem na floresta.

Enquanto o sangue dos irmãos menores do orbe verter entre ladainhas e cânticos religiosos, os espíritos desencarnados amotinados nas entranhas dos umbrais inferiores terão farto “tônus vital” para a manutenção de suas fortalezas, sustentando as práticas coletivas do vampirismo, da obsessão e da feitiçaria em simbiose com seus medianeiros. O corte sacrificial travestido de rito sagrado encontra guarida nas leis dos homens em favor da liberdade de expressão religiosa que aprisiona os que sacrificam numa enorme teia cármica de consequências nefastas aos envolvidos. Esquecemos que as leis dos tribunais divinos não se prendem às leis da justiça humana, que muitas vezes são anómalas assim como podem ser distorcidos os interesses dos legisladores quando objetivam angariar simpatizantes e votos nas urnas.

Os espíritos rebelados que distorcem as leis de merecimento e de livre-arbítrio com a mortandade de animais no escambo mediúnico com o Além aos poucos vão sendo convertidos pela atuação das seitas evangélicas da Nova Era que substanciam a indústria de milagres abundantes e prósperos nas vidas dos cidadãos, enquanto o Jesus imolado continua vertendo sangue pela cruz para livrá-los dos pecados. A oferenda sacrificial de animais mortos se desloca para o corpo de Jesus crucificado e os elementos materiais utilizados são permutados pelos dízimos e ofertas, quanto maior for o milagre almejado. Os terrícolas convertem-se em escravos do mundo oculto que utiliza o salvacionismo para pescar prosélitos, enquanto diminui o sangue dos animais e aves nos ritos religiosos e aumenta simbolicamente o sangue de Jesus na cruz num sistema de compensação psíquica que acomoda essas mentes doentes habituadas a trocar com o Além. Nada está errado, nada está certo, tudo se acomoda na Providência Divina: Deus escrevendo por linhas tortas alcança o objetivo final de transformação das consciências distantes das estradas retas, estreitas e afoitas dos dogmas das religiões terrenas.

Os acontecimentos, aparentemente insólitos, eivados de intolerância e preconceito humano, são frutos da bondade e do amor do Pai, que dá o livre-arbítrio e associa-o ao merecimento. Pela transitoriedade do mundo material e pela natural ansiedade das individualidades durante um breve interregno encarnatório, o que vos parece um absurdo nada mais é que o atrito de consciências emaranhadas entre si, desembaraçando o novelo de suas

histórias espirituais que antecedem largamente o nascimento na carne e ultrapassarão com folga a morte física.

Enquanto o amor não brotar nos corações duros – amor que se pereniza ao amardes os animais como a vós mesmos e ao seu próximo mais ainda –, Jesus continuará "morrendo" na cruz para salvar os terrícolas. E o calvário do Cordeiro continuará sendo venerado e substituído, pouco a pouco, por carneiros, bodes, galos e vacas sacrificados nas religiões que sustentam as práticas mágicas populares.

É mais cómodo aceitar, sem maiores esforços, o corpo de Jesus sacrificado no lugar do animal imolado, convertendo-se a uma nova religião e, ao mesmo tempo, continuar com os mesmos atavismos mentais do que alterar um único hábito arraigado há milénios por outro de moral evangélica. As consciências cristalizadas em si mesmas e dispensadas de quaisquer esforços próprios, acomodadas nas trocas com o Espírito Santo e com os Orixás, são como os pássaros criados em gaiolas e que desaprenderam a voar. Ao deixarem de matar os animais, abriram-se as portas das gaiolas, mas não os ensinou a voar nos paramos de Jesus.

Encerramos, com esta obra, um compromisso firmado com os Maiorais do Espaço. Ela contempla as duas grandes colunas – espiritismo e Umbanda – em perfeito equilíbrio. Estas duas grandes colunas sustentam a loja etérea que nos mantém no Astral brasileiro. "Nossos" escritos abordando essas duas doutrinas precisaram de mais de um sensitivo e levaram décadas para serem concluídos, consequência do atrito entre a temporalidade finita do plano físico e a atemporalidade infinita do plano espiritual. É um conjunto de obras inacabadas – já que a religação com o Divino é uma unidade aberta em eterna construção. Necessária gradação na dimensão material, pois os assuntos não podem estar fora de contexto, assim como há anos atrás não havia as religiões neoevangélicas no universo do mediunismo e no futuro outras estruturas religiosas surgirão. As consciências no coletivo devem estar prontas para receber certos conhecimentos até então velados às massas, assim como uma criança recém-nascida não se alimenta com o mesmo cardápio dos pais para não sofrer uma indigestão.

Oxalá este pequeno livro, *Mediunidade e Sacerdócio,* resgate um pouco da presença do Cristo nas consciências e, como Jesus, faça-se instrumento de mudança consciencial. Para uns, presos às estreitas cartilhas humanas, causará rejeição; para outros, afeitos ao universalismo crístico, intensa afeição. Sempre movimento, nunca indiferença, assim como a

Umbanda e o Cosmo não são estáticos e a cada segundo tornam-se diferentes.

Ramatís

Porto Alegre, 7 de julho de 2009.

Meu cervo de estimação

Para Deus não há separação; mas, para aqueles que ignoram a unicidade divina, há separação e morte. Veem a morte como uma parede branca onde as almas se diluem e são esquecidas. A pessoa dotada de compreensão vê além da região da morte, onde todas as almas dançam e despertam novamente. A morte não deve provocar tristeza. Como eu ficava melancólico quando meus amigos faleciam!... Não se sinta assim. Se conhecer Deus, reencontrará a todos na grande esfera divina e concluirá que eles nunca de fato o deixaram.

Certa feita, na índia, frequentando a escola de Ranchi, fiquei muito ligado a um pequeno cervo. Amava tanto o bichinho que o trouxe para dormir em meu quarto. Às primeiras luzes, ele saltava para a minha cama a fim de me fazer carícias matinais.

Um dia, precisei ausentar-me da escola. Embora pedisse insistentemente aos colegas que não alimentassem o animal antes de minha volta, um deles lhe deu uma grande quantidade de leite. Quando regressei, à noite, más notícias me aguardavam:

– O pequeno cervo está quase morrendo por excesso de alimento.

Eu próprio quase morri de angústia e disse:

– Se existe um Deus, Ele não me tirará o animalzinho – e pus-me então a meditar e depois de três horas o cervo se recuperou. Deus o devolveu a mim.

Mas que lição tive de aprender depois! Fiquei com o cervo até as duas horas da madrugada e então adormeci. O animal apareceu-me em sonhos e disse:

– Você me trouxe de volta. Deixe-me ir, por favor! Deixe-me ir!.

– Está bem – respondi em pleno sonho. Acordei imediatamente e gritei:

– Rapazes, o cervo está morrendo!.

Todos acorreram. Voei para o canto do quarto, onde acomodara o bichinho. Ele, num último esforço, levantou-se, ensaiou uns passos em minha direção e caiu aos meus pés, morto.

Segundo o karma em massa, que orienta e regula os destinos animais,

a vida do cervo acabara e ele estava pronto para renascer numa forma superior. Mas, em consequência do meu forte apego, que depois percebi ser egoísta, e de minhas preces ardentes, acabei por mantê-lo nos estreitos limites da forma animal, de onde sua alma se esforçava por libertar-se. A alma do cervo apresentou seu pedido em sonho porque, sem minha permissão compreensiva, não iria ou não poderia ir embora. Tão logo concordei, partiu.

A tristeza me deixou por completo. Reconheci uma vez mais que Deus quer que Seus filhos amem todas as coisas como parte Dele, sem supor que a morte seja o fim de tudo. O ignorante vê apenas a muralha intransponível da morte a esconder para sempre seus entes queridos. O homem desprendido, porém, que ama seus semelhantes como expressões de Deus, sabe que por ocasião da morte as pessoas apenas voltam durante algum tempo para junto do Pai.

Texto extraído da obra *Karma e reencarnação*, de autoria de Paramahansa Yogananda, Editora Pensamento.

Pergunta – É concebível que se matem animais, oferendando o sangue e as vísceras aos "santos", e que a carne seja comida em louvação a esses mesmos "deuses"?

Ramatís – Inconcebível é esse despropósito. O amor dos verdadeiros santos não mata em nome do sagrado. Ocorre que uma plêiade de espíritos está chumbada na Terra, sedenta da comida que lhe é ofertada para vampirizarem os fluidos espargidos. O carma coletivo que rege os movimentos ascensionais não se prende às crenças humanas e trata-se de lei universal. Vós, que sois homens e caminham para a angelitude tal qual os animais rumam para a humanização, gostaríeis de ter vossa garganta cortada e vosso sangue vertido até a última gota entre ladainhas, campânulas e mantras que culminam num ápice com transe de possessão? Mesmo que os irmãos menores do orbe sejam somente instinto, uma Inteligência Superior os rege e os leva à inexorável individualização, direito cósmico sagrado que os conduz ao encarnarem num corpo hominal. Como um ato litúrgico sacrificial dito "sagrado" pode corromper esse processo? Embora os homens se diferenciem dos animais pela consciência, não se elevam acima das hienas famintas quando sacrificam e dão fluidos pelo sangue e comidas aos "santos", pois buscam meramente a troca com o Além, o que agrava mais suas existências se comparado aos outros homens que saciam a fome animalesca com pedaços de animais abatidos nos frigoríficos.

Quanto maior a consciência, menor a ignorância das verdades cósmicas e mais amplos os débitos ou créditos na contabilidade sideral de cada cidadão. A finalidade superior das almas-grupo e dos animais é não serem escravizados e cruelmente despedaçados pelos crentes religiosos que acabam bloqueando-lhes o direito sagrado de aquisição dos princípios rudimentares de inteligência pela convivência pacífica e amorosa com os humanos, experiência que paulatinamente forma os veículos – corpo astral e mental – para virem a estagiar no ciclo encarnatório humanoide, oportunamente.

Os que matam os animais em nome dos santos devem refletir se gostariam que os anjos, para se tornarem arcanjos, cortassem em pedaços seus corpos e “chupassem” o sangue para se saciarem nos paramos celestiais.

Fascinação e engambelo, o que parece ser não é

Impressiona a quantidade de pessoas em processo de obsessão na atualidade. Parece-me que quanto mais conhecimento temos sobre os assuntos espirituais, mais nos falha a simplicidade e a fé pelo ego intelectual inflado, o que acaba sendo uma porta escancarada para os malfeitores do Além.

Um dia desses, uma confreira espírita que estava cansada comentou que todos os centros que conhecia estavam atulhados de gente e que os médiuns trabalhadores encontravam-se exaustos diante de tantos desequilibrados, ansiosos, depressivos, lamurientos e chorosos pedindo ajuda diariamente. Afinal, o que está acontecendo?

Os amigos espirituais informam-nos que está havendo uma intensificação das obsessões, uma espécie de levante umbralino, um motim, como se fosse uma revolta contra o capitão do navio. As almas não estão aceitando o destino da embarcação e tornaram-se violentas.

O próprio estilo de vida dos encarnados da crosta – agitados, ambiciosos, de falsas aparências, com uma avalanche de informações diárias de todos os meios, muita oferta de facilidades pelo salvacionismo mediúnico religioso vigente – distorce as leis de causa e efeito e o equilíbrio entre as duas esferas vibratórias de vida.

Há que considerarmos que estão se intensificando as remoções para outros orbes de espíritos que não podem mais ficar na psicosfera da Terra e, ao mesmo tempo, implementam-se barreiras magnéticas que os impedem de encarnar aqui. Naturalmente, isso gera um desespero nos aglomerados espirituais do Umbral inferior que se sustentam das emanações mentais e fluídicas dos encarnados. Daí a intensificação das obsessões, intencionando habitarem junto à superfície dos encarnados e daqui não saírem. E haja centro espírita com passe e água fluídica, terreiro de Umbanda com banho de sal grosso e arruda, igrejas neopentescontais com sessões de descarrego e trabalhinhos de amarração da última hora, como vemos serem oferecidos nos anúncios de postes e pelas panfleteiras dos cruzamentos urbanos! Para aliviar

o desespero de todo este povo, a oferta é variada: para os mais pacientes, que se dispõem a assistir uma série de palestras, até aos mais afoitos e apressados, que querem resultados em sete dias doa a quem doer, o que só agrava o nó do novelo das obsessões na atualidade.

No contato diário com o público que frequenta a Choupana, constatei certo padrão comportamental que define claramente uma relação de causa e consequência diante das ações arquitetadas pelos engenhosos psicólogos das Sombras para que as interferências obsessivas sejam bem-sucedidas. São as denominadas “armadilhas psicológicas”: um prato cheio posto na mesa dos comensais do Além-túmulo. Em seguida, nos deparamos com aflitivas rogativas, cuja solução está em cada um. Aparecem rotineiramente criaturas pouco vigilantes, exagerando nos sintomas e dores, vítimas de si mesmas diante de doenças e carências afetivas imaginárias. À menor dor de cabeça, apressam-se em tomar medicamentos e correm para as consultas, querendo solução imediata e sem o menor esforço. Tendo medo da própria sombra, impressionáveis pelo excesso de conhecimento, tudo leem e tudo já leram, explicando até quantas penas têm as asas dos arcanjos, mas não conseguem descontrair-se e dar um abraço fraterno no seu semelhante sem sugarem suas energias vitais. Caem facilmente nas obsessões ocultas, em que desencarnados na mesma faixa mental dilapidam suas forças mentais. Quando chegam a esse ponto, o que era imaginação se torna real e o que era real – a não existência de doenças ou obsessões – torna-se irreal, distorcendo a realidade dos fatos pelo psiquismo enfermiço. São, no fundo, doentes da alma, medrosos e preocupados excessivamente com a saúde e a morte. Diante das fragilidades psicológicas e do acentuado egoísmo, qualquer espírito com algum entendimento de magnetismo conseguirá, observando suas densas auras, montar um plano de ação para “colarem” neles e vampirizar-lhes as energias. Assim como camaleões que se confundem com o meio, explorarão as culpas profundas, os recalques, os traumas, fazendo-se passar por parentes queridos desencarnados, quando não incutirão no ente que este ou aquele desafeto fez trabalho, aproveitando-se da situação e, na maioria das vezes, fazendo-se passar por falsos mentores e guias, instalando-se então a fascinação, conhecida na Umbanda por “engambelo” – aquilo que parece ser, mas não é. Paradoxalmente, os que são não aparentam ser. Eles simplesmente são e pronto; no caso, os verdadeiros mentores da Umbanda.

E como se instala nas criaturas – no psiquismo de profundidade da alma, no recôndito anímico – essas correntes mentais parasitas, espécie de

formas-pensamento alimentadas pela imaginação do indivíduo inicialmente sadio, que acabam levando ao desequilíbrio emocional e, por repercussão vibratória, às doenças?

Há que se considerar que certos indivíduos, sensíveis e objetos de fascinação por serem facilmente impressionáveis, manifestam um temor irracional às aflições corriqueiras da vida. Almas acostumadas a ser atendidas em todos os seus desejos e a não ter a menor preocupação com a existência em vidas passadas, apresentam um medo patológico diante da vida presente. Pelo excesso de conhecimento dos assuntos espirituais, por lerem tudo que lhes cai sob os olhos e nunca se satisfazerem, procurando sempre a última novidade espiritualista, são popularmente chamados de “pés de axé”, pois não param em lugar nenhum. Com a ansiedade da”salvação”, não encontrada em lugar algum, o medo existencial indefinido vai se transformando em verdadeiro pavor, desestruturando o psiquismo e alimentando os mais variados distúrbios psicossomáticos, dentre os quais fobias e angustias, distonias comportamentais, traumas e pânicos pintam a tela das síndromes psicopatológicas persistentes e de difícil resolução nos procedimentos terapêuticos comuns que priorizam a estrutura orgânica do ser e desconsideram o espírito presente, que a anima.

Certo dia, li a respeito de uma estatística que apontou que no meio médico psiquiátrico há grande consumo de psicotrópicos entre os profissionais. Como dar ao outro aquilo que não temos dentro de nós? Isso também me lembra as “mães de santo” que pululam nos anúncios panfletários, oferecendo riqueza e prosperidade em sete dias, mas elas mesmas habitam singelos casebres, alguns quase caindo aos pedaços. Como podem dar o que nem têm elas próprias em mínima quantidade?

O comportamento desses seres humanos é auto-obsessivo e as obsessões que se instalam neles são recorrentes, pois o “doente” da alma não muda o seu modo de pensar e ser. É um padrão comum de conduta o egoísmo desenfreado, o apreço por notícias mórbidas alimentado pela mídia sanguinolenta, o gosto por fofocas e maledicências, a preguiça e a falta de asseio mental, a rigidez de opinião, a arrogância por considerar-se dono da verdade – os consulentes que chegam ao terreiro e dizem para a entidade o que têm e qual o trabalho a ser feito –, o vitimismo exacerbado, enfim, é comum atrair para si uma baixa frequência e a inevitável desestruturação psíquica potencializada por desencarnados em mesma faixa mental (espíritos sedentos de vitalidade animal) para se sustentarem na crosta. Qualquer

dificuldade do cotidiano que surge diante desses indivíduos dispara o gatilho mental do pessimismo e da preocupação demasiada, advindo a lamúria, o mau humor e o azedume existencial, gradativamente instalando a anulação da vontade e a desorganização da atual personalidade, que se subjuga sutilmente a uma força exterior que os domina e fascina, na maioria das vezes fazendo-se passar pelos seus mentores ou guias.

Permanecendo nesse estado d'alma, em desajuste reencarnatório, ficam à mercê de uma consciência extracorpórea e não admitem que o guia-mentor não seja o que aparenta ser, estabelecendo um mecanismo de parasitismo existencial (entre espíritos, um encarnado e outro desencarnado) de difícil resolução, dado o respeito ao livre-arbítrio de ambos no mundo dos espíritos. Em muitos casos, “impedido” o plano espiritual superior de afastar um ou outro, encontram-se ambos enfeixados de tal maneira que em encarnação próxima nascem em simbiose, amarrados pelos mesmos órgãos físicos que sustentam dois corpos.

Esses processos simbióticos de obsessão são de difícil resolução e, por vezes, ocorrem manifestações de consulentes desequilibrados na assistência. Quando não se diz iniciado aqui ou ali, é o guia mais forte e infalível que se apresenta. São dependentes psicológicos do amparo astral de um espírito e não admitem cortar esse vínculo, quando não fazem questão de alimentá-lo – dar comida mesmo –, rotineiramente através das obrigações e oferendas. Independente de culto ou doutrina, por vezes é o mentor espírita, ali o mestre ascensionado, acolá o Orixá assentado, lá o caboclo ou pai velho, cá o cigano encantador e infalível, e vão as criaturas fascinadas vitalizando os espíritos do lado de lá que não podem mais encarnar no planeta.

Paradoxalmente, a maior dificuldade para o plano espiritual não são as remoções coletivas e sim essas simbioses parasitárias individuais. Por isso, na atualidade, é estratégia psicológica das Sombras os ataques em massa, estudando as fraquezas, as culpas e os medos de cada sujeito, caso a caso. Infelizmente, o conhecimento que deveria ser libertador acaba sendo ferramenta de exaltação do ego e proporciona ricos elementos para as obsessões que enxameiam na coletividade, enraizadas individualmente. Os simples de coração e humildes são os verdadeiros sábios, independente do que queira dizer conhecimento na nossa limitada compreensão.

Diz-nos o marinheiro Zé Luzeiro, espírito calejado na lide psicológica e acostumado às pressões psíquicas das populações em diversas etnias e países, que a luzinha dos barquinhos dos cidadãos estão apagadas e a luz

flamejante que os orienta para o oceano da bem-aventurança pode estar levando-os a ficar encalhados no mar da existência por longos e longos anos. Refere-se aos vaidosos, egocêntricos e entusiasmados com seus guias, que aparentam ser, mas na verdade não são. É o engambelo, o barquinho luzeiro na entrada da baía, que conduz à armadilha no porto os que se aventuram em mares que acham que conhecem, mas que na verdade nada sabem sobre os verdadeiros habitantes da costa, saqueadores de almas com o intuito de manterem-se em seus *habitais* anómalos na crosta terrestre, grudados em seus médiuns "pé de axé" (que não param em lugar algum).

O vento que venta não venta
O ar que urra não urra
Atrás de mim não vem gente, ó meu Deus
Quem é que tanto me empurra?
Quem te ensinou a nadar?
Quem te ensinou a nadar?
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Mensagem de Exu Marabô

Nas minhas andanças, que são muitas, quer de dia, quer de noite ou madrugada afora, fico impressionado como alguns médiuns imputam aos seus "escoras" situações e formas que não condizem como o verdadeiro trabalho de um Exu da Umbanda.

Nossa área de atuação é tão abrangente, que poucos são os aparelhos que não se perdem na superficialidade.

Sem sombra de dúvida, nós, os Exus, somos a energia-terra mais próxima de vocês. Todavia, não exigimos nada mais além da lealdade aos princípios que norteiam o trabalho da Umbanda.

É estapafúrdio ver cenas grotescas (e por que não dizer, por vezes, bizarras) que médiuns vaidosos repassam a nós, mas que na realidade são alimentadas por quiumbas (obsessores). Da mesma forma, há que se entender de uma vez por todas que Exu não é diabo, não tem chifre nem rabo! São

entidades em evolução numa escala infinita. Há que prevalecer, acima de tudo, o bom senso e o raciocínio lógico. Será que é tão difícil pensar? Ou será que vocês, crianças, se esqueceram que o cérebro, com a mente que o compõe, serve para isso? Tenho até visto Exu marca de gado nelore! Hahaha!

Crianças, existem três palavras-chave para um Exu de Umbanda: **lei, ordem e disciplina.**

Estamos a serviço de Orixá, sob a batuta firme de pretos velhos e caboclos, e a seriedade deles é um fato e fator inquestionáveis. Então, sempre agimos a favor da lei e somos por ela conduzidos.

Não se enganem! Não se enganem! E o que é pior: não engane, porque nós não precisamos de plateia. Garanto a todos que do lado de cá há um público bastante considerável. Não precisamos de apupos nem de palcos, mas sim de respeito. O que, aliás, para muitos, não está mais em voga.

Não confundam a forma de trabalho de alguns de nós, por vezes séria, com uma brincadeira que vocês alimentam e nutrem em seus egos. Setenta por cento do que vocês atribuem a nós não é verdade. Então estudem, e se estudem! Uma hora dessas o martelo dará o veredicto final na corte composta por vocês mesmos. Nós não somos escusos, mas damos escudo, livramento e proteção para os que fazem por merecer. Nossa capa é de valia!

Sabemos o trabalho a executar nas trincheiras e encruzilhadas astrais. Então, não queiram ensinar o “padre nosso” ao vigário! Nós, os Exus, somos os olhos da lei e, pelo que me consta, nenhum de nós estamos cegos.

Por tudo isso, mais uma vez afirmo: Exu é para quem pode e sabe caminhar... E como tem gente levando tropeço e ficando manco. Hahahahaha!

Saravá, toda “banda” de Exu!

Marabô da Encruzilhada!
Um toquinho no Astral
Figueira que não se abala.

Psicografia de Mãe Luzia Nascimento

Um marinheiro navegando entre encarnações

No exercício da mediunidade existem momentos difíceis e cansativos que nos exigem extrema vigilância e persistência. Quantas vezes um médium, antes da sessão, se sente mal, antecipando os sintomas malfazejos dos consulentes, sendo ele mesmo uma espécie de mata-borrão sobre os quais os guias se apoiam para descarregar os miasmas e energias deletérias dos atendidos. Por isso, especialmente em dia de sessão, recomendamos prudência, nada de discussões, uma alimentação frugal e um banho de ervas para fortalecer o tônus psíquico dos trabalhadores.

Por outro lado, a atividade mediúnica continuada também proporciona momentos belíssimos, de muita gratificação e júbilo, quase que um zénite espiritual. São oportunidades de troca com os guias do lado de lá que nos brindam, eventualmente, com suas histórias, especificidades de tarefas e peculiaridades em existências passadas. Fazem isso não para se engrandecerem aos nossos sentidos, mas sim com a finalidade de nos passarem lições existenciais, exemplos e aprendizados que tornem a árdua tarefa assistencial do mediunismo um pouco mais amena e o fardo mais leve.

Certa vez, apresentou-se aos nossos sentidos psíquicos um marinheiro pedindo licença para se “achegar” na Choupana e fazer parte dos trabalhos. Como para a caridade são todos bem-vindos e essas incursões de novos espíritos do lado de lá que vêm auxiliar são previamente decididas no Astral, entendemos que não nos caberia autorizar nem desautorizar nenhum obreiro espiritual, pois não tínhamos autoridade para isso. Claro está que é dever do zelador estar sempre atento para as possíveis infiltrações e mistificações, mas não era este o caso.

Essa entidade nos contou que foi um marinheiro português que veio para o Brasil no início da colonização e que era conhecido como Zé Luzeiro. Sua tarefa era guiar as embarcações que chegavam à Baía de Guanabara com mantimentos de Portugal até a costa, de forma segura. Por vezes, isso se dava à noite, e pela iminência de tempestade entrava com seu pequeno barco e um

candeeiro de óleo de baleia içado na proa (daí ser conhecido como Zé Luzeiro). Disse-nos que, assim como guiava as embarcações até um local seguro e evitava que elas encalhassem, nos ajudaria a conduzir as almas perdidas na crosta para o porto seguro do mundo espiritual.

Zé Luzeiro vinha com uma falange de marinheiros para fortalecer as descargas energéticas que ocorriam ao final da sessão, auxiliando a condução, para o mundo dos espíritos, de irmãos sofredores desencarnados que vinham "grudados" nos consulentes. Não podendo ficar na contrapartida astral do terreiro em atendimento, seriam conduzidos pelos marinheiros para outro local vibratório mais indicado para eles, no plano espiritual.

Nessa primeira ocasião, muito alegre e bem-humorado, nos falou que em breve receberíamos um presente dele. Agradeceu ao Caboclo Pery pela oportunidade de se manifestar para a corrente, despediu-se e foi embora.

Na semana seguinte, antes do início de mais uma sessão, fui procurado por uma consulente que queria doar um quadro para a Choupana, a fim de que fizéssemos uma rifa e angariássemos recursos para nos auxiliar na manutenção material. Como temos orientação de não fazer sorteios de qualquer espécie, agradeci o presente e disse que ele serviria para embelezar nossa secretaria.

Ao abrir o quadro reservadamente, após a doadora sair, vi uma bela tela pintada a óleo com a imagem de um navio entrando num porto. Ato contínuo, fiquei todo arrepiado, senti um frio nas pernas *e* uma estática atrás da nuca, era Zé Luzeiro que estava presente.

Zé Luzeiro: – Viu? Taí o meu presente. Não falei?

Médium: – Falou. O que o senhor quer que eu faça com ele? Onde quer que eu o coloque?

Zé Luzeiro: – Por favor, fixe-o dentro do terreiro para que sempre que cantarem ponto para nós a imagem do porto facilite a sintonia dos médiuns com nossa falange, servindo de apoio mental para eles, ajudando no rebaixamento de nossa frequência vibratória e, consequentemente, nas manifestações necessárias. Coloque-o em frente à nossa Mãe Iemanjá.

Médium: – Sim senhor, agora mesmo, e muito obrigado!

E lá fui eu pegar um martelo e um prego para fixar o quadro na parede do terreiro, de frente para Iemanjá, conforme o pedido de Zé Luzeiro. Essa experiência foi muito gratifican-te pela causalidade e sincronia dos fatos, comprovando a veracidade do fenómeno mediúnico e, longe de nos inflar o ego, aproximando nossa confiança para com os amigos espirituais, elevando-

a a patamares exigidos para que não temamos as espinhosas tarefas que sempre nos defrontamos. Mal sabia eu que outras surpresas viriam com o marinheiro Zé Luzeiro.

Na semana seguinte, ao final dos trabalhos, lá estava novamente nosso amigo com sua alegria e bom humor. Chegou e nos falou ao "pé do ouvido":

– Tive uma encarnação após a que fui marinheiro na Baía de Guanabara. Nasci brasileiro, perto do mar e não me esqueci do compromisso com nossa Mãe lemanjá. Você que gosta de "navegar" nos mares da Internet, pesquise pelo nome José António da Luz e encontrará a minha história. Depois te conto o resto para que possa entender o que me "prende" aqui nesta choupana, ainda em construção.

Como sou bem mandado nesses casos, lá fui eu pesquisar na rede mundial de computadores. Comento somente para aqueles que acham que os espíritos nos dão tudo de mão beijada, o que não acontece. Não somos dispensados do estudo, da leitura e da pesquisa bibliográfica histórica, conforme veremos.

Ao procurar por José António da Luz na Internet, fiquei estático e surpreso, pois, confesso, sou cético como São Tomé, só vendo para crer. Descobri o seguinte:

José António da Luz foi um eminente militar brasileiro ao final do período colonial. Comandou os moradores locais contra a exploração da Coroa portuguesa na região da Ilha de Santa Catarina. Filho de imigrantes portugueses, nasceu em Florianópolis e foi sargento da milícia de Santa Catarina. Comandou o que é considerado como o primeiro motim organizado da Ilha de Santa Catarina. Nessa época, por volta de 1811, a Coroa criou o cargo de juiz de fora na ilha. Os juizes eram interventores do governo central e tinham grande poder. De acordo com historiadores, o juiz interventor, que também era presidente da Câmara Municipal, através de um edital, impediu a entrada de alimentos na Ilha de Santa Catarina, beneficiando um comerciante local autorizado, o único fornecedor, que imporia os preços que bem entendesse. Alguns meses depois, os gaúchos trouxeram alimentos para a entrada da ilha, ficando impedidos de prosseguir caminho. José António da Luz fez parte de um levante popular contra essa exploração do povo pela Coroa portuguesa e acabou tendo o apoio popular e do governador da época, ocorrência que findou sem violência, com a anistia dos revoltosos e a volta do juiz interventor ao Rio de Janeiro e, oportunamente, para Portugal.

Permanecendo na vida militar, José António da Luz obteve várias promoções e foi um homem estimado pela população. Anos mais tarde, ao fazer uma inspeção na cadeia pública, descobriu sete escravos passando fome. Utilizando o seu próprio dinheiro, pediu ao carcereiro que fosse buscar comida e incumbiu-se pessoalmente de regularizar a situação dos negros presos, verificando que um deles era marinheiro de Cabo Verde e os demais não tinham queixas registradas.

Além disso, José António da Luz ajudou a construir a capela de São Sebastião (foto ao lado) no bairro turístico da Praia de Fora, doando um terreno de sua propriedade antes de falecer. Porém, a obra só foi concluída por sua viúva. Essa capela existe até os dias de hoje e é considerada um património histórico, artístico e arquitetônico da cidade de Florianópolis. Está protegida pela Lei Municipal n° 2.193, de 1985. Ambientada em local aprazível, tem um cemitério nos fundos e está localizada de frente para o mar.

Essa história não acaba nesta encarnação. Fomos brindados com outra surpresa sobre o marinheiro Zé Luzeiro, que após nossa pesquisa apresentou-se através de uma psicografia nos contando o seguinte:

> A capela de São Sebastião foi uma homenagem a este santo católico pela minha fé da época. Assim como guiei as naus portuguesas para um local seguro na Baía de Guanabara, resgatei um pouco minha consciência endividada pelas armadilhas e saques infames que realizei em outra existência como pirata inclemente. Construindo essa igreja, me reabilitei dos meus débitos com as leis de Deus, gerados pelos roubos e destruições de barracões de culto aos Orixás que cometi como inquisidor na África, a buscar a catequização dos “negros sem almas” e “filhos do demo”. Matar negros e queimar seus altares e totens era um favor para a Providência, pensávamos erroneamente. Ainda inacabado o meu ajuste de contas, fui o médium Fulano de Tal[1], também construtor do templo que atualmente abriga a choupana do amado Caboclo Pery, um espírito filho dileto do Orixá caçador de almas. Enfeixa-se o sincretismo do lado de cá e São Sebastião, literalmente, se transforma em Oxóssi, que é o Orixá regente do atual congá. Então, continuo aqui a obrar para a elevação do bem comum.
>
> Conto parte da minha história e, dentre pretos velhos, caboclos, ciganos e Exus, vou recompondo o que destruí na imensa colcha cármica tecida pelos meus próprios atos. Demonstro que, quando

encarnados, estamos esquecidos, o que não nos impede de assumir os impulsos psicológicos atávicos de existências anteriores, sendo a crença e culto do momento meros instrumentos para realizarmos os desmandos que nossas mentes envoltas no véu do esquecimento dos atos pretéritos não deixam de cometer em repetição sórdida de padrão. Sendo o Criador infinitamente bom, continuamos aqui, sem o paletó de carne, a evoluir, rogando ora aos santos, ora aos Orixás, ora aos Deuses, que, quando mergulharmos novamente nas profundezas oceânicas da reencarnação, o que realizamos aqui no plano rarefeito possa amainar nossas bestialidades quando animarmos novamente um corpo físico aí na materialidade.

Dia chegará em que teremos memória integral e, sem o esquecimento transitório que nos faz suportar a culpa, conseguiremos mais saldo positivo que negativo na balança existencial. Hoje sou só Zé Luzeiro, um marinheiro ao dispor dos Orixás, a mando de nossa Mãe Iemanjá. Amanhã só quem sabe é Zambi. O certo é que continuarei sendo um espírito entre idas e vindas do meu barquinho nas marolas do mar revolto da existência, numa onda brava encarnado, noutra mais calma desencarnado.

Zé Luzeiro, marinheiro, espírito calejado com as mazelas humanas, encerrou esta mensagem final com os olhos espirituais marejados em lágrimas, com a mão direita no peito, na altura do coração, ajoelhado em frente a um mar plasmado no Astral, cantando:

Glória a Deus lá nas alturas,
Glória a Deus neste congá,
Glória a todos os Orixás,
E ao nosso Pai Oxalá.
Glória a Deus lá nas Alturas,
Glória a Deus neste congá,
Glória a todos os Orixás,
E à nossa Mãe Iemanjá.

Salve a sabedoria dos marinheiros:

Eu não sou daqui

marinheiro só
eu não tenho amor
marinheiro só
eu sou da Bahia
marinheiro só
de São Salvador
marinheiro só
ó marinheiro, marinheiro
marinheiro só
quem te ensinou a nadar
marinheiro só
foi o tombo do navio
marinheiro só
ou foi o balanço do mar
marinheiro só
lá vem, lá vem
marinheiro só
ele vem faceiro
marinheiro só
todo de branco
marinheiro só
com seu bonezinho
marinheiro só
lá vem, lá vem
marinheiro só
ele vem faceiro
marinheiro só
todo de branco
marinheiro só
com seu bonezinho
marinheiro só.

Socorrendo no Umbral, os atabaques tocaram

Nunca me esquecerei da primeira experiência mediúnica que tive com o espírito Ramatís. Na época, eu era médium de um centro espírita pertencente à Federação Espírita do Rio Grande do Sul e estava no terceiro ano da escola de médiuns. Certa noite, após o encontro de estudos, fui para casa pensando no que o instrutor havia falado sobre instrumentos de percussão usados junto com a mediunidade. Disse que eram dispensáveis, que tínhamos que nos livrar desse atavismo, que tal coisa era primitiva, arcaica e que não vivíamos mais em tribos e coisa e tal. Ao dormir, vi-me em pé no meio de um templo branco com duas grandes colunas romanas à porta de entrada. Parado entre essas colunas, como acontece com os maçons quando vão dar instruções, encontrava-se uma entidade de pele vermelha, cabelos compridos e com vestes iniciáticas brancas. Ouvi ao fundo som de tambores – atabaques – e cânticos de Umbanda. Então, o amigo espiritual Ramatís – era ele – me disse, sem mover os lábios astrais, como se o seu pensamento retumbasse sonoramente na minha cabeça:

– Nesta noite, vamos socorrer o teu pai. No local onde ele se encontra, em zonas abissais de densidade vibratória muito pesadas, será necessária a movimentação de uma falange expressiva apoiada pelo som dos tambores e cânticos que desintegrarão e deslocarão os densos campos de força da poderosa organização trevosa que o mantém prisioneiro. Virás junto em desdobramento, mas para teu próprio bem-estar não te lembrarás de nada após nosso encontro neste templo de Umbanda no Astral, assim como não verás quantos espíritos aqui estão por ainda ter a mediunidade um tanto "embotada". Por afinidade, em decorrência de compromissos muitos antigos que nos unem, conduzirei eu mesmo a incursão ao Umbral, programada para hoje. Conduzirei-te em segurança; teu pai precisa te ver para despertar, e então conseguirmos tirá-lo de lá. Não digas nada no centro que frequentas, pois te julgarão desequilibrado e a mim, de teu obsessor por não seguirmos os métodos doutrinários desobsessivos que julgam superiores aos da Umbanda.

Confia, pois tudo transcorrerá conforme autorizado!

Ato contínuo, os atabaques ecoaram em meus ouvidos perispirituais e adormeci completamente. Acordei no dia seguinte, sentindo-me muito bem e com uma sonolência agradável.

Cabe comentar aqui que o meu pai foi umbandista durante quase toda a vida. Num determinado momento de sua caminhada mediúnica, acabou envolvendo-se com ritos de outros cultos, “deitando pró santo”, “fazendo camarinha” e “colocando sangue na cabeça”. Resumindo a história: seus dias acabaram em trágica situação, bastante desequilibrado e com um terreiro aberto sem nenhum médium ou consulente. Desencarnou abruptamente, vítima de um ataque cardíaco. Logo após o seu desencarne, passei por sérias dificuldades existenciais, o que me levou a buscar ajuda para educar minha mediunidade. Somente após o terceiro ano de educação mediúnica, tive essa experiência marcante e inesquecível, além de ter conhecido Ramatís (foi a primeira vivência mediúnica que tive com ele nesta encarnação, conforme me lembro). Como não poderia deixar de ser, pela peculiaridade de seus ensinamentos, nosso encontro inicial se deu em torno de um assunto polémico. Mal sabia eu que isso serviria para minha preparação, para estar futuramente à frente de um congá, zelando por uma choupana de Umbanda.

Voltando na semana seguinte ao grupo de educação mediúnica do centro espírita que eu frequentava, não me contive e, reservadamente, confiei a experiência dos tambores no Astral à dirigente, e ela me mandou para a coordenação da escola de médiuns. Dito e feito: deram-me como obsediado e me encaminharam para a desobsessão por seis semanas consecutivas. Naquele dia, aprendi o significado do segredo: certas coisas devemos escutar, ver e calar. Nunca mais deixei de seguir uma orientação dos guias, quando me pedem para silenciar.

Atualmente, temos na Choupana o atabaque[2], que é um tipo de tambor. Ele compõe o que chamamos de”curimba”, que é o nome do grupo responsável pelos toques e cantos sagrados dentro de um terreiro de Umbanda. Os médiuns fazem parte da curimba e batem o atabaque que, para nós da Umbanda, é um instrumento sagrado de percussão. Eles também cantam os pontos em conformidade com a sequência ritual da sessão.

A união dos pontos cantados com os toques do atabaque é de suma importância para a sustentação vibratória da sessão, e devem ser bem fundamentados e compreendidos por todos. Os cânticos servem de marcação para todo o ritual do terreiro, que se divide em partes: defumação, abertura,

saudação, chamada, sustentação, descarga e encerramento. A defumação se dá logo no início. Na abertura, é cantado o hino da Umbanda e o ponto do Exu da tranqueira da casa.

Na saudação, louvamos o Orixá regente do congá e o guia-chefe, se for o caso. Nos pontos de chamada, são invocadas todas as entidades que se manifestam através dos médiuns. Durante a sustentação são cantados os pontos, enquanto os consulentes tomam os passes e fazem suas consultas. Nessa fase do ritual, a gira está correndo, como se diz. No instante da descarga, cantamos para que as energias negativas não fiquem no terreiro e retornem à natureza, e então encerramos com os cânticos.

Obviamente, esse roteiro é básico e existem variações conforme os trabalhos da noite e de casa para casa.

Os toques do atabaque também têm a função de auxiliar a concentração da corrente mediúnica, uniformizando os pensamentos e não deixando a desatenção instalar-se. Associados aos cantos, envolvem a mente do médium, não deixando que se desvie do propósito do trabalho espiritual.

Desde as culturas xamânicas mais antigas, passando por praticamente todas as regiões planetárias ao longo da História, temos o registro do uso dos tambores com cunho espiritual. Os cantos bem entoados e vibrados atuam nos chacras superiores (notavelmente o cardíaco, o laríngeo e o frontal), ativando-os naturalmente e potencializando a sintonia com as entidades do Astral. As ondas sonoras emitidas pela curimba irradiam-se para todo o centro de Umbanda, desagregam formas-pensamento negativas, morbos psíquicos e vibriões astrais “grudados” nas auras dos consulentes, diluindo miasmas, higienizando e limpando toda a atmosfera psíquica para que fique nas condições de assepsia e elevação que as práticas espirituais requerem.

Assim, a curimba transformou-se em um potente “polo” irradiador de energia benfazeja dentro do terreiro, expandindo as vibrações dos Orixás. Os cânticos são verdadeiras orações cantadas, ora invocativas, ora de dispersão ou de esconjuras. Também são excepcionais ordens magísticas com altíssimo poder de impacto etéreo-astral que concretizam, no campo da forma coletiva, o que era abstrato individualmente por intermédio das mentes unidas com o mesmo objetivo. É um fundamento sagrado e divino chamado dentro da Umbanda de “magia do som”.

Há que se comentar que os guias não são chamados pelos atabaques, como muitos dizem por aí. Na verdade, eles já estão presentes no espaço astral do terreiro muito antes do início das atividades programadas. Os toques

no atabaque, os cantos, as palmas, enfim, a curimba, por si sós não fazem a ligação com o plano espiritual e com os seus habitantes, servem apenas como sustentadores. O que realmente invoca os Orixás e os mentores são os nossos sentimentos elevados e os pensamentos positivos emitidos. Se não houver harmonia no grupo, cumplicidade, confiança e amor em nossos corações, de nada servirão todos esses recursos sonoros. Eles só potencializarão a desarmonia, a desconfiança e o desamor. O elemento sustentador está em cada um de nós, o que está fora apenas potencializa o que temos dentro.

Tambor, tambor,
Vai buscar quem mora longe;
Tambor, tambor,
Vai buscar quem mora longe:
Vai buscar Oxóssi na mata,
Xangô na pedreira,
Ogum no humaitá,
Yemanjá na beira d'água,
e Oxum na cachoeira.

Levante do Astral inferior e a atuação de Exu

Temos um estudo sistematizado sobre a Umbanda que antecede as sessões públicas de passes e consultas. Os temas são variados e se repetem com o tempo. Aquele seria o primeiro encontro sobre Exu e já percebia-se certa ansiedade nos frequentadores uma semana antes. Como temos um público eclético, constituído por espíritas, umbandistas e também por pessoas oriundas de cultos afro-brasileiros, antevimos a polémica que se formaria, como já havia acontecido anteriormente em cursos e seminários.

Não é fácil falar de Exu no contexto religioso diverso da nossa assistência, que refletia uma sociedade plural, religiosamente falando. Sabendo que existia um trabalho fraterno de esclarecimento e conscientização espiritual – não gosto do termo "doutrinação" –, principalmente para o contingente de desencarnados que comparecia junto com os encarnados, tomei todas as precauções de segurança, renovando os elementos e condensadores energéticos que compõem os campos de força de proteção da casa.

O dia do estudo chegou e trinta minutos antes das 17 horas, horário que começa a preleção que antecede a dinâmica de perguntas e respostas durante os encontros, inesperadamente, faltou luz. Coincidentemente, o mote central do tema *Exu* era a atuação, nas trevas, dos espíritos que se enfeixam nessa vibração. Tivemos que colocar várias velas no salão e no terreiro e fizemos nossa primeira sessão à luz de velas. Ficou uma pergunta no ar: foi realmente uma coincidência?

Ligamos para a companhia estadual de energia elétrica, que nos informou que a previsão para o retorno da luz era por volta das 21 horas e que um disjuntor havia quebrado inexplicavelmente em um transformador próximo ao nosso endereço, mais precisamente numa encruzilhada. Quando fiquei sabendo disso, pensei: "Aí tem coisa!".

Fui fazer uma oração na tronqueira - ponto de firmeza de Exu – para pedir proteção e o Exu Bará da Rua, que comanda um agrupamento de Exus e

dá cobertura na frente da casa, me informou:

– O disjuntor que quebrou fica num poste em que, costumeiramente, são feitos despachos sanguinolentos. O fluido etéreo pesado ali colocado, amalgamado com os pensamentos desalinhados dos transeuntes (de sexo, cobiça, inveja, raiva etc), alimenta uma organização trevosa que mantém nesta encruzilhada uma espécie de portal energético que se abre como um túnel para as zonas umbralinas, formando uma importante usina de combustível que os sustenta. O tema da palestra do dia deixou os membros dessa organização irados, e os inevitáveis esclarecimentos que serão dados sobre a dispensa dos sacrifícios animais e sobre o nosso trabalho os motivaram a um levante. Então, eles criaram uma espécie de "bucha" de ectoplasma e, pelo efeito físico de materialização, conseguiram causar um curto-circuito nos fios, danificando o transformador. A escuridão na Choupana seria favorável à invasão deles, que tinham a intenção de fazer as pessoas passarem mal. Mas está tudo sob controle. Já estamos com reforços e os nossos campos de força estão expandidos. Só conseguirão entrar na Casa os espíritos sofredores e os obsessores ligados aos frequentadores do estudo. Os planos para o encontro do dia poderão ser realizados normalmente, mas muitos espíritos revoltados das zonas trevosas ficarão retidos em nossas malhas magnéticas de proteção, o que tornará a sessão da noite um tanto pesada e será necessário que na próxima segunda-feira seja feita uma descarga especial, a fim de que eles sejam encaminhados aos postos astralinos, onde serão atendidos.

Agradeci a informação desse dedicado trabalhador espiritual e reforcei meu pedido de proteção a Ogum, em nome da coletividade que frequenta nossa Choupana. Tudo isso no mais profundo silêncio e solidão, confiando sempre, tal é a rotina de um zelador de terreiro. Ato contínuo, acendi uma vela para o Orixá Omulu pedindo que nossa descarga vibratória fosse capitaneada no Astral pela sua vibração e que sustentasse os campos de força até a descarga interna especial que aconteceria na segunda à noite (nesta data estariam presentes somente os médiuns, os consulentes não compareceriam).

Ao terminar a rogativa, senti a presença de uma legião de caboclos oguns megês, com espadas em fogo nas mãos, preparados para toda a movimentação e incursão no Umbral que cuidaria do socorro das entidades nas próximas quarenta e oito horas. A vibração de Ogum Megê é o entrecruzamento do Orixá Ogum com Omulu, é responsável por socorrer os

espíritos que ainda não têm consciência de que desencarnaram e são escravizados por essas organizações trevosas do Umbral inferior, principalmente os capturados nas portas de cemitérios.

Há que se falar das peculiaridades, aparências e linguagens dos Exus. Antes, porém, é importante conceituarmos a vibração energética de Exu, separada de entidades espirituais que atuam enfeixados nela.

Objetivamente, todo o movimento no Cosmo, em suas diversas dimensões vibratórias, é Exu. Se não fosse Exu, o Universo seria estático e não haveria evolução. O nascimento de uma estrela, um orbe, o balanço das ondas do mar e das folhas em uma árvore tem incidência de Exu. Exu não é a energia primordial que forma tudo, mas faz tudo se movimentar. Se assim não fosse, não teríamos os descensos vibratórios dos espíritos para encarnarem, nem conseguiríamos voltar para a dimensão astral quando desencarnamos, ficando "presos" na crosta. A própria coesão molecular planetária é originada do movimento de aglutinação que a vibração de Exu propicia. Por isso se diz na Umbanda que não existe Orixá sem Exu.

Quando manipulamos qualquer elemento, como flores ou ervas para os Orixás, na verdade quem transporta o fluido liberado é a vibração de Exu. Se Exu tudo equilibra, abre e fecha, faz descer e subir, seja na horizontal ou na vertical, quais são as tarefas e peculiaridades das entidades que labutam nessa vibratória? Primordialmente, podemos dizer que são guardiões do carma, do *eu crístico* de cada individualidade. Atuam muito próximos ao Criador, em função da aplicação da lei universal de causa e efeito. Assim, perto d'Ele, não são dualistas, expressam-se em similitude ao Uno e não se prendem a julgamentos de certo ou errado, bem ou mal e milagre ou pecado, como nos impuseram no inconsciente, por milénios de culpa, as religiões judaico-cristãs. O que, aparentemente, pode ser um mal em nossa limitada avaliação, para uma entidade Exu é o necessário para reencaminhar um filho à equidade de suas ações.

Imaginemos que uma determinada pessoa não admita que seu esposo seja médium umbandista. Além de colocar seu nome em uma corrente de orações da igreja que frequenta, arquiteta ir junto com o pastor e mais um grupo de obreiros até o terreiro fazer um "barraco" no dia da sessão frequentada pelo esposo. Ao sair de casa para encontrar os demais, o Exu guardião do médium em questão, autorizado pelo guia-chefe do terreiro no Astral, dá um "toque" em seus ouvidos fazendo-a ter uma crise de labirintite, o que a impede de concretizar suas intenções. Numa outra tentativa,

novamente advém a crise de labirintite e a esposa intrometida é impedida de interferir na opção religiosa do marido. Alguns dirão: “Nossa, isso é uma maldade!”. Para Exu, nada mais é do que a aplicação da lei, dado que nossa irmã não está respeitando o livre-arbítrio do companheiro e, individualmente, premedita um escândalo diante de uma coletividade. Perde, assim, todo o direito de ação e tem a lei universal de causa e efeito aplicada contra si e potencializada pelo interesse coletivo em detrimento do egoísmo individual.

Exu não tem pena e não se liga emocionalmente; ele simplesmente cumpre a aplicação da lei, doa a quem doer. Exu se apresenta de diferentes formas, dependendo do meio onde atuará. No meio de baixa vibração, ele será denso e horripilante para impor respeito. Nos paramos celestiais, iguala-se em beleza aos arcanjos, como vemos nas imagens católicas. Obviamente, se não houver merecimento para a atuação de Exu, de nada adianta pedir. Há que se comentar que os pedidos e oferendas para que Exu faça o mal a outrem, arrume namoradas, consiga empregos, derrube desafetos, traga amor de volta e tantas outras artimanhas desrespeitosas para com o livre-arbítrio e o merecimento do próximo nada tem a ver com os verdadeiros Exus da Umbanda. O terreiro pode até trazer na fachada o nome “Umbanda”, mas aí o engambelo, o engodo e a mistificação se fazem presentes, pois o falso Exu tripudia em cima do verdadeiro Exu, ancorando-se no imediatismo das pessoas que o invocam. Enquanto esse escambo do toma lá dá cá persistir, teremos falsos Exus como temos falsos caboclos, pretos velhos, ciganos etc, tal qual existem engenheiros corruptos, médicos que fazem aborto e advogados que aceitam propina.

Um assunto que impressiona e que veio à tona no referido dia de estudo à luz de velas *é* sobre os despachos nas portas dos cemitérios e os assédios nos enterros. Diz-se que os espíritos dos recém-desencarnados poderiam ser capturados ou que os seus restos fmídicos cadavéricos poderiam ser vampirizados. Mesmo em um ambiente de aparente anarquia, como os muros e portas dos cemitérios, onde todas as sextas-feiras são feitas centenas de oferendas com animais imolados (dando muito trabalho para o departamento municipal de limpeza urbana, no sábado bem cedo), existe uma hierarquia espiritual que organiza e disciplina os substratos astrais inferiores, na maioria das vezes invisíveis aos seus habitantes. Temos que considerar que um cemitério é um local de movimentação coletiva e, quanto maior o número de enterros diários, mais reforçada é a proteção. Não é à toa que na Umbanda é chamado de campo santo. Existem barreiras magnéticas de

proteção e falanges espirituais zelando pelos desligamentos. Consideremos que as tumbas mortuárias são quase inexpugnáveis, salvo nos casos em que são permitidas as violações no Astral. Tenhamos em mente que determinados espíritos, suicidas indiretos (como os alcoolistas, os viciados em drogas e os motoristas que ultrapassaram os limites de segurança e acabaram morrendo prematuramente), não cumpriram o prazo necessário de permanência nos corpos físicos, já que vieram programados com um *quantum* de energia para "x" anos de vida. Quando interrompem essa programação, mesmo que inconscientemente, têm de cumprir o prazo de vida restante ficando seus perispíritos "grudados" nos despojos carnais, ou seja, não serão desligados dos restos cadavéricos até que expire o tempo de vida que ainda teriam que viver. Nesses casos, os Exus de cemitérios zelarão pela integridade das tumbas mortuárias, como também acompanharão e assistirão de perto os desligamentos daqueles que têm merecimento.

***

Pergunta – E nos casos em que são permitidos os achaques aos túmulos no Astral, a vampirização fluídica e até o sequestro de espíritos por hordas de invasores nos cemitérios? Qual é o merecimento desses coitados, supondo que não existe injustiça no Cosmo?

Ramatís – Mesmo nos extermínios raciais, ao longo da História, existiram critérios, normas e hierarquias para organizar os genocídios, aparentemente cruéis. Em épocas distintas da existência, espíritos representantes das minorias religiosas, perseguidas e dizimadas, outrora foram a maioria perseguidora, assassinos, conquistadores de nações, ex-soldados e generais saqueadores de templos ditos pagãos. Pela oportuna lei de afinidade, retornaram para eles os ajustes retificativos e hoje são devedores do livro-caixa da lei maior. Os que não entendem a lei de retomo, tachando a Divindade de "dura", iludem-se com o imediatismo de uma encarnação diante dos ditames de equidade espiritual que impõem a cada um a colheita obrigatória da livre semeadura no jardim da atemporalidade do espírito imortal. No caso em questão, os achaques aos sepulcros são consentidos pelo fato de os achacados não terem o merecimento de defesa. Foram espíritos exploradores enquanto estavam "vivos" na crosta. São ex-pais de santos insanos que mataram milhares de animais, escravizando hordas de espíritos com o escambo fluídico que os deixaram dependentes como viciados. Cessada as oferendas sangrentas, revoltaram-se contra o senhor

escravizante que, fora do “paletó de carne”, os capturava nos muros e portas dos cemitérios. Invadiram a morada do Além-túmulo em igualdade de insanidade e aprisionaram o espírito recém-desencarnado, jogando-se como lobos vorazes sobre os restos do duplo-etéreo (cascão astral “colado” nos despojos carnais responsável por fazê-los sentir nas entranhas as agulhadas vampirizadoras). Outros há que foram vendedores de drogas a jovens rapazes, incitando-os a roubar suas famílias para diminuir a ânsia da abstinência gerada pela viciação. Estes não são diferentes dos aliciadores de menores, que os obrigam a cometer centenas e centenas de abortos por puro prazer sensório. Nada se modifica de uma hora para outra no grande teatro da existência. Alteram-se os cenários, trocam-se as roupas, mas o enredo que enovela as almas permanece inalterado até que elas mesmas aprendam a desatar os nós que deram.

Pergunta – Que tipo de Exu atua nos sítios vibratórios dos cemitérios e que carma os mantêm, nessa tarefa ingrata e inferior, como consideram muitos espiritualistas?

Ramatís – Inferior aos olhos limitados dos homens, que se sentem superiores e eleitos distantes do Cristo, dando palestras verborrágicas às multidões nos centros assépticos, ventilados e bem iluminados. Porém, essa tarefa é da mais alta dignidade, na visão espiritual dos Maiorais do Espaço. É uma tarefa “ingrata” se comparada à de Jesus – com suas vestes suadas, sandálias puídas e pés empoeirados –, que curava nos leprosários. Os modernos e refrigerados templos religiosos, qualificados assim em pompas pelo gordo ofertório dizimista, mantêm os seus pastores bem vestidos, perfumados e penteados qual atores novelescos, algo incompatível com a entrega evangélica do Mestre em terrenos arenosos e causticantes ou a de um Exu caveira ou calunga atuando nas frentes assistenciais dos desligamentos dos “recém-mortos” da Terra.

Pensai em vossas cidades sem o recolhimento do lixo urbano ou sem o trabalho da guarda penitenciária, e tereis um quadro semelhante do que seria o plano astral sem os trabalhos dos prestimosos Exus. Muitos deles são missionários sob a égide de Maria de Nazaré, entidade da mais alta estirpe sideral que, por amor, prefere atuar nas unidades de tratamento intensivo de hospitais, nas alas de oncologia e nos cemitérios, socorrendo as almas com seu manto de caridade. Claro está que nada se perde na espiritualidade, tudo se transforma e conspira para a evolução. Muitas são as frentes de trabalho

ofertadas a espíritos que necessitam de um “salto” evolutivo. Pela natural consequência das leis de causalidade que regem a harmonia cósmica, os espíritos que atuam numa legião de Exus caveira têm carmas semelhantes, embora distintos, o que torna impossível elencarmos um a um. Então, em conformidade com os nossos compromissos para com os Maiorais que nos autorizam a trazer amigos do lado de cá para se manifestarem e nos auxiliarem na elucidação sobre o Além, Senhor João Caveira, um Exu atuante na Umbanda e nas faixas vibratórias dos cemitérios, se manifesta através da psicografia:

> Agradeço ao espírito Ramatís pela oportunidade e esforço para estarmos na mesma faixa mental, junto ao presente médium. Longe de querer elevá-lo, pois não perdemos tempo deste lado da vida com firulas e floreios, nem é da minha maneira de ser, não poderia deixar de registrar o quanto esse amigo contribui direta e intensivamente para a higienização das zonas abissais do planeta, enquanto muitos, equivocadamente, o evocam no meio de mantras ensaiados, pensando em naves ascensionadas no Espaço. Do lado de cá, metemos a mão na cumbuca, para quem sabe futuramente conseguirmos minimizar um pouco as hecatombes da natureza contra o orbe, em decorrência das destrutivas ações humanas. Deferências feitas, voltemos à nossa história. Não poderia ser diferente, tive várias encarnações, mas uma me marcou especialmente e me trouxe às faixas vibratórias “infernais” onde hoje atuo. Vim para o Brasil em uma nau portuguesa. Era um jovem príncipe nagô e fui retirado da minha nação e clã, perdendo o cetro sacerdotal que herdaria do meu pai. Cá chegando, fui misturado com escravos de outras origens e etnias africanas, o que me causou muito ódio. Eu, um príncipe de alta ascendência étnica do Ketu, no meio da plebe, numa senzala! Logo me vi destituído de qualquer insígnia sacerdotal diante da mistura racial de nações e também pelo fato de ser muito jovem. Um africano mais velho assumiu as tarefas religiosas no interior da nossa senzala, o que só fez aumentar em mim o orgulho ferido, o ódio e os ciúmes. Trabalhei arduamente na plantação e colheita de cacau, pois era muito forte e alto. Logo caí nas graças do patrão, dono da fazenda, que me prometeu alforria se eu me tornasse capataz dos escravos. Assim, eu, um espécime de negro nagô da raiz da antiga e pujante cidade do Ketu, tornei-me o maior algoz do meu povo e de todas as outras nações

africanas no interior da Bahia, prestando serviços para inúmeros fazendeiros escravistas. Perseguia os ritos religiosos e não dava trégua aos fugitivos, até capturá-los de volta. Eu era muito bom em perseguí-los e meu passatempo predileto era trazê-los de volta e decaptá-los, deixando suas cabeças expostas em galhos de árvores para os urubus se alimentarem, ou em cima de formigueiros para as formigas vorazes rapidamente devorarem os olhos e sobrarem dois buracos horripilantes nas faces ainda camadas. Para um nagô isso é a pior coisa que pode acontecer: não aplicar o ritual do axexê aos mortos. Dessa forma eles não se tornariam amoruns, ou seja, habitantes do orum – o céu em nossa crença. Então, arrancando a cabeça e deixando para os urubus ou para as formigas comerem eu, intencionalmente, não permitiria a retirada do ori (iniciação que assenta o Orixá no corpo). Tratava-se de um ritual de retirada simbólica, em que eram retirados alguns fios de cabelo do topo da cabeça, onde era feita a iniciação, conforme a religião praticada, propiciando aos espíritos dos mortos que vivessem no orum e, ao mesmo tempo, que fossem cultuados de tempos em tempos como ancestrais. Eu os tornava, com requintes de sadismo e crueldade, espíritos presos na crosta, mendigos do Além-túmulo, sem lugar adequado para existirem, contrariando suas crenças religiosas. Ao desencarnar, assassinado pelos negros escravos numa cilada no meio da plantação de cacau, tive meu corpo decapitado e os pedaços foram jogados para os cachorros. No outro lado da vida, sofri nas mãos de todos aqueles que assassinei até o dia em que caí exaurido e chorei copiosamente pedindo perdão aos Orixás do meu clã. Nesse momento, apareceu na minha frente meu pai, que tinha ficado na África e que eu nunca mais tinha visto. Sacerdote zeloso para com os Orixás e para com o nosso clã e a nossa crença, me abraçou calorosamente e apresentou-se como Pai João das Almas, me dizendo: “Agora sou um pescador de Olurum, que é o Deus onipotente, que nos deu vida e não faz separação. Todos somos filhos d'Ele e irmãos de uma mesma família. Sendo filhos da mesma mãe e do mesmo pai espiritual, não pode haver diferença entre nós e a todos são dadas as mesmas oportunidades de redenção. O Deus onipotente, o Criador do Universo, nos remete ao diálogo para com todas as almas perdidas”. Com suas palavras doces e sábias, ele me perguntou: “Queres ajuda daquele que acredita no que profanaste em tua última e recente vida?”. Em prantos, disse que sim e caí em seu colo.

Acordei no Astral em uma estação socorrista nagô ligada ao Brasil. Em pouco tempo fiquei forte e recuperado como o jovem de outrora. Informaram-me que estava se formando uma nova religião no Brasil, decorrente da perseguição religiosa e da proibição dos negros e dos índios de se manifestarem através da mediunidade. Deram-me a oportunidade de trabalhar em uma legião de Exus caveira e também um novo nome, passando eu a ser, simbolicamente, mais um João como muitos outros, embora com uma história própria, como todos os demais. Então, desde o início do século passado, cá estou no Astral brasileiro sob a bandeira da Divina Luz, a Umbanda. Já poderia ter reencanado, mas pela urgência e pelo tamanho da empreitada assistencial nas zonas trevosas do orbe (que cada vez se avolumam mais nestes tempos chegados), do lado de cá vou ficando, com as bênçãos de Oxalá-Jesus, de Pai João das Almas e de Ramatís.

O preto por ser preto
Não merece ingratidão
O preto fica branco e o branco fica preto
Na outra encarnação
No tempo da escravidão
Como o senhor me batia
Eu chamava por Nossa Senhora, Meu Deus!
Como as pancadas doíam

***

Moço, vou lhe apresentar, vou lhe apresentar
Um espírito de luz pra lhe ajudar (oi, moço...)
Ele é João Caveira, ele é filho de Omulu
Quem quiser falar com ele, salve, Exu!
João Caveira vem,
vem me ajudar (bis)
mironga é boa só pra quem sabe girar.
Eu corro o céu, corro a terra, corro o mar,
também corro encruzilhada e cemitério para todo mal
levar.

***

Eu andava perambulando sem ter nada pra comer.
Vim pedir às Santas Almas para virem me socorrer... Foram as Almas

que me ajudaram, foram as Almas que me ajudaram. Saravá, minhas Santas Almas! Viva Deus, nosso Senhor!

Descarga energética, reciclando o lixo astral

A maioria das pessoas que comparece à sessão de caridade num terreiro de Umbanda, está com algum transtorno ou algo que as incomode. Uma minoria vai com regularidade somente por gostar e não apresenta nenhum sofrimento aparente. Raríssimos são os que assistem à palestra e não querem receber o passe por se sentirem bem. Como o médium passista doa fluidos e, de regra, nunca recebe de nenhum consulente, se formos raciocinar com profundidade concluiríamos que o passe deveria ser somente para aqueles que realmente estão precisando. Existe essa cultura do"papa-passe". Se fôssemos deixar o portão do terreiro aberto, muitos compareceriam só na hora do passe e iriam embora. "Essa coisa de palestra é muita chata", pensam. Por que será que em outras religiões, como por exemplo nas missas católicas, os presentes só recebem a hóstia depois das preleções e da eucaristia e ninguém chega na última hora? Pensemos que talvez caridade deva ter hora certa para início e término, não sendo o assistencialismo que vulgariza as sessões.

A marola do mar
Vem chegando
E os caboclos sereia
Descarregando

Diz-nos Vovó Maria Conga que a Umbanda ainda é um saco de todos os gatos e que, se não colocarmos ordem e disciplina nos ritos, uma hora o saco vai rasgar, referindo-se aos que ficam nos botecos bebendo e jogando sinuca ou em casa vendo a novela, tomando a cervejinha com o bife acebolado e saem correndo em cima da hora para não perderem o passe no terreiro camarada. O saco rasgado é o médium extenuado que é sugado até a última gota de seu fluido e ainda deixam sobre ele um monturo astral, peias magnéticas, larvas astrais, vibriões, enfim, toda sorte de energias negativas despejadas juntamente com as lamúrias, choros e pedidos de ajuda os mais

diversos.

Mesmo após a defumação do templo e das palestras que elevam o psiquismo dos presentes, facilitando a liberação de suas energias negativas, culminando com ritual de fogo, antes da abertura da sessão propriamente dita, o que é um potente elemento desintegrador de miasmas e vibrações pesadas, os consulentes entram para os passes e consultas ensimesmados, com ideias fixas, presos às suas dores e queixas e, consequentemente, imantados aos obsessores diretos ou indiretos, como são os espíritos desencarnados que se fixam nos chacras com a finalidade de haurir suas energias animais.

Durante os passes e as consultas ocorre grande movimentação astral, e dentro do merecimento de cada um, são afastados obsessores, desmanchados campos de força oriundos de magia negativa, “mau-olhado”, quebranto e uma infinidade de resíduos energéticos gerados pelos chacras desequilibrados que estão colados em torno do duplo-etéreo dos atendidos e que, literalmente, parecem um ar condicionado com o filtro sujo e entupido que fica limpo e recondicionado após o atendimento.

Diferente das sessões desobsessivas dos centros espíritas ortodoxos, em que os médiuns dão passagem a várias manifestações de espíritos desalinhados e sofredores para serem doutrinados, na Umbanda o medianeiro está vibrado por um guia que serve de escudo protetor. Mesmo assim, o aparelho mediúnico, muitas vezes ao final dos trabalhos se ressente, tal o volume de “lixo astral” que fica acumulado na área etérea contígua ao terreiro físico. O que faremos com todas essas energias negativas? Deixar que fiquem paradas num local que nos é sagrado, onde cultuamos os Orixás? Claro que não! Não sei como certos centros espíritas conseguem desintegrá-las só com a força da oração, após todas aquelas manifestações. Lembro-me que, quando trabalhava na desobsessão kardecista, por várias vezes saí dos trabalhos com as pernas trémulas, sentindo-me enfraquecido e, não raro, com dor de cabeça e dor de barriga. Às vezes também tinha pesadelos noturnos com os atendidos. Comecei a me fortalecer quando voltei a frequentar a Umbanda, até que um dia o Caboclo Pery me “proibiu” de continuar o trabalho de mesa com os sofredores, sob a pena de minha mediunidade ficar em frangalhos e eu adquirir uma séria fadiga fluídica. Como meus chacras e meu tônus mediúnico estão vibrados para trabalhar com as entidades ligadas à Umbanda pela modalidade de incorporação, creio que isso acaba obstando ao trabalho concomitante nas hostes kardecistas aos moldes habituais usados na desobsessão, o que é uma especificidade da minha mediunidade e não serve

de modelo para outros médiuns que atuam no kardecismo e ao mesmo tempo nos terreiros, não se ressentindo energeticamente. Oportunamente, o Caboclo Pery, no seu linguajar direto e simbólico, me explicou melhor:

– Meu filho, que adianta um carro moderno se a gasolina é colocada com impurezas no tanque? Procure colocar um pouco de água lamacenta no combustível e veja o que acontece ao modelo mais tecnológico. É isso que ocorre em alguns centros espíritas: usam a gasolina que, em associação, é a prece, mas se esquecem da água lamacenta, que são os restos fluídicos deixados pelos espíritos atendidos com seus corpos astrais em péssimo estado, como andarilhos mendicantes. Não se preocupam com o destino dos fluidos negativos. Esperam que façamos tudo no plano espiritual, como se fôssemos "santos" infalíveis. A própria barreira magnética vibracional que se forma no plano denso, na crosta e nos corpos físicos é de difícil superação para nós, quando não impossível, frente a alguns médiuns desalinhados no dia da tarefa caritativa. Alie a "desatenção" a essas energias, que não são descarregadas devidamente para a natureza, à desconcentração da corrente (coisa natural depois de dez a dozes horas de trabalho profissional, crescido o cansaço, fome e sono) – o que, muitas vezes, se intensifica pela ausência de ritual, levando as mentes inquietas, sem terem um ponto de apoio para a concentração, a "voarem por aí" como se fossem passarinhos fugindo das gaiolas –, e não terá mentor no plano espiritual que consiga fazer em todas as sessões uma assepsia satisfatória no ambiente ao final dos trabalhos, por, eventualmente, falharem os aparelhos na Terra, o que acaba servindo de aprendizado aos médiuns invigilantes.

Como um bumerangue que volta ao lançador, os fluidos enfermiços podem ficar em alguns médiuns mais sensíveis, enquanto os sofredores do lado de cá saem aliviados. Ao menos se tomassem um bom banho de arruda[3] ao deitarem no descanso de seus lares (o que já é comprovado cientificamente quanto às propriedades adstringentes e dispersivas), teriam uma boa noite de sono e no outro dia estariam renovados. No seu caso, pelo seu corpo astral estar vibrado para a corrente mediúnica da Umbanda, ao não fazer a descarga energética em nossos moldes, sua aparelhagem acabava, indiretamente, sendo a coletora do lixo astral que ficou no ambiente, o que se agravava pela proibição da manifestação das entidades de Umbanda, em sua sensibilidade, ao final dos trabalhos e, por repercussão vibratória, somatizava e criava as enxaquecas e diarreias, o que, na verdade, é uma descarga energética orgânica. Quanto aos pesadelos, nem sempre foi assédio de algum

malfeitor do lado de cá. Muitas vezes, um cascão astral tem “memória” e, por ficar grudado na sua aura, você acabava recebendo em sua tela mental as impressões gravadas neste egrégoro, como se ele estivesse vivo. O metabolismo do corpo físico rapidamente desintegrava-o, antes, contudo, ele te fazia sofrer, o que seria dispensável se soubessem manipular os elementos e condensadores energéticos necessários para desintegrar todos esses restos fluídicos deletérios. Há que se comentar que não devemos generalizar. Por certo, a maioria dos medianeiros espíritas sai bem ao final dos trabalhos e não tem suas auras “abertas” para as peculiares vibrações da Umbanda, como só acontece com os trabalhos magísticos que exigem que o médium umbandista seja usado como “armazenador”, retendo em seus chacras os fluidos pesados, que são descarregados somente ao término dos atendimentos.

Ao final das sessões, encontros caritativos em que, às vezes, são atendidos 150 consulentes, não é incomum que o ambiente fique gelado, nossas mão frias e os médiuns pálidos. Outras vezes, sentimos taquicardia, sudorese, estufamento estomacal, dor abdominal, dor de cabeça e dor nas pernas ou nos braços. Montes de energias pesadas ficam imantadas e fixadas nos centros de força dos Orixás que temos dentro do terreiro. Eventualmente, permanecem na casa espíritos que devem ser encaminhados para os locais no Astral que lhes são afins, seja um entreposto hospitalar socorrista ou as suas próprias organizações, quando são devolvidos aos seus chefes, o que é terrível para eles, mas os guias não podem fazer nada pelo fato de eles ainda não terem alcançado o merecimento para receberem socorro.

Outros há que são encaminhados para a rua, no Astral, pois são perambulantes que estavam sugando os consulentes e, sem se darem conta, entraram no terreiro. Nenhum espírito que não seja mentor da Umbanda pode ficar no ambiente astralizado que tangencia o terreiro, que deve continuar ionizado em vibrações positivas como no início dos trabalhos. Os campos de força dos Orixás não podem ficar vibrando com negatividades humanas, sob pena de comprometer o fluxo de axé (energia primordial e vital), mantenedora do congá e da casa.

Então, com cânticos de lemanjá e o elemento aquático que se liga ao sítio vibracional do mar, lansã e o elemento eólico que se enfeixa com as correntes aéreas, Exu, que é movimento, Omulu e o elemento telúrico da Terra em seu potente magnetismo de atração, se dão as incorporações aos finais dos trabalhos, reenergizando os médiuns e ao mesmo tempo deslocando todos os fluidos negativos para a natureza transmutadora. Essa

dinâmica de descarga energética se apoia na utilização de três alguidares (vasilhames de argila): água, cachaça e terra, que são jogados ao final em um jardim, e também na utilização do fogo (álcool), que é utilizado em todos os trabalhos.

Ó, povo de Umbanda
vem ver os filhos seus
descarrega esses filhos na hora de Deus
se veres um filho caído no chão
levanta, levanta, são todos irmãos
que filho de Umbanda não fica no chão.

***

Descarrega, descarrega, todo o mal que aqui está.
Leva, leva, leva
Leva pró fundo do mar. (bis)

Banho ritualístico pode ser placebo ritual

As ervas e o reino vegetal são indispensáveis à sustentação dos seres vivos. Os vegetais retiram o prana (axé) da natureza, já que são potentes condensadores energéticos. Então, eles são importantes reservatórios do éter vital, axé das energias primárias oriundas dos quatro elementos planetários: ar, terra, água e fogo.

Os vegetais são utilizados para a nossa alimentação e para a magia, modificando suas energias vitais condensadas através de processos e rituais propiciatórios à sua extração: queima, maceração, infusão, fervura e outros.

Obviamente, o melhor banho é o realizado diretamente junto à natureza, no sítio vibratório do Orixá e da energia que se busca. Diante da vida agitada dos tempos atuais e da absoluta falta de tempo e escassez financeira, cresceram em importância os banhos ritualísticos que reproduzem, em escala menor, as vibrações maiores da natureza.

Os banhos ritualísticos fazem parte de um ritual que objetiva a extração e a intencional troca energética com a natureza, a fim de conseguirmos com mais facilidade o equilíbrio energético dos nossos chacras. Associados à elevação dos pensamentos e a uma conduta reta, os banhos servem para remover energias negativas, melhorando a recepção mediúnica pelo alinhamento e desobstrução dos chacras. Em contrário, feitos de forma mecânica, sem nos ligarmos mentalmente com as energias benfazejas da natureza e dos Orixás, o que nos exige um comportamento prático de altruísmo, amor ao próximo, perdão das ofensas e total desinteresse pessoal no mediunismo, os banhos perderão seu efeito.

A fisiologia do banho se explica na contraparte etérica do corpo físico, mais conhecida como duplo-etéreo. Os elementos materiais utilizados, quando dispersos na água e jogados sobre os chacras, repercutirão como se tivessem o efeito de uma explosão energética, impulsionando o prana (éter vital ou axé) num movimento de ascensão e descenso vibratório concomitantes, impactando no corpo astral e mental bem como nos chacras e, finalmente, no corpo físico.

Há que se comentar que os banhos não são indicados somente para os

médiuns, tendo larga aplicação no campo da saúde e das curas espirituais. Todavia, certos banhos de defesa e de fixação energética se restringem aos que estão com suas mediunidades ativas na Umbanda, devendo ser feitos por quem entende e em local e rito específicos com o objetivo que se almeja, especialmente os destinados ao fortalecimento da sensibilidade e do tônus mediúnico.

Não ensinaremos como se fazem os banhos por entendermos que as prescrições devem ser individuais. Faremos somente uma conceituação básica de alguns tipos de banho usuais.

Banhos de descarrego

Esse tipo de banho talvez seja o mais conhecido. Tem como objetivo a descarga das energias negativas.

Em nosso dia a dia passamos por locais e trocamos energias com várias pessoas. Na coletividade predominam os pensamentos pesados eivados de irritação e ansiedade. A egrégora que se forma nos locais de aglomeração humana favorece a criação de miasmas, larvas e vibriões astrais que, pouco a pouco, vão se aderindo aos transeuntes e se alimentando de seus fluidos vitais. Mesmo em constante vigilância, a exposição diária a essa teia de pensamentos deletérios nos faz frágeis, o que torna impossível nos protegermos dado que, em determinados momentos da rotina diária, nosso padrão mental cai e abrimos a guarda. Os banhos de descarga ajudam a nos livrarmos dessas energias negativas e, basicamente, são de dois tipos: banho de sal grosso e banho de descarrego com ervas.

Banho de sal grosso

Bastante utilizado e de fácil realização. Feito de sal grosso marinho, trata-se de um ótimo condutor elétrico que descarrega os íons dos átomos com excesso de cargas negativas (ionizados). Atua no duplo-etéreo, tirando as energias negativas por um processo de desmagnetização.

Depois do banho de sal grosso – na verdade um banho de introdução –, é importante tomarmos outro banho ritualístico, pois foram descarregadas as energias negativas e positivas, podendo nos deixar desenergizado, o que só

é revertido com outro tipo de banho, desta vez de fixação e não de desimpregnação. Por isso não descrevemos como se fazem os banhos e recomendamos muito critério a quem os toma. Não devemos banalizar e fazê-los todos os dias. Os banhos não substituem a reforma íntima e as boas intenções da alma, que vêm de dentro para fora.

Banho de descarga com ervas

Trata-se de um banho mais elaborado e não tão popular quanto o de sal grosso. Seu efeito é mais duradouro, embora não seja tão invasivo. Algumas ervas são dispersivas de fluidos e limpam a aura, desintegrando miasmas, larvas astrais e outras negatividades. Uma erva excelente para este tipo de banho é a folha do tabaco e, na sua falta, usa-se o fumo de rolo macerado.

Banho de defesa

Banho utilizado para a proteção da integridade energética dos chacras. Serve como um escudo vibratório, preservando estes transformadores de energia de certas emanações altamente nocivas, como a dos rituais de desmancho de feitiçarias e que exigem manifestações de espíritos sofredores presos nos despachos sanguinolentos de encruzilhadas ou em covas onde foram enterrados, objetos de uma determinada pessoa que objetivou sua doença.

Também é utilizado se tivermos que “meter a mão” em algum despacho que é feito na porta da nossa casa ou do terreiro, pois, infelizmente, isso ainda existe. Também utilizamos este tipo de banho quando vamos, por algum motivo, visitar outro agrupamento mediúnico e não temos certeza de sua idoneidade. Lamentavelmente, muitos usam o nome da Umbanda mercadejando a fé alheia, e tantos outros, veladamente, introduzem nos rituais as imolações e sacrifícios animais para serem mais rápidos e “fortes” nos trabalhos, visando a atrair mais e mais consulentes e aumentar a arrecadação.

Banho de energização

É realizado após os banhos de descarrego, restabelecendo o equilíbrio entre as cargas negativas e positivas dos átomos e moléculas etéricas componentes dos chacras. Recomendado em dias de trabalho mediúnico, especialmente nas sessões em que o médium sente-se cansado após o término. Utiliza-se este banho independente de sermos médiuns ou não.

Indicamos um banho fácil de fazer e que pode ser tomado por qualquer pessoa, não causando nenhum mal-estar: pétalas de rosas brancas, amarelas ou vermelhas, alfazema e alecrim.

Banho de fixação

Tem finalidade mediúnica e é velado, fechado ao público, pois faz parte de rituais internos de magia, iniciação ou consagração. Este banho é feito por Orixás com as ervas astro-magnéticas afins às suas sagradas energias e deve ser conduzido por quem é médium e sacerdote. Objetiva um contato límpido e profundo com os guias. Os chacras vibram em similaridade vibratória com o Orixá do neófito que está sendo iniciado ou consagrado para o futuro sacerdócio dentro da Umbanda, tornando a sua mediunidade bem apurada para o ritual. Sendo as ervas manipuladas ligadas ao Orixá regente do médium e, por sua vez, aos guias que o assistem, são prescritas por genuínos chefes de terreiro, médiuns magistas e de incorporação, que obtêm verdadeira e profunda cobertura espiritual de quem entende do riscado: as entidades astrais da Umbanda.

Ao tomar seus banhos rituais, seja qual for a finalidade, ao acender sua vela ao seu “santo” de fé (Orixá) e ao comparecer à defumação e à sessão mediúnica, procure fazê-los antecedidos dos preceitos descritos a seguir para que não se tornem “placebos”rituais, inócuos e sem repercussão em suas auras espirituais:

- Preserve seu coração com o perdão incondicional, como se diariamente tivesse pondo uma oferenda no altar divino, aos pés de Deus.
- O dever cumprido sustenta a harmonia espiritual. Nenhum equilíbrio espiritual se mantém se não cumprir suas obrigações para com os seus semelhantes.
- Antes de qualquer ato ritual que manipule elementos materiais,

mantenha-se em oração. A prece sincera é luz que fortalece o corpo e a alma e a predispõe a receber energias superiores.

- Não se deixe levar pelo excesso de trabalho e pela cobiça do ganho desmesurado. O descanso e o lazer são indispensáveis e as interferências das Trevas se dão pelas horas ocupadas e vazias de sentido existencial.
- Leia e estude ininterruptamente. O conhecimento é o alimento do espírito e amplia o discernimento.
- Não tenha ódio e não revide as ofensas. A cólera é própria dos entes animalizados e nos conduz às garras do baixo Astral.
- Não faça fofocas e não caia em maledicência. Quem revolve um lago turvo que não conhece pode se respingar de lodo.
- Mantenha-se em contato com a natureza ao menos quinze minutos por dia. Pode ser um breve olhar para uma flor ou para um pássaro na caminhada diária, antes, durante ou após o almoço. Aprenda a desanuviar as tensões mentais.
- A alimentação frugal é a garantia de saúde e longevidade. Preferencialmente, afaste-se do camivorismo, se não definitivamente, ao menos nos dias de sessão mediúnica e sempre que puder.
- Use a paciência incansavelmente e não se irrite com facilidade. Deus e seus enviados são pacientes conosco há milhões de anos, mesmo que destruamos as obras de Suas criações, como fazemos com a natureza do planeta que nos aloja no Cosmo imensurável.

E, finalmente, uma diretriz final para sua própria segurança: sempre que lidar com energias em atos ritualísticos, nunca deseje mal a ninguém, seja quem for, e lembre-se de desejar ao outro o que gostaria que lhe desejassem em seu benefício. O Universo tem meios de se equilibrar que fogem ao nosso controle, e a magia é um vasto campo benfeitor se tivermos consciência das consequências dos nossos atos mentais. Existe uma lei de retorno coletivo infinitamente maior do que as pequenas e mesquinhas intenções das individualidades.

Eu corri terra, eu corri mar
até que cheguei no meu país
Ora, viva Oxóssi na mata

que a folha da mangueira ainda não caiu
Caboclo não tem caminho para caminhar
Caboclo não tem caminho para caminhar
Caminha por cima da folha, por baixo da folha
Em todo lugar
Caminha por cima da folha, por baixo da folha
Em todo lugar
Okê caboclo

O iniciador de Jesus com o Cristo Cósmico

Anos atrás, trabalhei na desobsessão de um centro espírita e, concomitantemente, frequentava o desenvolvimento mediúnico de um antigo e grande terreiro umbandista da capital. Nas sessões de desenvolvimento, ficavam cerca de duzentos médiuns em pé, de frente para o congá, e os cânticos iniciavam. Quando começavam as incorporações, sentia que a egrégora da corrente variava muito, dado o número enorme de pessoas no salão. Insatisfeito com esta situação, saía frustrado e ficava com um aperto no peito, como se estivesse faltando algo.

Passaram-se alguns meses e, certa noite, me vi fora do corpo, em desdobramento astral, de frente para um triângulo de cor violeta dentro de um círculo que, na verdade, era um campo de força, espécie de vórtice energético, cujo zunido julguei escutar, a semelhança do som de um tornado. Ao acordar pela manhã, peguei o meu carro e fui trabalhar. Andando em uma conhecida via urbana da cidade em horário matinal de grande fluxo, repentinamente, o motor começou a "tossir" e a falhar. Diminui a velocidade, dei sinal e dobrei a primeira rua à esquerda e, no meio da quadra, o automóvel parou. Mal deu tempo de estacionar. Ao abrir a porta para descer, olhei para a casa da calçada em frente, do outro lado da rua, e vi que era um centro de Umbanda. Visualizei, em um totem luminoso em cima da porta de entrada, o mesmo símbolo que tinha visto em desdobramento (um círculo com um triângulo dentro) e estava escrito ao seu redor "Sociedade Espírita de Umbanda São João Batista". Estupefato pela coincidência, bati na porta do vizinho, que me informou o dia da sessão semanal e me disse que nos fundos do terreiro funcionava um templo maçónico. Pensei: "Aqui é o meu lugar". Interessante que, ao retornar ao meu carro, o motor pegou de primeira, como se nada tivesse acontecido.

No dia da sessão de caridade lá estava eu em pé, apostos, o primeiro da fila a pegar a ficha e entrar. O templo era bem arrumado, tudo simples e limpíssimo. Sentei-me e fiquei aguardando ansiosamente para que abrissem

as cortinas e eu pudesse vislumbrar o congá. Enquanto escutava o barulho peculiar dos médiuns arrumando o altar e a preparação da defumação, me deu uma incomensurável paz de espírito. Perto das 19h30, entrou no salão a dirigente, que deu uma pequena preleção sobre a mediunidade na Umbanda. Ao término, abriram-se as cortinas e pude ver num tablado mais alto, tipo um segundo piso de madeira, brilhoso, entre duas colunas romanas, numa espécie de pórtico de entrada, sete médiuns numa primeira corrente, assistidos por três cambonos e mais três pessoas que fuçavam, puxando os pontos cantados. Não tinham um altar e o congá era armado no chão, em frente a uma pintura lindíssima, uma imagem de Jesus com o rio Jordão aos fundos, após o batismo de São João Batista. Era em tomo desse quadro que se dava todo o trabalho mediúnico. No piso, os pontos riscados entre flores.

Lá estava eu sentado, embevecido. Começou a abertura dos trabalhos e os pontos foram cantados. Era sessão festiva em homenagem ao Orixá Ogum. O terreiro estava cheio. Como se um raio caísse em minha cabeça, comecei a me sentir crescer, tlcar maior e, de repente, estava com a sensação de que a minha mente e os meus olhos estavam batendo no teto e eu enxergava os consulentes sentados lá embaixo. Sentia meu corpo, mas não era dono dele. Lembro-me de que um dos carnbonos que ficava na assistência chegou perto do banco que eu estava e, literalmente, eu “apaguei”. Quando voltei à minha consciência ordinária, deparei-me comigo descalço, segurando uma espada de São Jorge na mão e dando passes junto com os demais médiuns da corrente. Era a primeira incorporação de Caboclo Pery, guia chefe da minha mediunidade, que encontrava a sustentação vibracional numa corrente propiciatória para que ele, entidade, se apropriasse do psiquismo do seu médium e se apresentasse dando o seu nome. A força da manifestação, tirando-me praticamente toda a consciência e o meu controle psicomotor foi necessária para que o caboclo tomasse frente ao seu médium e, a partir de então, como rolha enrijecida que é tirada a fórceps da garrafa de vinho empoeirada, eu pudesse saborear o doce cálice da mediunidade com este pai espiritual inseparável, que me assiste em todos os momentos que preciso de seu axé (força para a caridade).

A partir de então, desliguei-me da casa que estava frequentando e comecei a ir na Sociedade Espírita de Umbanda São João Batista, beneficiado por uma corrente mediúnica pequena e bem sustentada. Ia lá, ficava quietinho, recebia minhas incorporações e voltava para casa feliz da vida. Fiquei assim um tempo até que surgiu outro terreiro para que eu sentasse no

toco e desse consultas, pois na SEUSJB não entrava nenhum médium, a corrente estava fechada para novos ingressos.

Passaram-se os anos e, após ter perambulado muito de centro em centro, de terreiro em terreiro, conhecendo os vários meandros ritualísticos da religião e os infindáveis conflitos humanos, observando, calando e aprendendo, fundei a Choupana do Caboclo Pery, seguindo compromissos assumidos com o meu pai espiritual nesta encarnação. Começamos numa casinha de madeira e ficamos quase dois anos lá, atendendo cerca de trinta pessoas por semana, com um grupo de onze médiuns.

Certo dia, fui procurado e me indagaram se eu não queria assumir um imóvel onde tinha funcionado um centro de Umbanda que fechara. Fiquei sabendo que ele se chamava, inicialmente, Centro de Umbanda São João Batista e, por último, Grupo de Umbanda Triângulo da Fraternidade, o qual acabei assumindo o estatuto legalmente. Fui visitar a casa fechada, que precisava de reformas. Quando vi um triângulo em mármore embutido na parede, como congá, e uma enorme pintura de São João Batista batizando Jesus pendurado ao lado, senti o Caboclo Pery aproximar-se e dar o seu veredicto: “Aqui é o nosso lugar, aceite a oferta de doação do imóvel e mãos à obra!”.

Em dois meses conseguimos fazer todas as reformas básicas, como trocar o telhado. Não sabemos até hoje como foram surgindo os recursos necessários. Uma doação aqui, outra lá, e em noventa dias abrimos nossa primeira sessão de caridade da Choupana do Caboclo Pery, numa casa “própria”, sem aluguel. O quadro de São João Batista batizando Jesus foi retocado e ganhou nova moldura. Essa imagem foi o marco referencial da primeira incorporação de Caboclo Pery e, sem prevermos, demarcaria indelevelmente a sua terreira na Terra, pois já estava arquitetado no Astral que receberíamos em doação o imóvel fechado para abrigar uma coletividade de espíritos e médiuns que se uniram em prol da caridade na Umbanda antes de reencarnarmos.

Mas, afinal, qual a ligação do espírito que personificou João Batista, na época de Jesus, com a Umbanda? Temos que falar um pouco de sua história para nos situarmos.

João Batista nasceu no dia 24 de junho. Em um momento único, dominado pela vaidade sacerdotal e seus assépticos templos, surgiu um homem simples, um espírito de escol que se vestia de singelo eremita do deserto e fez de uma gruta a sua morada e do rio Jordão sua igreja. Sem

insígnias sacerdotais, foi forjado no plano espiritual para uma importantíssima missão: preparar o caminho para a encarnação do Messias e sua religação com o Cristo Cósmico, já que ela se "perderia" pela imersão na carne e pela inevitável densidade vibratória do corpo físico, veículo que o abrigaria na morada terrena e se tornaria uma espécie de potente

Isolante Com a dimensão crística da qual o espírito angélico de Jesus procedia. Era preciso aplicar um ritual de batismo no coronário de Jesus encarnado para que este chacra se abrisse a contento para a vibração do Cristo, tornando Jesus um com o Pai. O espírito de João Batista foi o iniciador escolhido para essa missão ritualístíca à beira do rio Jordão, tendo o elemento água como condensador energético e meio de ligação magnético para abrir o coronário de Jesus.

Voltando à sua história, João era filho de Zacarias e Isabel; logo, primo de Jesus Cristo. Foi o último dos profetas e, inexoravelmente, o primeiro apóstolo. Os evangelhos registram que, já no ventre de sua mãe, ele percebia a presença do Messias, "estremecendo de alegria" na presença de Maria quando ela ia visitar a prima Isabel.

No ritual de mergulho nas águas do rio, denominado por ele de "Batismo de Arrependimento", João Batista recomendava aos judeus que fizessem penitência e se preparassem para a iminente chegada do Messias, o Cordeiro de Deus.

No ambiente cáustico do deserto, preparou-se, através do jejum, da oração e da penitência (que, na verdade, quer dizer mudança de atitude) para cumprir sua missão. Através de uma existência moralmente austera, não se cansava nunca de chamar os homens à conversão, admoestando: "Arrependei-vos e convertei-vos, pois o reino de Deus está próximo". Estava tão próximo, dentro de cada um, que não conseguiam senti-Lo, pois estavam iludidos com o mundo profano. O ritual de purificação corporal pela imersão dos fiéis na água simbolizava a mudança interior para a chegada do Messias. Deveria vibrar dentro de cada um para que conseguissem sintonizar externamente com o chamado da Boa Nova que se aproximava.

"São João, acende a fogueira do meu coração". Nessa canção popular a referência ao fogo também tem origem de uma narrativa bíblica: Maria e Isabel, grávidas, combinaram que a primeira a ter o bebé avisaria a outra, acendendo uma fogueira que pudesse ser avistada à distância no deserto da Judeia, onde viviam. Isabel foi a primeira a acender o fogo, quando João nasceu. É por isso que as fogueiras são parte fundamental dos festejos do dia

24 de junho, dia que se cultua São João pela tradição popular baseada no catolicismo.

A soberba, o orgulho e a vaidade que imperavam no meio religioso na época nunca atingiram João Batista. Era confundido com o Cristo, mas sempre redarguiu: “Eu não sou o Cristo” (João 3:28) e “não sou digno de desatar a correia de sua sandália” (João 1:27). Certa feita, Jesus o encontrou no rio Jordão e aproximou-se dele. João Batista disse para os discípulos: “Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João l :29). Ato contínuo, ficou de joelhos diante de Jesus, abaixou a cabeça, segurou seus braços e disse: “Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti e tu vens a mim?”. Jesus puxou seus braços e o levantou. Ele, o Messias, agachou-se e olhou para João Batista em silêncio, aguardando que o seu iniciador afundasse a sua cabeça num mergulho no rio Jordão para que o Cristo se apropriasse completamente do seu psiquismo. A partir do batismo por João Batista, Jesus passou a ser o Cristo, um com o Pai.

Ferrenho defensor da moralidade pública, João Batista foi decapitado por um melindre de Salomé, enteada de Herodes. O valor simbólico espiritual de João Batista sobejamente ultrapassa os muros e dogmas católicos: João batizava os seus seguidores e adeptos com água, um elemento material. Após o batismo, dizia que o que viria em seguida seria o “batismo com fogo”, envolvendo os discípulos com sua poderosa aura crística e causando um impacto interior que equivaleria a um incêndio, a atear a fogueira interna do espírito nos homens, ainda absortos e perdidos na ilusão exterior. Este “Fogo Sagrado” age como agente hermético-alquímico da alma, ativando a inteligência criadora e divina do Eu Crístico que compartilha e é formado desse mesmo “Fogo Divino”, aquele que não reconhece poder na materialidade maior que a do espírito, que é fagulha desgarrada de uma chama maior: Deus. Daí serem João Batista e Jesus apontados como cordeiros de Deus, pois tiram os pecados do mundo, eis que, ao ativarem o fogo do Cristo interno em cada criatura, abrem suas consciências para a mensagem evangélica e queimam e transmutam as negatividades do ego inferior.

“Coincidentemente”, Caboclo Pery vibrou intensamente em meu coronário e apropriou-se adequadamente do meu psiquismo, nos tornando unidos um com outro num terreiro com o nome de São João Batista. Hoje, além dos amacis (lavagem da cabeça com água e ervas) com os médiuns, temos o ritual do fogo que acontece após as palestras e antes da abertura da

sessão de consultas, quando o padrão vibratório dos presentes e da corrente mediúnica se eleva ao máximo. Num pequeno altar que temos na assistência, colocamos um cálice de alumínio com meio litro de álcool. Ao cantarmos o ponto de São João Batista, acendemos o fogo. Este é o momento ritualístico em que conclamamos a Jesus que a caridade se faça valer aos que têm merecimento, desencarnados e encarnados presentes. Em conjunto, os presentes canalizam suas negatividades para a chama no altar, em frente ao quadro de Jesus. Esse momento é o ápice vibratório que propicia a atuação no Astral do povo do Oriente, espíritos que vêm auxiliar na religação do cristo interno das criaturas com elas mesmas. É uma grande movimentação espiritual coletiva e o momento em que muitos espíritos são socorridos e levados para estâncias socorristas no Astral, capitaneadas pelo espírito que foi João Batista encarnado na época de Jesus e que comanda uma legião de”anjos”, que encontram na Umbanda os elementos rituais necessários para exercitar em massa o despertamento do cristo interno que nos procuram os terreiros para alentar as suas almas sofridas, como se estivessem à beira do rio Jordão de outrora, batizando as multidões de discípulos desalentados.

São João Batista
Ele vem, minha gente
Vem chegando de Aruanda
Salve a fé e a caridade
Salve o povo cor-de-rosa
Salve os filhos de Umbanda

***

São João Batista
Enviado de Jesus
Guiai estes filhos
No caminho da luz
Se veres um filho caído no chão
Levanta, levanta
São todos irmãos
Que filho de Umbanda
Não fica no chão

O povo do Oriente, desdobrando o corpo mental

Os espíritos orientais se apresentam na Umbanda cada vez mais: são entidades discretas, quase anónimas; não gostam de dar um nome e mudam de forma espiritual conforme o local onde irão atuar. São sérias e de vibrações sutilíssimas; possuem grandes conhecimentos ancestrais sobre magia e curas espirituais.

Precisamos refletir sobre os motivos que levam os espíritos a manterem-se ligados às etnias terrenas. Sendo espíritos, isso não seria dispensável? Como estamos falando de intercâmbio mediúnico entre planos dimensionais diferentes que se comunicam entre si, temos de considerar os aglomerados espirituais em torno do orbe e as migrações geográficas entre as encarnações. Experimentando em si as diferenças raciais de acordo com o local onde o espírito encarna, ele vai aprendendo a exercitar o amor na diversidade. Como a maioria dos espíritos que atuam no Astral tem compromisso evolutivo com a mediunidade e com àqueles que os recepcionam, por vezes optam por determinada forma de apresentação mais afim ao seu compromisso evolutivo. Assim, as entidades que se apresentam no movimento umbandista como orientais vão se adaptando à cultura ocidental e se preparam para reencarnar no Brasil. Outros existem que não mais reencarnarão e se apresentam como hinduístas, árabes ou tibetanos, simplesmente por simpatia e afinidade. São mentores de cura que apelam à razão, buscam esclarecer as causas das dores e enfermidades humanas, bem como a necessidade de reforma íntima de cada cidadão.

A anunciação da Umbanda se deu em 15 de novembro de 1908 pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, que, além de trazer junto o preto velho Pai António, trouxe também outro espírito que teve recente encarnação como sacerdote no continente asiático. Ele apresentou-se com o nome de Caboclo Orixá Malê, atuando na irradiação vibratória de Ogum, entidade de muita luz e força, experimentado mago e profundo conhecedor no combate à baixa magia. Registremos que os espíritos que tiveram vida corpórea nas diversas

regiões orientais do orbe estão nas fileiras da Umbanda desde o seu início. Consideremos que não existe, necessariamente, uma linha do Oriente, pois as entidades orientais se apresentam em todas as linhas vibratórias, embora haja cultos em dia especial para manifestação dos espíritos orientais. Então, não deve ser motivo de contrariedade um preto velho marroquino, um xangô da montanha tibetano, um ogum mandarim chinês, um oxóssi indiano, mesmo que preponderem as formas de apresentação mais ligadas aos índios e africanos.

Os espíritos orientais estão na Umbanda com a missão de amalgamar os conhecimentos iniciáticos milenares do Oriente com o cientificismo racionalista ocidental sem perda do foco, que é tornar os corações endurecidos mais amorosos, desde a índole religiosa orientalista asceta, que foge do mundo, até o bom vivente mundano que se entrega ao apelo sensório carnal e materialista. Procuram fecundar nas mentes os reais valores espirituais, morais e éticos do Cristo Cósmico em consonância com os ensinamentos de Jesus e de todos os avatares do Oriente.

Na verdade, reenfatizamos que o povo do Oriente não é constituído de uma linha ou irradiação separada, como a dos outros Orixás. É uma gigantesca legião de espíritos que estão ligados ao Cristo Cósmico e têm como patrono um espírito irradiador de muita luz e que, em sua última encarnação conhecida, recebeu o nome de João Batista, aquele que batizou Jesus e anunciou a chegada do Messias, tendo em sua vibração um raio cósmico direto do Cristo Planetário.

Infelizmente, como também ocorre com outras formas de apresentação espiritual em alguns terreiros e centros espíritas, por conta da suposta atividade de espíritos do Oriente, alguns “médiuns” se colocam em posição de lótus, usam turbantes e se enchem de badulaques entre recitações de mantras, sentados em tapetes coloridos como se fossem génios voando entre as nuvens num verdadeiro espetáculo teatral, atraindo assim os descuidados e incautos para as suas vidências fantásticas, resgates de almas gémeas, trocas de carmas e não sei mais quantos fenômenos; tudo pago e, inclusive, com anúncios nos jornais locais.

Afirmamos que os espíritos orientais da genuína Umbanda não têm o mínimo interesse e necessidade de se apresentarem de tal forma espalhafatosa. Lamentavelmente, virou moda entre os médiuns vaidosos dizer aos quatro ventos que trabalha com espíritos orientais, enquanto os novatos anseiam ardorosamente pelo mentor indiano de turbante. Tal situação se

agrava pelo enxerto exagerado de termos estrangeiros nas comunicações escritas e faladas, pois muitos consulentes não entendem nada do que está sendo orientado. Estamos no Brasil, falamos português e o que os espíritos mentores ganhariam falando com termos de outra língua? Há que se falar direito aos corações das almas aflitas e, quanto mais sabedoria, mais simples são os espíritos. A vaidade é uma ferrugem corrosiva que se alimenta da admiração elogiosa e do reconhecimento. A terminologia hinduísta e védica, que virou modismo para os "caminhos das índias" da mediunidade, instrumenta os que se utilizam dela.

Recentemente, tivemos uma experiência bastante elucidativa com um espírito oriental que visitou a Choupana no Astral.

Estávamos em dia de atendimento com apometria, técnica de desdobramento astral induzido através de pausadas contagens magnéticas. Quando entrou um consulente para ser atendido, essa entidade entrou junto. Apresentou-se toda de branco, em vestes brilhosas, numa cor prateada. Suas faces eram de aparência árabe, o rosto queimado do sol e usava um turbante azul-claro aos moldes dos xeques, que deixava cair nos ombros duas espécies de lenço da mesma cor. Suas pegadas no terreiro deixaram um rastro etéreo luminoso dourado e percebi tratar-se de espírito de escol pertencente a outro agrupamento mediúnico ligado a um culto afro-brasileiro, pois estava acompanhado de entidades africanas paramentadas nas roupas dos Orixás nagôs.

Na anamnese, que é o processo de entrevista inicial que o dirigente faz com o atendido, o consulente informou ser alcoólatra e já ter feito uma cirurgia de retirada do esôfago. Disse que sua esposa era médium trabalhadora antiga de uma casa de nação e frequentava a Choupana por gostar muito da Umbanda e das palestras. Veio até nós por indicação do "Orixá" que se manifestou no babalorixá dirigente do ilê (terreiro) durante uma sessão festiva da qual participou junto com a esposa.

Ato contínuo, percebi que o "Orixá" era a entidade oriental árabe que estava nos visitando no Astral e se fez presente com um séquito de espíritos africanos. Falou que podíamos chamá-lo de Halevi, que significa "aquele que levita", nome que é uma menção à encarnação na Arábia em que foi um sacerdote que levitava quando meditava e, por vezes, ficava dias desdobrado sem se alimentar ou tomar água, vivendo no mundo astral. Enfatizou que a caridade é uma só, que ele também foi africano e que, por afinidade com a vibração dos mentores guias da nossa egrégora, nós o enxergamos como

oriental, diferente da sua forma africana habitual. Disse que a aproximação vibratória foi muito além das meras aparências astrais, tratando-se de um enfeixamento energético propiciado pelo fato de eles não realizarem sacrifícios animais nem se utilizarem do sangue como elemento, fazendo todos os preceitos iniciáticos com os Orixás sagrados com ervas e folhas, totalmente gratuito aos médiuns. Por merecimento da esposa, fiel e dedicada médium no culto aos Orixás, ele estava intervindo a favor do consulente, esposo dela. Estariam juntos com os trabalhadores astrais de nossa Choupana, atuando nesse caso. Disse-nos ainda que o desdobramento induzido do duplo-etéreo e do corpo astral do enfermo facilitaria a atuação deles no plano espiritual, reconhecendo que o fato de os encarnados medianeiros do seu agrupamento não trabalharem dessa forma não significava que eles, no Astral, não conhecessem e dominassem os diversos corpos vibratórios que envolvem o espírito, sendo que isso ficaria demonstrado pela execução dos trabalhos programados para aquela noite em relação ao consulente em questão.

Começamos o atendimento propriamente dito. Repentinamente e com suavidade me vi fora do corpo, desdobrado. Escutei o som de atabaques e vi muitas entidades nos visitando, estando o jardim da frente da Choupana cheio de visitantes. Encontrei-me ao lado de Halevi. Ele tinha em mãos uma espécie de papiro com um desenho de uma maçã cortada ao meio rodeada por ramos, formando uma coroa. Explicou que a metade da maçã simbolizava a liberação da força (axé) de abundância que um terreiro com regência de Oxóssi deve manter e registrou seus votos de fertilidade e reprodução do axé de nosso congá. Os ramos eram um reconhecimento à coroa mediúnica da Choupana, um singelo cumprimento aos espíritos-guia que a assistem. Estávamos em pé e percebi muitos outros espíritos junto, mas não consegui enxergá-los a contento. Demos as mãos e apertei a mão direita de Halevi com a minha mão esquerda. Ao fecharmos o círculo, todos de mãos dadas, Halevi subitamente entrou em transe, desdobrando seu corpo mental.[4] Então, um fio de luz amarela saiu do seu chacra coronário. Nesse momento, outro espírito que também estava na roda de mãos dadas entrou em transe e psicofonou. Incrivelmente, escutamos o médico André Luiz, na voz de Chico Xavier, falando sobre a angiosperma, a reprodução espiritual no reino vegetal, e fazendo uma análise espiritual da ciência botânica e biológica que não consigo transformar em palavras por faltar correspondência, em meu atual idioma, para traduzir a contento. Ele descreveu a evolução do espírito

até a forma humana e os aspectos ocultos envolvidos na fisiologia do perispírito de um alcoolista, que é como uma flor com a angiosperma defeituosa que, após a fecundação, dará um fruto raquítico. Não por acaso, o atendido já tinha perdido o esôfago e, se não parasse de beber, outros órgãos seriam comprometidos.



Desdobramento do corpo mental[5]

Ao término da mensagem, como se tivéssemos escutado um áudio, Ramatís "entrou" em minha mente e falou sobre a singularidade[6] do pensamento e das mensagens de Chico Xavier, que formam um oceano mental que circunda o Brasil. Esclareceu-me que Halevi desdobrou seu corpo mental como se fosse um leitor de DVD e se conectou com uma determinada faixa mental que estava gravada no éter, que continha as mensagens de Chico Xavier. Não foi o espírito de Chico nem de André Luiz que se manifestou, o que ocorreu foi a leitura de uma mensagem que pairava no oceano mantido pelos pensamentos dos que o leem diariamente. A singularidade do pensamento de André Luiz sustenta uma legião de espíritos médicos que atuam no Espaço.

Voltando do desdobramento que o projetou à dimensão mental, Halevi, o mentor árabe, informou que o arquivo dessa mensagem foi "gravado", no momento da psicofonia, no corpo mental do consulente atendido com o objetivo de fazê-lo entender melhor as consequências do vício em seu perispírito (corpo astral). A partir de então, ficaria mais fácil mudar o seu comportamento pela alteração da consciência que tinha em

relação ao vício, já que entenderia melhor as causas e consequências espirituais e, em contrário, estaria cometendo suicídio indireto e agravando seriamente sua condição cármica.

Quando voltei ao meu estado normal de consciência, em vigília, sentindo como se tivesse tirado um cochilo gostoso, os demais médiuns da corrente estavam cantando pontos do Oriente e magnetizando o consulente na altura da cabeça com as palmas das mãos, realizando uma despolarização de memória de algum trauma do passado. Entendi a sincronicidade do trabalho no Astral e o motivo de Halevi realizá-lo em nosso grupo de apometria. Se não houvesse a magnetização com os comandos palmares dos médiuns no alto do crânio do consulente, esse mentor não conseguiria gravar a mensagem psicofonada no corpo mental do atendido, provavelmente pela densa barreira vibratória típica de um espírito encarnado. Certamente o inverso também é válido; os médiuns sozinhos, sem o apoio dos mentores do lado de lá, nada realizariam. Na verdade, eles fazem muito, infinitamente mais do que nós, e quando não atrapalhamos com nossos azedumes e invigilâncias já é uma grande vitória de nossa parte.

Nesse tipo de atendimento é importante sabermos que o merecimento de cada um não nos é dado saber. Fazemos tão somente a caridade de coração aberto e desinteressado, buscando sempre auxiliar o próximo sem esperar reconhecimento e “milagres”. Especificamente, quanto ao atendido, soubemos que ele passou um tempo sem beber e teve uma recaída, o que o deixou com a autoestima muito baixa. Em uma consulta em dia de sessão de preto (a) velho (a), Ramatís (Pai Benedito) transmitiu a ele a seguinte mensagem:

> Recorda as diversas ocasiões em que o amparo se fez presente pela benevolência do Cristo Jesus, que regularmente pega emprestado de vós o ténue fio da intenção correta, transformando-a em vigorosa ferramenta de socorro para si mesmo. Não menospreze, seja quem for, diante da Misericórdia Divina. A espada do guerreiro caiu ao chão, mas não quebrou. Considere que, para o espírito imortal, as ocorrências reprovadas no presente farão brotar no futuro os acontecimentos retiflcativos para que se alcance uma conduta com louvor, de acordo com as leis de Deus. O equilíbrio é inexorável diante da causalidade e seus efeitos benfazejos. Aliados à conduta individual, são o fiel da balança para se receber as graças do plano espiritual, confirmando o

estado íntimo sublimado alcançado pela alma. Não te sintas diminuído e inferior. Todos os espíritos na Terra são portadores de defeitos e imperfeições a ser vencidos e que atritam com os obstáculos interiores levados para o livro de créditos e débitos da contabilidade sideral (na verdade, o livro da vida que cada consciência escreve com seus próprios atos). Esses médiuns que aqui estão de branco hoje, doando incondicionalmente, mesmo aos que ainda não conseguem receber, reajustam-se pelos seus atos passados e caminham para amanhã receberem por eles mesmos sem terem a necessidade de se doarem incondicionalmente na tarefa caritativa em ajuda de todos que os procuram. Ninguém é melhor que ninguém. Levanta-te e persegue o que busca, sabedor de que muitas serão as quedas na caminhada do espírito que, antes de conseguir andar ereto, engatinha nas veredas do Pai Maior. A cada vez que te ergue de um tombo, a “musculatura” do espírito se fortalece e ele aprende, dia a dia, a caminhar sem cair. Ele tem coroa de ouro

E tem coroa de rei
E tem coroa verde
Que tem coroa também
Um clarão apareceu no céu
Ai, meu Deus, o que será? (bis)
É Zarthú, o chefe indiano
Com sua falange vem nos ajudar

***

Ori, ori, ori do oriente Força de zambi chegou Lá no oriente uma luz brilhou E no terreiro tudo iluminou

Mediunidade e sacerdócio

Vez ou outra me perguntam sobre a minha opinião quanto a fazer-se ou não pai ou mãe espiritual para estar à frente de um congá. Ou seja, a necessidade de consagração ritualística por outro médium sacerdote já praticante para que o aspirante Lenha maior segurança em ser um chefe de terreiro. Não é fácil responder essa pergunta.

Geralmente, hoje em dia, o caminho do médium se inicia quando acontece a sua primeira incorporação e ele precisa educar a mediunidade. Então, procura um terreiro e, no dia a dia, vai aprendendo os rituais da casa. Em certo momento de sua caminhada, seu guia informa que seu aparelho tem carma probatório para ser chefe de terreiro e precisa abrir o seu congá. Ao menos deveria ser assim, mas nem sempre é. Por vezes, o dirigente do terreiro informa o médium sobre essa situação e que ele deve se preparar para a missão. É bastante comum isso acontecer, e o futuro dirigente se apoia no atual em todo o seu aprendizado para o sacerdócio umbandista que se aproxima. Após a consagração, é assistido pelo seu antigo dirigente nos trabalhos iniciais para a fundação e inauguração da nova casa, até ter a confiança que só a prática traz. As coisas vão se ajeitando, a pequena casa vai crescendo e quando menos se espera lá está o chefe de terreiro, que um dia foi um médium aspirante, sendo procurado por algum filho espiritual de sua corrente para ser orientado e abrir o seu terreiro, e um novo ciclo se reinicia.

Em outras oportunidades, o médium recebe instrução direta do seu guia no Astral, pois está vinculado a um terreiro em que o dirigente não tem cobertura mediúnica para conduzi-lo na missão ou uma das partes não confia suficientemente na outra. Então, o guia o libera e o intui para que procure um dirigente sério, capaz, idóneo e que não cobre, para que seu aparelho confirme, num rito na Terra, sua condição de chefe de terreiro. Isso objetiva, além do amparo mediúnico que a vinculação a uma corrente (de fato de Umbanda) dará ao principiante em todas as demandas que advirão dessa sua iniciativa de abrir uma nova casa, dar confiança ao novato que, assim, encontra referências seguras e amparo na experiência maior do sacerdote em exercício. Foi o que aconteceu comigo: fui orientado a procurar um dirigente-

sacerdote fora do meu terreiro. Até hoje agradeço aos Orixás pela ajuda de Mãe lansã, sacerdotisa fundadora do Centro Espiritualista Caboclo Pery, no Rio de Janeiro, que me carregou no colo e me levou para o grupo recém-formado. Ela atraiu para si toda a demanda das doze pessoas que saíram de um centro para fundar outro. Nunca me esquecerei da entidade africana Ogum de Malê, que me acompanha até hoje, dando-me cobertura nos momentos mais difíceis. Ele se apresentou logo após conhecer Mãe lansã, deslocado de sua corrente astral.

De uma maneira geral, é assim que a Umbanda vai crescendo hoje em dia, diferente de antigamente, quando as manifestações mediúnicas aconteciam em garagens, cozinhas e pátios residenciais e os guias curavam e faziam suas mandingas. Com o tempo, crescia a quantidade de atendidos e cambonos e apareciam outros médiuns. Ninguém falava em iniciações, sacerdotes e escolas pagas, até porque não existiam.

Hoje, pipocam aqui e ali os cursos pagos de sacerdócio, chegando mesmo a serem mais importantes que a própria mediunidade do interessado, dependendo do nome famoso do sacerdote que os ministra. Há ainda os que afirmam que não é preciso ter mediunidade para ser sacerdote, o que é inconcebível na Umbanda. Mas, diante de tanta iniciação, mestres, pais, mães, escolas, cursos, títulos, diplomas e honrarias, como fica a mediunidade e os milhares de médiuns que não foram iniciados por ninguém, não fizeram nenhum curso e estão anonimamente à frente de seus terreiros, fazendo a caridade há anos? Pensemos profundamente na sabedoria desse fato inconteste.

Obviamente, ser sacerdote independe de ser reconhecido como tal. Lembremos do médium Zélio Fernandino de Moraes, que aos dezessete anos manifestou o Caboclo das Sete Encruzilhadas e anunciou uma religião no dia seguinte. Se fosse nos dias de hoje, infelizmente iriam fazer cara feia e perguntar quem foi seu pai e sua mãe no santo e onde fez o curso de sacerdote, desmerecendo a limpidez do mediunismo frente à desvinculação de uma raiz ritualística ou de uma escola.

Observemos que a função sacerdotal, que existe mesmo que assim não se denominem muitos dirigentes, não deve ser sinónimo de *status* e de poder temporal. Reafirmamos o tremendo compromisso de humildade, de servir ao próximo e de retidão diante dos filhos espirituais da corrente, da comunidade do terreiro e da sociedade como um todo que deve mover o espírito sacerdotal.

Claro está que *a* vivência interna, templária, ritualística e litúrgica, bem como todo o aprendizado que os anos dão a um médium constante de uma corrente mediúnica, guardadas as variações de uma agremiação para outra, são muito importantes. Todavia, é impensável exigir-se uma outorga de outro sacerdote encarnado para que haja o reconhecimento público do aspirante. Quem faz a iniciação são os guias no Astral e cabe à mediunidade ser o diploma que credenciará ou não, quem quer que seja. Digamos que podem haver ritos de confirmação e firmeza na Terra, mas, se não são antecedidos do preparo no Astral, antes da reencarnação, serão inócuos e só servem para o reconhecimento das multidões e para acender a chispa que alimenta a fogueira de nossas vaidades.

Diz-nos Ramatís: Estão se esquecendo das vozes de Aruanda, dos guias e da mediunídade. Vivencia-se uma batalha de "escolasticismos umbandísticos" oriunda de colégios e escolas teológicas e sacerdotais diferentes que guerreiam entre si pela posse do apetitoso bolo que é a Umbanda, como se verdadeiro fosse um só o seu fermento. Os atavismos religiosos de alguns líderes voltam como se estivessem na Idade Média, com suas "igrejas" disputando, entre elas, o poder para ser a única guardiã dos valores espirituais da Umbanda e, por consequência, estabelecer um vencedor, o ganhador de uma velada, ansiada e poderosa unidade teológica.

Antes de nos preocuparmos com quem iniciou quem, avaliemos a vibração, a moral, o desinteresse e a caridade que é feita num terreiro dirigido por sicrano ou beltrano. O resto são pompas e insígnias terrenas, muitas vezes necessárias para que vençamos nosso medo de assumir tarefas maiores frente ao mediunismo.

Não esqueçamos que o alicerce principal da Umbanda é a mediunidade e, sem ela, a religião não se sustenta. Muitos entendem a mediunidade como incorporação, um grasso erro e reducionismo dos complexos processos de comunicação com o Além. A mediunidade também compreende a vidência, audiência, telepatia, clarividência e clauriaudiência pelos desdobramentos dos corpos espirituais. Há ainda pessoas que dizem que essa "coisa de desdobramento" não é de umbandista. Sendo uma capacidade sensitiva extrassensorial natural dos espíritos encarnados e desencanados, não se vincula especificamente a nenhum culto ou doutrina da Terra, tendo aplicação universal.

Insisto que é surpreendente a quantidade de cursos pagos teóricos, práticos e apostilados ensinando os interessados, independente de serem

médiuns, a invocar campos de força eletromagnéticos em suas residências, sozinhos, e encaminhar espiritos sofredores, abrindo portais de luz em nome dos Orixás. Ao final do dito curso, os alunos estarão consagrados em seus ministérios, tendo a "outorga" de ajudar e amparar em qualquer lugar, sozinhos. Inimaginável um verdadeiro médium fazendo incursões no plano astral, de regra em regiões de baixa densidade vibratória que caracterizam as zonas de socorro espiritual, solitário, como um passarinho querendo apagar um grande incêndio na floresta, sozinho. Sairá tostado, com certeza. Beira a irresponsabilidade e genuíno engodo o que estão fazendo por aí certos "sacerdotes", em nome da nossa sagrada Umbanda.

É inconcebível um sacerdote umbandista falar e orientar uma comunidade enorme sem ter mediunidade ativa. Tentem, abram um terreiro sem o escudo mediúnico e vejam o que acontece e quanto tempo durará. Não se mantém, não se sustenta, explode rapidamente pelas mãos hábeis do Astral inferior. Agora fica fácil e muito cómodo ministrar cursos ensinando tratados de magia e prometendo mundos e fundos aos participantes, sem a mínima exigência deles além do pagamento, para depois deixá-los a esmo, cada um por si, tão somente com a promessa que estão entronizados neste ou naquele trono de Orixá, sendo eles mesmos oferendas vivas aos Orixás e com cobertura para trabalharem sozinhos. Fazemos um alerta: não caiam nessas arapucas caça-níqueis! Quando o caldo desandar, ficarão sós. Para quem já está nessa, recomendamos procurar um genuíno terreiro de Umbanda para costurarem o patuá rasgado que lhes entregaram.

Com toda essa diversidade de escolas, iniciações e cursos, conclamam os guias da Umbanda que tenhamos uma convivência fraterna e pacífica com aqueles que praticam e fazem uma Umbanda diferente da nossa. Por outro lado, dizem-nos que é necessário que saiamos do silêncio e apontemos as idiossincrasias do meio umbandista, fazendo a Divina Luz refletir mais claramente na nossa sociedade entontecida por tantos disparates em nossa religião. Está faltando mediunidade em muito "umbandista" com diploma de mago, mestre ou sacerdote na parede. Contudo, tenhamos fé e não nos iludamos com as aparências. Umbanda sem mediunidade é como tentarmos viver sem o ar que respiramos e sem Jesus no planeta.

Obviamente, há o outro lado da moeda: a supervalorização da mediunidade. Explico: muitos médiuns entendem que o espírito-guia deve fazer e saber de tudo, caindo numa preguiçosa acomodação. Claro que as entidades sabem muito mais que nós, e aprendemos muito com elas.

Enxergam nossos erros, mentiras, vaidade e egoísmo. Sabem que médiuns ególatras e amparados em sentimentos viciados, quando decidem abrir um terreiro, serão portas abertas para as zonas do Umbral inferior, ao invés de serem canais de recepção dos guias. Abrir um centro de Umbanda é, antes de tudo, um tratado de ética cósmico, um recebimento de procuração dos espíritos que serão os verdadeiros mantenedores da força (axé) da casa. Além dos aspectos litúrgicos e rituais que um sacerdote deve conhecer e aplicar, adotando elementos e fundamentos magísticos embasados nas leis de causa e efeito e incondicional respeito ao livre-arbítrio das criaturas humanas, existem ainda o conhecimento e a experiência que só se conseguem após anos de vivência templária. Assim, mediunidade e sacerdócio são uma via só, mas de duas mãos. Quando uma mão avança sobre a outra, estamos na contramão e podemos nos machucar. Como quase não existem mais médiuns inconscientes, quanto mais o medianeiro sacerdote à frente de um congá for diligente, estudioso, moral, ético e altruísta, mais amparo e cobertura mediúnica dos guias terá.

Frequentemente somos procurados por médiuns desejosos de abrirem seus terreiros. Explicamos que não basta querer, que é imprescindível ter gravado no perispírito e no inconsciente espiritual o compromisso cármico para estar à frente de um centro umbandista e ter, ao mesmo tempo, merecimento, cobertura e amparo astral. Se assim não fosse, o sacerdote mais famoso da Terra poderia consagrá-los que de nada adiantaria. Agravam-se esses queixumes quando os pretendentes à consagração sacerdotal não aceitam os ritos do terreiro a que estão vinculados, achando-se melhor do que todos os demais, mais preparados e coisa e tal. Não é incomum imputarem ao ex-chefe de terreiro como deve ser a sua vida pessoal fora do centro, num “patrulhamento moral” pior que o da Inquisição, como se para se estar à frente de um congá tivéssemos de ser como Francisco de Assis ou Gandhi. Há que se considerar que um sacerdote é um ser humano como qualquer outro, com defeitos e qualidades, longe de ser um santo, mas com maior número de obrigações espirituais que o cidadão comum. Muitas vezes, essas criaturas se preocupam mais com os outros do que com elas mesmas e, por sua rigidez psicológica, acabam sendo eternos insatisfeitos, mudando regularmente de agrupamento e nunca encontrando satisfação para suas almas, dado que condicionam ao exterior e aos outros a sua felicidade e bem-estar espirituais, quando deveriam olhar para dentro de si mesmos.

O compromisso cármico para ser um sacerdote (chamado de “coroa

de chefia”) exige longa preparação sacerdotal, que pode culminar na bênção com a mão sobre o coronário do consagrado pelo consagrador; neste caso, outro sacerdote mais experiente. Não devemos nos esquecer de que o compromisso entre essas almas (guias, sacerdote consagrado e sacerdote consagrador) iniciou-se muito antes; foram encarnações e encarnações forjando estes espíritos para um momento existencial cármico de extrema responsabilidade. Por isso, não basta querer “estar sacerdote”. O espírito tem que vibrar em sua natureza de dentro para fora, para que o rito externo seja uma consolidação, um meio de ligação e assentamento, no plano material, de sérios compromissos espirituais assumidos há muito.

Todavia, temos que respeitar a afinidade de cada pessoa; afinal, na Umbanda que praticamos um sacerdote não prescinde de ser médium, ao contrário de outras religiões e cultos em que o sacerdócio não tem como pré-requisito a mediunidade.

Assim, se o que o move ao encontro da consagração sacerdotal não é a vontade inquebrantável de servir ao próximo através da mediunidade e se seus olhos brilham com as pompas litúrgicas que acompanham as hierarquias religiosas, inflamando seu disfarçado ego com a ambição de poder na aplicação dos rituais, alcançado com os títulos terrenos de pai ou mãe de santo, pai ou mãe espiritual, padrinho, madrinha, cacique, “cacica”, mestre, mestra, comandante, “comandanta”, chefe,”chefa”, ialorixá e babalorixá, é natural que deva procurar outro terreiro mais próximo aos seus anseios espirituais, mesmo que não seja na Umbanda. Do mesmo modo, muitos vêm para a Umbanda de outros cultos, como o pólen das flores que se espalha num imenso jardim existencial plasmado pela diversidade das almas neste planeta.

Preto velho está cansado
De tanto caminhar
Preto velho está cansado
De tanto trabalhar
Firma o ponto no terreiro
Que é longa a caminhada!
Quem tem fé tem tudo
Oi, quem não tem fé não tem nada!

Incorporando a forma-pensamento de um Orixá

Era dia de sessão de preto(a) velho(a). Estávamos na abertura dos trabalhos, na hora da defumação. O congá "repentinamente" ficou vibrado com o Orixá Nana, que é considerado a mãe maior dos Orixás e o seu axé (força) é um dos sustentadores da egrégora da Casa desde a sua fundação, formando par com Oxóssi. Faltavam poucos dias para o amaci (ritual de lavagem da cabeça com ervas maceradas), que tem por finalidade fortalecer a ligação dos médiuns com seus Orixás regentes e guias espirituais. Pedi um ponto cantado de Nana Buruquê, antes dos cânticos habituais. Fiquei envolvido com uma energia lenta, mas firme. Fui transportado mentalmente para a beira de um lago lindíssimo e o Orixá Nana me "ocupou", como se entrasse em meu corpo astral ou se interpenetrasse com ele, havendo uma incorporação total.

Dançando no terreiro e saudando a todos durante o rito de abertura da sessão, Nana, com sua vestimenta e paramentos tradicionais africanos – vestido brilhoso violeta azulado com o ibiri (objeto ritual) na mão – "aspirou" as impurezas dos médiuns e levou-os para o fundo do lago. Ao final da apresentação ritualística feita pelo Orixá, senti um leve deslocamento dentro do meu corpo: parecia que as omoplatas estalavam na altura das costas, no meio dos ombros, e Vovó Maria Conga se fez presente no seu aparelho dando a seguinte mensagem para a corrente mediúnica:

> Meus filhos, aproxima-se o momento de realização do amaci, que, como todos sabem, é a oportunidade sagrada de reencontro com os guias dentro da faixa vibratória do Orixá regente de cada um. Saudemos Nana, Orixá que nos sustenta na magia desde a fundação desta choupana. Que seu axé se faça presente em cada um dos que aqui estão. Nana, mãe grandiosa da magia dos Orixás, vibratoriamente reside nas águas paradas dos fundos dos lagos e em todas as nascentes aquosas planetárias. Simbolicamente, representa as águas primordiais que Deus criou e usou na Terra, formando a lama e o barro para moldar os corpos e abrigar neles os espíritos que habitam o planetinha azul, assim como o

sopro enche um balão. Que as águas sem movimento do fundo dos lagos acalmem as agitadas mentes de vocês e fixe-as na estabilidade da Criação. Deus cria incansavelmente e está sempre junto de suas criações. Antes de mergulharem no fundo do lago límpido do espírito, deixem as negatividades na beira, no encontro das marolas com a areia; lá onde as folhas secas que caíram das árvores formam uma pasta lodosa e putrefata, húmus nutriente para as flores e ervas ribeirinhas. Deixem aquilo que mais os incomoda para que a força transformadora da natureza, ao tornar as folhas secas em potente adubo, purifique e nutra seus corpos e chacras para o encontro sagrado que acontecerá em breve, durante o amaci. Todavia, qualquer energia da natureza torna-se estéril e sem efeito se não for acompanhada da conduta moral elevada e dos atos contínuos na busca da manutenção do estado elevado da alma. Vigiem, mas não fiquem "só" na vigilância, como o pássaro que tem asas e não voa. Tenham atitudes e ações diárias compatíveis com o que receberão durante os próximos dias, libertando-se da gaiola que os prende a si mesmos. É na consciência de cada um que reside a perenidade do espírito. Salve todos os pretos, pretas, tios, tias, vovôs e vovós da nossa Umbanda amada! Salve a magia africana ancestral e nosso senhor Jesus Cristo!

Após a manifestação do Orixá Nana, fiquei surpreso com a experiência inédita. Acostumado a manifestar espíritos, marcou-me, nessa vivência psíquica, o fato de os Orixás não terem consciência. Estou habituado aos falangeiros (entidades) que se fazem sentir enfeixados na vibração dos Orixás, conforme as afinidades e compromissos deles. Nunca havia manifestado um Orixá propriamente dito, através da chamada mecânica de incorporação, ocasião em que se dá o "acoplamento" do corpo astral do médium e seus chacras com o corpo astral da entidade astralina e os seus respectivos chacras.

Vou explicar com sinceridade e sem nenhuma comparação, como tanto vemos por aí, como se a manifestação de um ou outro (dos espíritos na Umbanda versus dos Orixás em outros cultos) fosse mais ou menos superior, conforme o pertencimento de quem os compara a uma ou outra religião. A "entidade" parecia um "robô", um autómato sem pensamento contínuo, levado pelo som e pelos gestos. Sem dúvida, houve uma intensa

movimentação de energia benfeitora, mas durante a manifestação do Orixá minha cabeça ficou mentalmente vazia, como se nenhuma outra mente ocupasse o corpo energético do Orixá que dançava, o que acabei sabendo depois tratar-se de uma forma-pensamento plasmada e mantida “viva” pelas mentes dos encarnados.

Foi a segunda experiência marcante que tive com Nana. A primeira se deu na época da fundação da Choupana do Caboclo Pery, na casinha de madeira alugada, antes de fazermos o primeiro rito interno de firmeza do congá, reunindo os demais médiuns. Tínhamos acabado de realizar, com auxílio de mais dois médiuns, a consagração da tranqueira de Exu (campo de força de proteção onde se apoiam no Astral as entidades guardiãs do terreiro) e, ao chegar à minha residência, caí imediatamente em profundo sono no sofá da sala. Vi-me fora do corpo, num barracão enorme de madeira. Havia uma pequena cerca que separava o terreiro propriamente dito da assistência e de um outro espaço onde ficava a curimba (atabaques). O local onde as pessoas ficavam tinha vários bancos feitos de tábuas, e atrás uma espécie de arquibancada de três a quatro lances. Eu estava em pé no meio do terreiro quando uma porta se abriu e começou a entrar um séquito de Orixás africanos paramentados, todos nagôs, com suas vestimentas típicas. Eles vieram, um a um, dançando ao meu encontro e formaram uma roda à minha volta. Por último entrou Nana, impecável em sua vestimenta ritual azul-clara, feita de seda e bordada em detalhes roxos. Sentou aos fundos, numa caldeira de encosto alto. Ficou evidente a ascendência de Nana sobre os demais Orixás, pictoricamente representados. Não houve nenhuma comunicação em pensamento na minha tela mental que não fosse a clarividência do cenário descrito: Nana sentada no espaldar alto, de semblante austero e suave, sendo saudada pelos demais Orixás. Em reverência respeitosa, a saudei. Nesse momento, acordei no corpo físico com a convicção de que Nana seria a “fundação” da Choupana, como se esse Orixá fosse o alicerce de uma casa que está sendo construída e Oxóssi, o regente do congá, fosse o telhado e as paredes. Fiquei três dias em casa prostrado com uma sonolência gostosa. Levantava, comia e voltava a dormir. Terminados esses três dias, as energias benfazejas que estavam pulsando tinham sido absorvidas pela minha aura, fazendo parte da minha estrutura energética. Senti-me mais forte e confiante.

Cheio de dúvidas em relação à incorporação do Orixá, tentei me “socorrer” em Vovó Maria Conga durante sua manifestação na sessão, mas essa guia amorosa pediu-me pacientemente para acalmar minha inquietude,

alertando-me que aquele não era o momento para as minhas habituais perguntas. E orientou-me que aguardasse o sono físico em que ela estaria comigo, dado que tínhamos muitos consulentes para atender e o tempo era escasso para darmos conta de tanta dor, sofrimento, queixas e choros. Confiando no lado de lá, como sempre faço, deixei a gira girar.

Ao chegar à minha residência e me deitar, estava com a sensação característica que se instala no meu psiquismo sempre que trabalho com Vovó Maria Conga: a de ser uma criança e estar deitado no colo roliço de uma mãe amorosa, com o rosto encostado em seu peito macio: ela falando-me ao ouvido numa voz doce e ao mesmo tempo fazendo cafuné entre o balançar do corpo para frente e para trás, como as mães fazem ao amamentar seus filhos.

Dormi a noite toda e, ao acordar numa manhã de sábado ensolarado, a primeira percepção que me veio à mente foi a de Vovó Maria Conga e Ramatís, lado a lado, com o seguinte pensamento em uníssono:

> Senta para escrever, que o texto vai fluir. Não teremos as respostas mais esperadas, pois é inevitável que desagrademos uns tantos pelas perguntas que serão formuladas, no momento em que diversidade se confunde com Umbanda. Pensa que as tuas dúvidas são as da maioria dos umbandistas, a dos silenciosos, e roguemos ao Alto para que consigamos fazer-nos entender pelo canal limitado da tua mediunidade intuitiva. Fazer-nos entender por algo maior, por uma coletividade diversa, muito além de qualquer arroubo de regozijo pessoal teu, pois chuvas de pedra virão em tua direção. Não tenhamos a pretensão de possuir a verdade e, certos de que nem Jesus conseguiu ser uma unanimidade, não esperemos reconhecimento. Faça das pedradas que virão um belo jardim ornamentado para deleite das almas que enxergam as flores bruxuleantes da realização, ao invés dos espinhos da inatividade padrão dos cidadãos que nada fazem diante da enxada e do ancinho de nosso Senhor.

Ao sentar-me para escrever, tive a convicção da intensa presença de Ramatís com Vovó Maria Conga, mais do que o habitual, nos demais capítulos. Na verdade, esse mentor sempre está junto pelo fato de ser o coordenador e responsável pela minha mediunidade psicográfica. Talvez pela afinidade entre ambos – ele eVovó Maria Conga são de Sirius. É como se me mandassem um telegrama do Astral, escrito numa máquina de escrever a

quatro mãos, como se os dois estivessem respondendo juntos, se é que posso me fazer entender com essa comparação.

***

Pergunta – O que são Orixás?

Vovó Maria Conga e Ramatís – A palavra "Orixá", em seus aspectos básicos de interpretação, quer dizer: "luz do senhor", "mensageiro", "força da cabeça". "Ori" significa "cabeça", elemento primaz para o pensamento contínuo, o discernimento e o poder criativo da mente. "Xá" é força característica, essência divina. Trata-se de uma corruptela áepurusbá, senhor da força sutil, regente da natureza, manifestação diferenciada das qualidades e fatores de Deus. O Orixá de cada individualidade não tem a ver com uma entidade extracorpórea, mas com uma essência primordial e básica, energética e vibratória, que influencia o modo de ser e o destino de cada espírito, seja encarnado ou desencarnado, demarcando profundamente a mônada[7] (centro vibrado do espírito) do ente individualizado.

Não há como falar em Orixá sem citar os mitos. Os cultos da matriz africana foram disseminados no Brasil pelos descendentes dos escravos que para cá vieram.

Longe de suas terras de origem e separados de suas famílias, os negros escravos mantiveram na fé a única maneira de sobreviver diante da ignomínia e dos maus tratos que receberam. No interior das senzalas insípidas, entre amores, traições, assassinatos e contendas, preservaram as histórias ancestrais que personificam os Orixás como homens e mulheres.

Através das figuras humanas e historietas romanceadas mantidas pela oralidade, de geração a geração, foram preservados os conhecimentos das essências ou fatores divinos da cosmogonia religiosa, preponderantemente a yorubá. Com as lendas e antropomorfismo de cada Orixá (fator divino), eles são interpretados como humanos com poderes sobrenaturais para exercerem o domínio sobre um reino da natureza. Pela representação simbólica de seus aspectos comportamentais, com atributos de divindade materializados numa personalidade, aproxima-se o intangível sacralizado do tangível profano. O sagrado passou a fazer parte da manifestação das almas encarnadas e o próprio corpo o receptáculo, através do transe ritualístico.

Pergunta – O transe ritual na Umbanda é o mesmo dos cultos que "recebem" os Orixás?

Vovó Maria Conga e Ramatís – O transe na Umbanda é mediúnico

e acontece para que haja a comunicação oral dos espíritos manifestantes com os consulentes. Varia de médium para médium, em conformidade com sua sensibilidade; da irradiação intuitiva à semiconsciência, situação em que o medianeiro lembra-se vagamente do que falou nas consultas. Os cultos ritualísticos que incorporam os Orixás se dão preponderantemente por um processo arquetípico anímico de transe de possessão. Os Orixás não falam e se manifestam padronizados. Todos os oguns, oxuns, xangôs... dançam igual entre si e a partir da possessão ritualística se "humanizam", expressando-se no corpo de quem os "recebe". O gestual simbólico que realizam revive o mito antigo e harmoniza o ambiente e o inconsciente coletivo dos circunstantes, que se ligam atavicamente através de suas memórias perenes atemporais alojadas na mente espiritual de cada um (fruto de encarnações passadas em clãs religiosos), e aí rememoram a mitologia ancestral pelos movimentos, vestes, sons, cores e gestos das "entidades" manifestadas.

Pergunta – Essa humanização dos Orixás ainda é necessária?

Vovó Maria Conga e Ramatís – Os Orixás são vistos como antropomorfos milenarmente até os dias atuais. Esse recurso didático adotado pela psicologia sideral foi e ainda é necessário, pois os terrícolas em geral só veem, escutam e sentem até onde os seus sentidos ordinários permitem ver, escutar e sentir. Como é difícil perceber a espiritualidade em seus níveis superiores e abstratos, foi necessário fazer entender as essências divinas mantenedoras da vida (Orixás) no mundo concreto dos níveis inferiores, preservando esse didatismo desde as percepções tribais de antigamente até os sensitivos modernos, que extrapolam a oralidade lendo e escrevendo sobre a magia dos Orixás fora dos templos.

Pergunta – Os que entendem os Orixás como humanos ancestrais são atrasados em relação aos que os compreendem como energias abstraías?

Vovó Maria Conga e Ramatís – Quando falamos em superior e inferior referimo-nos às frequências vibratórias e, necessariamente, não as classificamos como mais ou menos evoluídas para não criarmos celeumas. Se o Criador fez os pássaros a voar e os homens chumbados na Terra, as aves tem mais destreza para planar nos céus do que os que andam no chão. Se compararmos a águia com o pato, a águia é superior no aspecto voar. Por outro lado, o pato é exímio no aspecto nadar, em que a águia é inferior.

Depende do aspecto (atributo) que se está comparando.

Pergunta – Mas não existem espíritos perfeitos e superiores?

Vovó Maria Conga e Ramatís – Como dissemos, o grau de evolução depende da interpretação sob um determinado aspecto. Como todos os aspectos existentes no Cosmo pertencem ao Criador e ninguém mais no Universo incomensurável os possui em sua totalidade, resta-nos, a todos os demais, impreterivelmente, nos igualarmos em eterna evolução. Por mais destreza espiritual e atributos divinos que alcancemos, nunca serenos iguais ao Criador, o que faz de todos os espíritos existentes iguais nesse aspecto – desigualdade em relação a Ele – e, logo, imperfeitos. Diante desse prisma interpretativo, não existe mais ou menos evoluídos, mais ou menos perfeitos, e sim consciências em infinita evolução. Assim, o medianeiro que incorpora o guia no terreiro de Umbanda não é superior nem mais perfeito que o candomblecista que, em transe, dança com o Orixá manifestado nele, assim como o espírita sem gestual e mentalista que psicografa não o faz com o mentor europeizado perfeito em relação ao caboclo brasileiro, dado que ele também está evoluindo e é um tarefeiro na seara de Jesus como qualquer outro. Pelas sábias leis divinas, a qualquer tempo pode-se encarnar no meio daqueles que consideramos inferiores para que se desbastem o orgulho e a vaidade.

Pergunta – Afinal, se o Orixá não é uma entidade extracorpórea, mas uma essência primordial e básica, energética e vibratória, que influencia o modo de ser e o destino de cada espírito, seja encarnado ou desencarnado, o que é que se incorpora no transe?

Vovó Maria Conga e Ramatís – O que se incorpora nos transes dos cultos aos Orixás pode ser uma forma-pensamento (egrégoro) do Orixá, que é plasmado e mantido pela ritualização frequente da mitologia (humanização) do Orixá. Nesse caso, não tem consciência e atua como se fosse um robô com gestual, cores, sons, odores e movimentos semelhantes e propiciatórios à manipulação da energia do sítio vibratório e do reino da natureza do Orixá em questão. A férrea uniformização litúrgica dos cultos mais conservadores das tradições antigas acaba formando e mantendo esses elementares energéticos, o que não deixa de ser positivo, sob o enfoque de fluidos benfeitores. Por outro lado, e agora causaremos polémica, existem espíritos desencarnados que pensam e acreditam serem os Orixás cultuados como

deuses. Tomam conta da mediunidade dos seus aparelhos e realmente incorporam, especialmente quando afrouxa a rígida padronização ritualística junto ao neófito recém-iniciado no culto. É o que chamam de Orixá individual – justificando o consenso vigente que cada filho de santo tem o seu Orixá próprio, embora a mitologia seja comum e padronizada.

Pergunta – É necessário fazer as obrigações na forma de seguidas oferendas para se ter a benevolência desses espíritos?

Vovó Maria Conga e Ramatís – Temos vários locais pelo Brasil que cultuam os Orixás e não fazem obrigação nenhuma ou quaisquer tipos de sacrifícios animais sangrentos. Há que se fazer cada vez mais o uso da mediunidade que liberta e não escraviza. Toda obrigatoriedade descumprida, que gera punição, é um processo mental coletivo de fascinação e subjugação espiritual. Obviamente, os elementos materiais são importantes condensadores energéticos e devem ser usados com parcimônia dentro de um contexto de altruístico auxílio mediúnico ao próximo, desinteressado e gratuito.

Ocorre, infelizmente, que muitos desses espíritos ficam presos nos assentamentos vibratórios mantidos secretamente nos pejis (santuários fechados aos não iniciados na religião), vivendo na contraparte etérica do plano físico onde são cultuados e não no plano astral, contrariando a natureza e o plano dimensional onde deveriam estar. Isso se dá por uma relação de dependência do "pai de santo", que oficia os ritos de renovação das oferendas sanguinolentas para que se sustente vibratoriamente com os fluidos liberados pelos sacrifícios animais, que devem ser renovados regularmente por toda a vida do iniciado. As entidades ficam escravas do sacerdote encarnado e de sua vontade, a fim de atender os clientes e conseguir os resultados que eles buscam. Por sua vez, os encarnados iniciados pelo corte ritualístico feito no alto do crânio ficam à mercê desses espíritos, escravizados à outra vontade que se apoderou das suas mediunidades. Essas entidades se apropriam do chacra coronário e do centro da cabeça, especificamente da glândula pineal, obtendo quase que um controle absoluto do psiquismo do iniciado e fortalecendo um pacto de "vida ou morte" eivado de mortandade animal que se perpetuará sabe-se lá por quantas encanações futuras, numa troca sem fim. Encontram ainda nas práticas de serviços e oferendas rituais para a clientela pagante, que são realizadas no local de culto ou fora dele em períodos intercalados entre as iniciações e o calendário religioso, fartos banquetes

sacrificiais sortidos em petiscos carnívoros e ricos em fluidos para que se mantenham fixados na Terra, ocasiões em que se alimentam das oferendas pela renovação constante do festim “estomacal”.

Pergunta – É possível uma entidade de Umbanda trabalhar nesses locais? Um médium de Umbanda tem como guia de frente o caboclo Y e vai para outro rito em que é raspado e iniciado para Oxóssi. Continuará “recebendo” a mesma entidade?

Vovó Maria Conga e Ramatís – O nome da entidade e sua forma de apresentação não dizem muito, assim como o rótulo da garrafa, necessariamente, não mostra o sabor do líquido que ela guarda.

Para as entidades guias que vibram na Divina Luz, na sagrada Umbanda – os verdadeiros mentores astrais da religião –, é insuportável, vibratoriamente, o ambiente psicoastral sustentado pelos sacrifícios animais e pelo derramamento de sangue. A mortandade sanguinolenta é de grande densidade, o que, naturalmente, forma uma barreira magnética que nos impede de atuar nesses locais. É concebível o rouxinol cantar no fundo de um pântano lodoso?

Assim como uma galinha de angola não voa no alto da montanha e uma águia não nada como o pato no lago, as entidades de Umbanda não conseguem participar desses rituais por não ser da natureza e da semelhança vibratória delas. Claro está que nada impede que outros espíritos o façam, dizendo-se da Umbanda ou sendo confundidos como tal, mesmo que não o sejam verdadeiramente, independente do nome que adotem, pois as formas de apresentação e denominações dos espíritos são universais.

Consideremos os vínculos cármicos com o aparelho e o fato de que muitas entidades ainda não são guias de direito no movimento de Umbanda no Astral. Temos de pensar que muitos desses espíritos são endividados com as leis de causa e efeito pelo uso indevido da magia em encarnações remotas. Encontram nesses locais que ainda lhes são afins a oportunidade de levar esclarecimento aos filhos de fé, resgatando em si o equilíbrio com a Lei. Caminham para a Umbanda por estradas difusas, assim como as mariposas entontecidas procuram os candeeiros na noite escura. Isso não deve ser visto com arroubos de espanto; afinal, vós, médiuns, não estais sedentos por encontrar o Santo Graal perdido, a luz do espírito, pelos vossos próprios atos insanos do passado? Não vos considereis melhor nem superior a quem quer que seja no amplo espectro mediúnico religioso da Terra. Necessariamente,

não julgueis nada nem ninguém. O que vale é a essência das orientações.

Não vos iludais com os locais, os nomes, as formas de apresentação dos espíritos e os ritos distorcidos. Lembremos que Jesus não atuava nos templos assépticos. Ele ia encontrar os enfermos nos leprosários e praças públicas, pois são os enfermos que precisam de médicos e não os sãos.

Há que se registrar que esses ritos misturados perdem-se em si mesmos, tal a confusão de preceitos. Na mistura aparentemente incompreensível, as práticas mágicas populares vão se "umbandizando" e, aos poucos, escoimando o atavismo milenar e a dependência psíquica dos ritos sacrificiais. Um pai velho aqui, um caboclo acolá, e gradativamente, nessa interpenetração no meio religioso mediúnico obscuro, o esclarecimento rumo a outras formas de lidar com o sagrado vai se instalando.

Pergunta – Então é possível a incorporação de um elementar, um egrégoro, sem consciência e individuação como espírito. Por favor, peço maiores elucidações.

Vovó Maria Conga e Ramatís – Perfeitamente. Sabemos que está confuso pela experiência recente de incorporação do Orixá Nana: na verdade, a energia condensada do mito humanizado deste Orixá, mantida pelas emanações mentais dos "vivos" (egrégoro), que fez quebrar em vós, internamente, o paradigma em contrário de que Orixá não incorpora. Muitos que lerem estas linhas vão dizer que tua mediunidade está com interferência, que isso não é coisa de Umbanda pura, botando defeito no bolo de fubá servido fumegante. Moer o milho, preparar a massa e esquentar o forno ninguém quer. Adoram ler a receita dos outros, mas nada de trabalho prático diante do forno quente das frentes caritativas da Umbanda com os Orixás.

Primeiramente, há que se dizer que existem nuances mal interpretadas na ampla fenomenologia demonstrada nos transes por este Brasil continental. Sem estreitarmos os conceitos em uma ou outra religião ou culto, mantenhamos a paciência, pois falaremos um pouco além do habitual. Os Orixás são aspectos diferenciados de Deus. Deus é indiferenciado de tudo o mais no Cosmo. Para se fazer "presente" no infinito universal e nas diversas dimensões vibratórias subjacentes, Ele criou os Orixás, aspectos diferenciados de Si mesmo. Cada tipo de energia, fator ou raio, que é um Orixá, se expressa de muitas formas. Cada um dos espíritos regentes planetários tem, sob seu encargo, legiões e legiões de almas em diversos estágios de desenvolvimento consciencial: reinos elemental, mineral, vegetal,

animal e humano. São os cocriadores dos mundos que atuam através de ordens criativas e mantenedoras menores, sob os auspícios da sabedoria do Uno, o Incriado Imanifesto, ou melhor, Deus, que para nosso entendimento faz-Se em Trindade Divina: som, luz e movimento. Essas multidões de inteligências (espíritos) obedecem a vontade dos regentes maiores e estão continuamente elaborando os mundos e os diversos reinos da natureza pelo Cosmo infinito. A essas hostes de espíritos que trabalham na administração sideral podemos chamar de anjos, querubins ou, por afinidade, Orixás, mesmo não os sendo, verdadeiramente, no aspecto energético. Nesse caso, são espíritos que atuam enfeixados nas energias, fatores ou raios divinos e se confundem com essas particularidades divinas. Obviamente, essas entidades não incorporam no mediunismo terreno. São os senhores das essências básicas, das forças da natureza, e os manifestadores dos fatores divinizados que determinam a governança cármica coletiva. Por desdobramento, cada espírito no mundo concreto, plano astral e físico, manifesta em si, numa escala infinitesimal, todas essas ondas fatoriais energéticas chamadas Orixás. Dizia Jesus: “Vós sois deuses”, referindo-Se a elas e às potencialidades latentes de cada alma.

Viemos todos de uma fonte primeva e temos pulsantes em nós as suas capacidades. Foi para o entendimento dessas energias, vibrações, ondas, fatores ou aspectos divinos, pelas populações simples e com as mentes preenchidas com o dia a dia da sobrevivência, que se criaram os mitos com os Orixás humanizados. Há milhares de anos as lendas se perpetuam. Diversas religiões cultuam os anjos, raios, devas e mestres. As religiões de matrizes afro-brasileira e a Umbanda, tendo influência africana, cultuam os Orixás. Os Orixás mitológicos não são espíritos individualizados, são formas de culto humanizadas e antropomorfas para a adoração e compreensão coletiva. Essa essência fatorial ou vibratória influencia cada individualidade. Assim como um oceano é indiferenciado em relação a si mesmo e um balde de água do mar de uma praia qualquer é diferenciado em relação a outras praias e mares e a esse oceano que o originou, também os Orixás são diferenciados entre si e em relação a uma essência maior, divina, indiferenciada e geradora, não tendo ligação e não sendo entidades espirituais individualizadas, tal qual o balde de água do mar não é uma baleia ou um golfinho, embora eles nadem em suas profundezas.

Pergunta – Qual a finalidade dos mitos humanizados? Existe

ligação entre os Orixás e os espíritos encarnados?

Vovó Maria Conga e Ramatís – O mito humanizado serve tão somente para o entendimento. Todavia, os Orixás têm ligação com as individualidades humanizadas pelo tipo predominante de energia formada pelas suas múltiplas vivências no orbe. É o que podemos denominar de "memória genética espiritual"[8], que fica registrada no corpo astral (perispírito) e não se desfaz entre as encarnações. Assim, a cada vez que um espírito retorna à carne, determinados atributos e predisposições psicológicas se sobressairão ou serão refreadas sob a influência de um determinado Orixá. É formada uma estreita ligação cármica com essas energias, que podemos entender como "Orixá de cabeça".

Pergunta – Essa ritualização rígida e intocável, impondo igualdade nas manifestações não bloqueia a espontaneidade do transe e se torna prejudicial à evolução?

Vovó Maria Conga e Ramatís – A manifestação cada vez maior da essência primordial de cada um, seja num transe anímico de um mito de Orixá (egrégoro) sem consciência ou num transe mediúnico, por ser um espírito com mente extracorpórea, traz como resultado a evolução e o aperfeiçoamento das almas. Se o corpo melhora e torna-se saudável pela catarse pessoal com essas energias que se derramam sobre ele pela mediunidade, ou por ele mesmo através da alma (melhorando o agir e pensar pelo entendimento da mitologia e seus ensinamentos, propiciando uma melhor integração com relação ao meio, outras pessoas e sociedade, e tornando o cidadão mais consciente e integrado em sua atual existência), não temos como classificar isso como prejudicial, independente da forma litúrgica ritualística que ocorrem os transes. O objetivo dos seres humanos não é de se sublimarem acima das dimensões que vivem e percebem. A eterna comunhão com o Divino está muito longe de ser da Terra e na Terra. Atuar nas dimensões onde é constituído, trazendo as energias elevadas e inalcançáveis para um patamar possível, como uma macieira frondosa que rebaixa os galhos para que as mãos famintas consigam alcançar as maçãs, sem conotação pecaminosa, propicia que as vibrações dos mundos rarefeitos sejam trabalhadas no sentido de melhora dos existentes no plano concreto. O que é prejudicial é a obtenção de vantagens pecuniárias e poderes mundanos, desvirtuando a mitologia dos Orixás e os objetivos elevados da vida humana. A exploração, o engodo e o desrespeito ao livre-arbítrio e aos merecimentos

individuais praticados por muitos sacerdotes terrenos é que os arrastam junto com seus seguidores para as regiões abissais.

Pergunta – A fé cega nas tradições religiosas não é uma forma de dominação mental? A mitologia que mostra Orixás sensuais, assassinos, traidores, dissimulados etc, não oferece farto manancial mitológico para o desvio do culto aos Orixás?

Vovó Maria Conga e Ramatís – Os Orixás humanizados não poderiam ser "santos" flutuando em nuvens com cara de anjinhos perfeitos. Se assim fosse, afastariam-se das mentes comuns, presas nas preocupações comezinhas do dia a dia, e não se conseguiria a educação delas. Há uma aproximação dos cidadãos no fato de os Orixás humanos possuírem atributos psicológicos e comportamentais negativos e positivos, semelhantes aos deles, diminuindo a distância dos "deuses" dos reles mortais. Isso demonstra que devemos procurar um equilíbrio nas nossas ações e pensamentos. Tudo que é excessivo na existência humana, seja no lado negativo ou no positivo, não denota equilíbrio. Negativo não quer dizer ruim ou do mal e positivo não significa, necessariamente, coisa boa. A eletricidade é positiva, pois ilumina, mas, se os fios condutores estiverem desencapados, será negativa, podendo causar um incêndio. Certos esportistas precisam da raiva para ter a força que os motiva na competição, sentimento que é dispensável no clérigo paroquial, durante a eucaristia dominical. Semelhante à cicuta que mata e também cura, a humildade e a tolerância, qualidades positivas, se em excesso tornam-se negativas, transformando-se em subserviência e omissão.

A fé cega nas tradições se sustenta pelo lado punitivo dos Orixás, que exigem sacrifícios e, por similitude, nos remete às leis do Antigo Testamento, como acontece nas religiões neopentecostais, que crescem assustadoramente. Vede que existe reflexo, como num espelho, entre os que perseguem os cultos aos Orixás e os perseguidos, sendo que os perseguidores, para perseguirem, têm de reconhecer a existência do objeto de perseguição e depois negá-lo. É uma similitude às avessas. É fruto da insânia chamada de fé cega e inquestionável, que ocasiona interpretações estreitas e literais de amor a um deus, ou deuses, punitivos e às tradições bíblicas mosaicas ou ancestrais mitológicas africanas. Segue as "versões cristãs" modernas, montadas como circos de gladiadores, fazendo com que seus crentes tornem-se fanáticos. A imensa maioria dessas pessoas vive na tortura da pobreza, na escuridão da mente estreita e da fé irracional, que as leva a ter medo do demónio e a se

escravizarem para agradar a Deus, bajulando-O e praticando barganhas. Existe forte atração reversa (mesmo que nos cultos aos Orixás não exista a exploração da culpa, como acontece nas religiões judaico-cristãs fanáticas) nos sacrifícios pessoais e de animais para manter-se o agrado ao Orixá, atração interminável diante do medo da punição. São pactos estabelecidos até a morte. Infelizmente, ainda é impossível acabar-se com a servidão que faz subjugar os prosélitos às normas e hierarquias da classe sacerdotal dominante, tornando os líderes religiosos mais importantes e indispensáveis para que o Orixá se faça presente no filho de fé do que o próprio "deus" cultuado, assim como o pastor evangélico o é para que os fiéis recebam o espírito santo.

Mesmo considerando que devemos respeitar todas as crenças, é necessário tirar das religiões, cultos e doutrinas o privilégio acrítico e de infalibilidade, pois nenhuma manifestação humana e espiritual está livre de críticas e falhas, seja no campo mediúnico, conceituai, doutrinário ou de costumes rituais, assim como o atual médium que recebe nossos pensamentos é falho e nós, espíritos responsáveis por este livro, seremos duramente criticados. Aqueles que temem ser criticados são os que objetivam dominar as massas, seja um pequeno grupo, uma confraria ou uma religião, como só acontece, na atualidade das religiões, com alguns líderes autointitulados mestres, magos de iniciação, pastores ou bispos. Os que aceitam o silêncio subserviente em nome dos segredos, da tradição, do ganho ou do medo da punição infernal alimentam a escravidão religiosa que ainda viceja em muitos cultos, doutrinas e religiões na face do orbe.

Pergunta – O racionalismo espiritualista despreza, de certa maneira, a fé. Há como conciliar a crença inquebrantável com a razão que liberta?

Vovó Maria Conga e Ramatís – Independente da vivência de cada alma, inegavelmente, Deus está conosco em todos os nossos caminhos. Fazer parte de nós a cada instante de nossas existências não significa isenção das responsabilidades que Ele nos revestiu. Não é possível o crescimento da consciência sem compromisso e sem obras realizadas. Observai que os peixes habitam gratuitamente os mares e são livres para se movimentarem. Contudo, devem nadar por si. Os vegetais não pagam impostos ao Grande Arquiteto pelo solo que ocupam. Todavia, devem produzir hortaliças, flores e frutos conforme a espécie. Em toda a natureza, não há nada que receba talentos para

se esconder em passividade e nada produzir. Mesmo as estrelas longínquas encantam os céus à noite como os vagalumes. Fomos criados para realizar o melhor. As dúvidas e os embaraços são naturais no movimento evolutivo. Se a presença de Deus ainda não vos sacode o íntimo pela fé, observai tudo que vos cerca, a imensidão de bênçãos que se espraiam à vossa volta, sem que façais o mínimo esforço. Não pagastes eletricistas para a manutenção da luz do Sol nem mineiros para escavar o ar que vos infla os pulmões.

Colocando à luz da razão as riquezas ilimitadas ao vosso dispor no Cosmo imensurável, compreendereis a magnitude da inteligência que tudo vê. Assim, fortalece em vós a fé que ora bambeia. Confiai e realizai para o bem, com a convicção interna (fé) de que fizestes vossa parte, e tudo o mais virá por acréscimo divino.

Oração de São Francisco

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvida, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, fazei que eu procure mais
consolar que ser consolado.
Compreender que ser compreendido.
Amar que ser amado
Pois é dando que se recebe.
É perdoando que se é perdoado.
E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Os Orixás e a memória genética espiritual

Pergunta – Pedimos maiores elucidações sobre a memória genética espiritual.

Ramatís – O homem é como se fosse um viajante solitário num enorme castelo que encontra num corredor sem fim inúmeros salões contíguos fechados. A cada porta que precisa abrir para entrar, deve despir-se da roupa que usa e colocar novas vestes que estão penduradas num cabide, no *bali* de entrada. Os novos trajes estão de acordo com o festim que participará em cada salão: podem ser as vestes de um príncipe ou os andrajos de um mendigo. Seu desempenho em cada nova festividade determinará a roupa que o espera no próximo cabide da existência. Assim é a memória genética espiritual que dinamiza o corpo astral (perispírito) entre as encarnações sucessivas. Dar-lhe-á a conformação afim às roupas que a personagem a ser vivida na confraternização de cada reencarnação precisa: de um exímio corpo deslumbrante a um anão sem pernas, a cada nova encenação a roupa se moldará segundo as obras a ser realizadas e de acordo com as construções erguidas anteriormente.

Pergunta – Como se dá a influência da memória genética do perispírito na formação do novo corpo físico?

Ramatís – Existe uma interatividade energética do corpo astral (perispírito) com a dinâmica gestacional, desde a fecundação. A mente do espírito reencarnante tem gravada no seu fulcro dinâmico (conhecido como mônada) todos os registros causais de atos passados que repercutem numa forte ação teledinâmica, formando potentes dínamos mentais e consequentes campos eletromagnéticos modeladores neste corpo plasmático que é o perispírito. Cada registro causal, que é adquirido ou criado em determinada encarnação passada, enfeixa-se vibratoriamente sob a matriz de influência energética de um Orixá. Essa interação entre vidas sucessivas do veículo modelador perispirítico e os novos corpos físicos tem interferências mediúnicas das partes interessadas e responsáveis pela ação cocriadora, que

se exaure nos canais da paternidade e da maternidade terrenas. De regra, esses acontecimentos se dão em nível inconsciente entre os envolvidos nas diferentes fases que compõem o processo palingenésico, desde a etapa de escolha dos genitores, que antecede à fecundação biológica, prossegue durante a gestação e o nascimento e se prolonga em maior ou menor frequência, em maior ou menor intensidade, entres os pais, filhos e irmãos, nas condições e circunstâncias cármicas requeridas, até por volta dos sete anos de idade do reencanante, quando finalmente o corpo astral modelador se acopla definitivamente ao novo corpo físico.

Pergunta – Como são os fatores intervenientes nesse processo mediúnico de interação entre os campos eletromagnéticos organizadores do perispírito que interferem na génese orgânica do corpo que se formará?

Ramatís – Os fatores intervenientes são autorizados dentro da mais absoluta justiça e da conformidade com as experiências que o espírito reencarnante deverá obter em sua nova vida. Obviamente, a análise de todos os fatores intervenientes (família, raça, condição socioeconômica, local de nascimento, religião dos pais etc) ultrapassa sobejamente o processo de organogênese do corpo físico. Por sua vez, a anatomia sutil se compõe de maiores complexidades pela interação necessária de outros corpos energéticos que envolvem o fulcro do espírito, a sua mônada, mas no momento não é prudente nos aprofundarmos nisso sob pena de tornarmos o tema por demais complexo e eletivo a poucos cidadãos. Importa esclarecer que os meandros energéticos das individualidades reencarnantes, em suas nuances extrafísicas, causadas por atos em vidas passadas na matéria, favorecem a criação de certos campos de força no perispírito que se instalarão no corpo bioplasmático acoplado no embrião que, por sua vez, formará o futuro corpo físico durante a gestação. A intervenção pelos arquitetos e engenheiros cármicos se dá para que sejam rigorosamente cumpridas as experiências cármicas necessárias à evolução do espírito.

Pergunta – Existem intervenções para que a influência dos Orixás no corpo astral do reencarnante que será médium seja diminuída e aumentada perante às exigências de bem cumprir os imperativos naturais da vida, como diz o aforismo popular “aqui se faz aqui se paga”?

Ramatís – Os mentores astrais da Umbanda movimentam as energias dos Orixás interferindo na sensibilidade do corpo astral a favor da evolução de seus pupilos. Obviamente, tais manipulações energéticas são sinérgicas ao estabelecimento do plano cármico do reencarnante, tendo em vista os objetivos educativos das experiências a ser vividas na carne. Assim, se um determinado espírito reencarna e será médium de cura, sua sensibilidade se ajustará de acordo com as tarefas que for desempenhar, ligadas aos Orixás que regem os processos curativos e das doenças. Cada Orixá, em semelhança com os seus arquétipos e influências psicológicas humanas[9], se fará sentir no modo de ser do ente que volta à carne, impactando não só no psiquismo mas também no tipo de corpo afim com a energia que mais deve sobressair-se.

Múltiplas operações magnéticas espirituais são realizadas nas Intervenções que se fizerem necessárias no perispírito, que será O modelo organizador biológico do corpo físico que se formará. Estabelecido o plano de trabalho que é justo ao reencarnante, ele sofre, antes de aproximar-se dos futuros pais, complexas intervenções energéticas que ocasionarão certas especificidades vibratórias em sua futura tela etérica, espécie de teia de proteção que será construída no duplo-etéreo quando da formação do corpo físico. Assim, em obediência aos ditames maiores de equilíbrio, cirurgicamente, os chacras astralinos do futuro medianeiro são alterados em seus giros, velocidade e frequências vibratórias para que se ajustem às ondas eletromagnéticas dos Orixás que os influenciarão. Esses vórtices energéticos servirão de para-raios para o acoplamento dos guias que acompanharão as tarefas do médium enfeixadas nessas energias do Astral, como os programas de computador, que devem rodar na máquina processadora, a contento.

Pergunta – Nos processos reencarnatórios “comuns”, de não médiuns, existem ingerências cármicas que objetivam a evolução sob a égide dos Orixás? Podeis dar-nos um exemplo?

Ramatís – A influência dos Orixás ultrapassa largamente as intervenções magnéticas nos corpos sutis, nos chacras e, por sua vez, no corpo físico que se formará. Na maioria das vezes, o embate entre almas adversas que se reencontram compulsoriamente em uma família objetiva a evolução psicológica de espíritos retidos nas malhas do ódio e do revide. Certas situações de conflito ocorrem como se fossem encruzilhadas que devem ser vencidas na longa jornada dos espíritos imortais, rumo à estação

angélica e para o aprendizado do amor, como neste caso: uma jovem mãe com uma filha de três anos teve muitas dificuldades para engravidar e durante a gestação precisou ficar em repouso absoluto, pois, ao menor esforço, sangrava. A filha é chorona desde o nascimento, apresenta dificuldade para dormir e treme de medo ao ficar só. Ao nascer, teve inflamação nos dois mamilos e apareceram hematomas no corpo. A mãe não teve uma gota de leite e seus seios, misteriosamente, diminuíram, como que murcharam, no primeiro ano da filha.

Em uma vida passada, a mãe foi uma senhora rica de uma grande fazenda de café. A filha de hoje foi uma escrava de beleza inebriante. Esta senhora feudal fez uma longa viagem de passeio à Europa e o marido ficou para cuidar das plantações, que exigiam constante supervisão. Ao voltar, encontrou a escrava amamentando um lindo bebé mestiço. Ficou desconfiada e quis saber de quem era aquele filho. Mas todos desconversam, principalmente o esposo, que se mostrou bastante indulgente com o fato, o que não era do seu comportamento habitual. Desconfiada de alguma estripulia do marido durante sua ausência, mandou prender imediatamente a escrava e a torturou até que confessasse que o pai era o esposo da sinhá. Foi jogada num porão para morrer no meio dos ratos. Seus seios petrificados pelo excesso de leite foram mordidos pelas ratazanas esfomeadas, causando-lhe uma forte infecção, a peste. Ao ser descoberta definhando, não teve mais salvação e, no momento crucial em que a morte se apresentava, rogou uma praga à patroa, dizendo que ela nunca teria filhos. Realmente, ela não os teve e seus dias acabaram em profunda depressão, desencarnando aos trinta e oito anos.

Hoje, ambas retornaram como mãe e filha. A que esconjurou veio como filha e a que mandou torturar, como mãe. Os Orixás lemanjá, regente da fecundação, e Oxum, símbolo da gestação, influenciaram decisivamente no encontro dessas duas almas para que perdoassem e exercitassem o amor além das aparências, raças e condições sociais. Em ambas ficaram demarcados na memória genética espiritual, na forma de fulcros vibratórios desarmônicos, os desmandos dos atos pretéritos para resgate no presente. Reforça-se o aforismo popular “aqui se faz, aqui se paga”, que neste caso refere-se ao tabernáculo físico que abriga os espíritos. A Lei Maior nada tem de punitiva e é plenamente justa.”A cada um é dado segundo suas obras”, nos ditam os Maiorais dos tribunais divinos, vibrando em Xangô.

Pergunta – Quais os ensinamentos que podemos absorver diante do conhecimento de que todos temos uma memória que fica impressa entre as vidas sucessivas?

Ramatís – Sois como barro nas mãos do oleiro divino. As mãos se movem, formando a estátua e respondendo aos comandos que vossas atitudes determinam, em consonância com o exercício do livre-arbítrio e com o merecimento que cada um deve colher. A interdependência dos corpos espirituais é atemporal, notadamente os inferiores que se moldam na forma astral e física. Demarcam-se no psiquismo de profundidade do espírito as descompensações vibratórias entre uma vida e outra, numa espécie de balanceamento repercutido pelas ações individuais. Vossos atos de ontem demarcam o que sois hoje e, no aqui e agora, podeis modificar o que sereis no futuro ao vosso favor ou contra vós. A sabedoria e o infinito amor das leis do Grande Arquiteto se comprovam ao oportunizar a eterna possibilidade de evolução e a liberdade de expressão da vontade. Ao compreenderdes que o cálice divino está em vossas mãos, não esqueçais de que ele pode ser preenchido pelo vinho dos céus ou pelo fel dos infernos. A escolha é unicamente de cada criatura.

Pergunta – Para nosso melhor esclarecimento dentro do assunto mediunismo de terreiro, pedimos alguns exemplos de ingerências cármicas que objetivam a evolução dos médiuns sob a égide dos Orixás e da memória genética espiritual?

Ramatís – Um jovem e ardoroso católico, ao se ver renegado pela moçoila que amava, tenta tornar-se padre e é recusado pelos clérigos superiores da congregação por ser gago. Revoltado, alista-se nas cruzadas como soldado. Em uma batalha sangrenta, durante a invasão a um clã pagão, é emboscado e morre com uma espada fincada em seu capacete, que lhe esfacelou o crânio. Desencarna com fortes dores. Na futura encarnação, volta como uma mulher médium, sob a regência de Xangô, para exercitar a paciência e o senso de justiça. Toda vez que se irrita, sente forte dores de cabeça. Em ressonância magnética, fica diagnosticado que teve excesso de cálcio na parte do crânio que encobre o lobo frontal, formando uma ossatura mais grossa, exatamente no local onde o capacete do soldado de outrora teve o cérebro afundado. Quando se irrita, descarrega adrenalina na corrente sanguinea, que é um potente vaso constritor, aumentando a velocidade da circulação do sangue e contraindo a massa cerebral limítrofe à parede óssea

do crânio, advindo as dores. Exceto pela dor, esse processo é inofensivo. Seu corpo físico veio demarcado para que aprenda a controlar suas emoções e sua intempestividade, tendo justiça interna e parcimônia nas reações diante das adversidades da vida.

Outra médium foi uma jovem filha de nobres europeus que estava prometida a casar-se com um rapaz de outra família abastada. Ele, ao ser morto em uma batalha durante a guerra, deixou-a viúva antes de se casar. Seu pai, querendo lhe "dar" para outro de grandes dotes, obrigou-a a confessar que não era mais virgem e, então, a abandonou em um convento de clausura num acordo com a Igreja, que assim recomendou ficando com os dotes referentes à sua parte da riqueza da família. Ela, enclausurada em grande revolta, envenenou a caixa-d'água da casa das freiras em conluio com o velho jardineiro, que conseguiu o veneno com um comerciante caixeiro-viajante nómade do Oriente. Em três dias, todas as nove freiras do convento morreram "misteriosamente", com uma espuma branca saindo dos lábios. Ela conseguiu fugir e, para sobreviver, prostituiu-se. Em menos de cinco anos, desencarnou tomada pela sífilis e pela lepra em todo o corpo. Hoje é uma médium de cura sob a égide do Orixá Omulu, aquele que leva as doenças e as pestes para que a cura se instale. Tem sérias dificuldades para manter relacionamentos afetivos estáveis, após ter sido abandonada pelo noivo depois de nove anos de noivado: coincidentemente, um ano de espera para cada freira assassinada. Encontrou no exercício da mediunidade e das catarses com seu Orixá o alívio do espírito. Já se encontra na meia-idade e ainda não se casou. Faz psicoterapia e tem muito medo de se relacionar, sentindo um aperto no peito como se fosse ser abandonada e presa por isso.

São tantos os exemplos quanto mais ostensiva é a mediunidade. Especialmente os médiuns com funções sacerdotais, quais sejam a de chefes de terreiros, escritores, fundadores e dirigentes espirituais, que são espíritos altamente comprometidos e de encarnação provacional. Quanto maior a abrangência do mediunismo em que estão envoltos com os Orixás, mais humildade devem ter e mais devem se rebaixar perante às leis divinas para não recaírem no orgulho e na vaidade, como já o fizeram outrora.

***

Oração aos Orixás

Que a tenacidade de Ogum nos inspire a viver com determinação, sem que nos intimidemos com pedras, espinhos e trevas! Que sua espada e sua lança desobstruam nossos caminhos e seu escudo nos defenda!

Ogum yê!

Que o labor de Oxóssi nos estimule a conquistar sucesso e fartura à custa de nosso próprio esforço! Que suas flechas caiam à nossa frente, às nossas costas, à nossa direita e à nossa esquerda, cercando-nos para que nenhum mal nos atinja!

Okê Oxóssi!

Que Oxum nos dê a serenidade para agir de forma consciente e equilibrada, tal como suas águas doces, que seguem desbravadoras no curso de um rio, entrecortando pedras e precipitando-se numa cachoeira, sem parar nem ter como voltar atrás, apenas seguindo para encontrar o mar! Que nós possamos lutar por um objetivo sem arrependimentos!

Ora yeyêo Oxum!

Que os raios de lansã iluminem nossos caminhos *e* que o turbilhão de seus ventos leve para longe aqueles que de nós se aproximam com o intuito de se aproveitarem de nossos fraquezas!

Êpa hey lansã!

Que as pedreiras de Xangô sejam a consolidação da lei divina em nosso coração! Que seu machado pese sobre nossas cabeças agindo na nossa consciência, e sua balança nos incuta o bom senso!

Kaô kabecilê Xangô!

Que as ondas de lemanjá nos descarreguem, levando para as profundezas do mar sagrado as aflições do dia a dia, dando-nos a oportunidade de sepultar definitivamente aquilo que nos causa dor e que seu seio materno nos acolha e nos console!

Odoyá lemanjá!

Que Omulu traga não só a cura para nossas mazelas corporais mas também ajude nosso espírito a se despojar das vicissitudes!

Atotô Omulu!

Que a sabedoria de Nana nos dê outra perspectiva de vida, mostrando que cada nova existência, seja aqui na Terra ou em outros mundos, gera a bagagem que nos dá meios para atingir a evolução, e não uma forma de punição sem fim, como julgam os insensatos.

Saluba Nana!

Que a paz de Oxalá renove nossas esperanças de que, depois de erros e acertos, tristezas e alegrias, derrotas e vitórias, chegaremos ao nosso objetivo mais nobre: aos pés de Zambi maior!

Êpa babá Oxalá!

Reza forte: teologia da prosperidade *versus* ideologia do axé

Determinado dia, ao chegar à Choupana, deparei-me com uma cruz de sal grosso na calçada, em frente ao portão de entrada, e a caixa de correspondência lotada de mensagens de uma famosa igreja neopentecostal. Fiquei feliz por terem deixado sal grosso e pensei: “Puxa, usaram o mesmo elemento da Umbanda, por que será?”. Calmamente, lavei a calçada. O tempo passou e não pensei mais no assunto.

Há pouco tempo, recebi uma carta na qual o remetente assinava: “Jesus de Nazaré reside na rua Nova Jerusalém, na Cidade Santa”. O carimbo do correio era de Santa Clara, São Paulo. O texto começa: “Eu, o Espírito Santo de Deus, venho por meio desta convidar-te a fazer parte do meu Reino de Glória e Poder para a tua salvação eterna...”. Depois discorre um amontoado de citações bíblicas, todas do Velho Testamento, afirmando que nós, umbandistas, espíritas e médiuns, estamos possuídos pelo diabo. Pelos erros de caligrafia, trata-se de pessoa de baixa escolaridade. Embora saibamos que o fanatismo atinge todas as escalas sociais, notadamente os cidadãos de baixa instrução são os mais propensos à lavagem cerebral neopentecostal.

Historicamente, a Umbanda foi perseguida desde a sua anunciação, em 1908, pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas dentro de um centro espírita, até meados do século passado. Teve de adotar nomes de santos católicos para registrar legalmente os centros que eram fundados. A perseguição do catolicismo e dos evangélicos é mais branda que a dos neopentecostais. Significativamente, a liderança dos ataques é da IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) que, além de assumir a representação generalizada do poder do demónio, amplia-o no transe ritual dos possessos durante os cultos de exorcismo em suas igrejas.

Por que será que a igreja do bispo Edir Macedo escolheu como alvo principal as religiões mediúnicas que, juntas (espiritismo, Umbanda e candomblé), segundo o censo do IBGE de 2000, somam apenas 1,7% da

população? Possivelmente porque a “produção” dos demónios materializados nos crentes que entram em transe de possessão durante os seus cultos é muito maior que essa população e, provavelmente, a grande maioria não faz parte das religiões mediúnicas, embora, provavelmente, já as tenha frequentado. O próprio bispo dirigente pertenceu ao culto omolokô – um sincretismo entre a Umbanda e o candomblé. Essas pessoas incorporam uma entidade que está nos seus imaginários como sendo a representação do “capeta”, qual acontece com os Exus e pombas giras. Esse ataque sistemático às religiões mediúnicas é uma estratégia de proselitismo direcionada ao potencial mercado consumidor de soluções mágicas do universo fetichista popular, que é majoritário no Brasil e que extrapola sobejamente o número de adeptos das próprias religiões mediúnicas, alvos dos ataques.

Naturalmente, a mediação mágica faz parte dos rituais da IURD, e a vivência do transe de possessão é reconhecida, incentivada e ocupa espaço privilegiado nos cultos. Acabou sendo indispensável aos seus métodos de persuasão e de conversão de novos prosélitos. É comum, *nas performances* dos pastores, a retirada dos encostos, o exorcismo dos possessos, sessões de descarrego e de fechamento de corpo, a utilização de água benta, sal grosso, galhos de arruda, flores, óleos, mel, giz, retratos, roupas etc, num processo de assimilação de elementos e práticas característico dos adversários atacados numa apropriação sincrética, introduzindo-os como instrumentos de combate. Mais que atacar as entidades das religiões mediúnicas, adotam o transe de possessão como um teatro performático. Reconhecem a existência da interferência dos espíritos na vida das pessoas para depois negá-los, mandando-os ao fogo do inferno pela eternidade. Na conjugação de um sincretismo invertido, reconhecem o pluralismo religioso, tendo como consequência a dependência daquilo que criaram para prospectar, recrutar, ampliar e manter o seu quadro de fiéis dentro do rico e disputado mercado mágico brasileiro, que é muito maior que o l,7% declarado no censo.

Na Umbanda e nos cultos afro-brasileiros, o transe ritual, a “possessão” pela entidade ou Orixá, é considerado sagrado. Nas igrejas neopentecostais, receber espíritos em seu próprio corpo é o polo negativo, representa o encosto, o causador de todos os males. Existe uma dualidade judaico-cristã absolutista e fascinadoramente distorcida: todo o Cosmo espiritual é malévolo e só o Espírito Santo é bom.

- Qual será o sentido de tudo isso? Diz o velho aforismo popular que “Deus escreve certo por linhas tortas”.

- ☐ Por que os ensinamentos morais de Jesus, contidos no *Evangelho*, e as suas práticas estão sendo deixados de lado a favor dos milagres e curas pelo “espírito santo”?
- ☐ Por que a teologia da prosperidade, salvacionista, afirma que os dizimistas aqui e agora podem tudo?
- ☐ Quais os impactos cármicos dessa conduta coletiva, diante das leis universais de merecimento e de causa e efeito?
- ☐ Quais os motivos dessa perseguição aos umbandistas e espíritas?
- ☐ Existe um carma acumulado, conflituoso, nessas consciências? Para onde vão os espíritos “exorcizados” nos cultos de possessão das igrejas?
- ☐ Qual a visão do mundo espiritual e o que isso tudo tem a ver com o nosso momento planetário de transição?
- ☐ Qual a contribuição desses ataques para a nossa evolução?

Crescendo a intolerância religiosa no Brasil, especialmente a perseguição às religiões mediúnicas, cultos afro-brasileiros, Umbanda e espiritismo, sobreveio uma larga literatura a respeito e pululam monografias, teses de mestrado e doutorado nas faculdades de sociologia e ciências da religião em todo o território nacional, mas, por enquanto, não tivemos uma manifestação do plano espiritual sobre o tema.

Neste capítulo, o amigo Ramatís faz uma introdução ao palpitante assunto, adiantando uma pequena contribuição que se aprofundará num próximo livro, intitulado *Reza Forte.* Informa-nos que os mentores do movimento espírita tradicional não trarão maiores esclarecimentos, em função do engessamento doutrinário dos centros federados e pela absoluta falta de canais mediúnicos para a recepção. Traz-nos uma abordagem universalista do que está acontecendo do lado de lá neste lamentável momento de crescimento do fanatismo religioso neopentecostal associado à intolerância religiosa.

***

Pergunta – Os neopentecostais exaltam a interferência e manifestação do Espírito Santo na vida e nos corpos dos prosélitos e não falam do Evangelho de Jesus. Quais os motivos?

Ramatís – Antigamente, em suas origens, o Pentecostes era uma festa agrícola judaica de oferta a Deus. Os melhores feixes das colheitas eram levados em oferenda num clima de festividade inocente e os que mais

colheram partilhavam com os necessitados. Posteriormente, em meados do século 5 a.C., a festa de Pentecostes passou a celebrar o Dom da Lei no Sinai, a festa da aliança entre Deus e o povo. Baseando-se nas tradições e costumes judaicos a respeito de Pentecostes, Lucas inovou em sua narrativa e falou da presença do Espírito Santo, guiando a missão dos evangelizadores no anúncio da palavra de Deus.

"Pentecoste" é uma palavra de origem grega que literalmente significa "dia da cinquentena". Cinquenta dias após o evento da ressurreição de Jesus, o Espírito Santo se manifesta nos apóstolos e também em cerca de 120 cristãos em Jerusalém, fazendo-os falar em língua estranha. A promessa de Jesus aos seus discípulos: "Recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até os confins da Terra" (Atos 1:8) ocorreu no dia de Pentecostes. Os discípulos, estando reunidos em Jerusalém depois das celebrações da Páscoa, ficaram inseguros e medrosos diante da perspectiva desafiadora de pregarem eles os ensinamentos do Mestre. Eis que a aura angélica de Jesus e o Espírito Santo, dom de Deus, se fizeram unos e aquele grupo de homens amedrontados e temerosos adquiriu em si, como um raio que desceu dos céus, a consciência de serem uma coisa só com Jesus. Todos sentiram que Jesus estava entre eles, mais ainda do que antes, porque, na realidade, Jesus não mais estava com eles, estava neles, e a missão da pregação evangélica seria o próprio Jesus em ação através dos passos, gestos e verbo de seus apóstolos.

Nos dias atuais existe uma dissociação da manifestação do Espírito Santo como agente catalisador da essência de Deus, que se interioriza nas consciências e concretiza-se nas ações crísticas, como outrora aconteceu com os apóstolos. O "espírito santo" dos neopentecostais é um despachante que a tudo resolve com pragmatismo exacerbado. Ele dispensa as ações pessoais, cura os desenganados, arruma emprego, desamarra negócios, arranja casamento, angaria automóvel novo, manda os males para as labaredas infernais e tanto maior serão suas benesses de prosperidade material quando maior for o dízimo dado. Claro está que, sob essa prática de magia, o *Evangelho* de Jesus se torna amorfo e desinteressante, já que exige esforço, conduta e atos propiciatórios para que a bonança crística se torne perene.

Paradoxalmente, o espírito santo salvacionista da atualidade reconhece o sacrifício de Jesus que liberta de todos os males e dispensa os prosélitos de maiores esforços evangélicos, desde que eles não faltem às

sessões e correntes salvacionistas, pois a igreja é indispensável intermediadora dele, espírito santo, com os fiéis. Esquecem-se de que os apóstolos tinham dentro de si a imanência de Jesus e, andarilhos, levavam a mensagem viva do Cristo a todos os lugares, sendo os corpos deles depositários do Sagrado que era livre e não estava aprisionado num templo, como só acontece nos dias modernos, quando recebei o milagre sem esforço, mas ficai atado ao milagreiro.

Pergunta – Nas últimas duas décadas houve um acirramento dos ataques das igrejas neopentecostais contra as doutrinas mediúnicas e religiões afro-brasileiras. Quais os motivos desses ataques?

Ramatís – Os ataques são investidas públicas. Sob o ponto de vista dos atacantes, afora os pueris motivos religiosos, o que está por trás dessa violência é a intenção de aumentar e manter a igreja cheia de dizimistas. O ataque se traveste de evangelização libertadora do demónio, mas, na verdade, faz parte de uma estratégia belicosa eivada de discriminação, preconceito e intolerância, disputando o rico mercado mágico religioso.

Toda e qualquer denominação dos deuses de outras religiões é perseguida. Cabe aos "soldados de Jesus" manter a "guerra santa", dando prosseguimento à obra de Jesus Cristo de perseguição aos demónios, como se lê em João 3:8: "Para isto se manifestou o filho de Deus: para destruir as obras do diabo". O panteão afro-brasileiro sofreu forte e intensa demonização em seu processo de inserção social. Os demónios estão materializados nas incorporações mediúnicas e nos despachos sanguinolentos das encruzilhadas e das praças urbanas. Dessa forma, resta aos obreiros neopentecostais destruírem as religiões mediúnicas e os cultos afro-brasileiros, colocados em uma generalização discriminadora junto com as práticas mágicas populares fetichistas, ricas de sortilégios mágicos, assim como um pai de família desempregado, ao roubar um cacho de banana, é preso e recolhido à cela da delegacia com frios criminosos assassinos.

O Velho Testamento, sendo baseado na lei mosaica do "olho por olho, dente por dente", versa sobre intolerância religiosa. Reportemo-nos diretamente ao *Evangelho* de Jesus, em essência, libertador dos atavismos e das punições violentas. Diz em Marcos 9:38-41:

> 38 – E João lhe respondeu, dizendo: Mestre, vimos um que em teu nome expulsava demónios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos,

porque não nos segue.

39 – Jesus, porém, disse: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo falar mal de mim.

40 – Porque quem não é contra nós, é por nós. Porquanto, qualquer que vos der a beber um copo de água em meu nome, porque sois discípulos de Cristo, em verdade vos digo que não perderá o seu galardão.

Os próprios discípulos de Jesus repreenderam uma pessoa que trabalhava em nome do Mestre porque não andava com eles. Jesus Cristo admoestou os discípulos e orientou-os a não proibir o trabalho desse indivíduo. Sabia o Mestre que as videiras da Boa Nova não nasceriam só dá lavra de seus apóstolos. Seus ensinamentos, libertadores em essência, deveriam ser semeados por todos aqueles que se identificassem moralmente, independente de crença ou denominação de culto terreno, assim como a semente não escolhe o solo para nascer.

Pergunta – Quando terminará esse ciclo de obrigações com sacrifícios de animais por um lado e do outro os dízimos e pagamentos sem fim, envolvendo as benesses buscadas?

Ramatís – Quando a consciência coletiva entender que a relação com a espiritualidade, com os espíritos, deuses, divindades, Orixás etc, não é referendada por troca e sim por conquista individual, por merecimento. Na prática, enquanto houver a procura por serviços de Além-túmulo, de saúde, de trabalho, de amor, enfim, remunerados e sem considerar o livre-arbítrio e o merecimento dos outros, essa situação se perpetuará. Essa busca paga pelos serviços espirituais nos terreiros, mais comum do que se imagina, é mantenedora de clãs sacerdotais que dão consultas, fornecem conselhos e propõem os trabalhos rituais a ser realizados por eles próprios. Formam-se comunidades de encarnados e desencarnados que administram a busca e o encontro das pessoas com seus ideais imediatistas, amparados pelo mercantilismo religioso, o que, por sua vez, mantém as entidades extracorpóreas chumbadas na Terra em constante alimentação fluídica e escambo energético, como se os espíritos tivessem de fazer refeições diárias para sobreviver. Em si, os elementos sacrificiais são um mero meio de concretização da insânia na procura desmedida de realização dos desejos humanos, doa a quem doer. Não é diferente do milagre dizimista, tão

divulgado numa era salvacionista em que “reza forte” deixou de ser simbolismo de oração feita com amorosidade desinteressada por singelas benzeduras de rezadeiras e virou meio de vida no amplo mercado religioso salvacionista que impera na atualidade midiática religiosa brasileira.

Pergunta – A expansão do mercado religioso brasileiro, sustentado pela facilidade de mídia atual, não deveria ter amainado os constantes ataques aos cultos afro-brasileiros, incluindo-se a Umbanda, pelas religiões salvacionistas, especialmente as neopentecostais?

Ramatís – O crescimento dos recursos midiáticos é o meio e não o fim dessas religiões. Como nada no Universo tende ao desequilíbrio, precisam reconhecer a existência dos espíritos, as manifestações mediúnicas, a sua influência no dia a dia dos vivos e os processos de obsessão e simbioses conscienciais para depois negá-los, atacando-os. Deus escreve certo por linhas tortas e pouco a pouco os que são atacados reveem suas práticas esdrúxulas e os atacantes ficam, gradativamente, sem munição, estabelecendo o fiel da balança.

Como a ideologia que os rege é salvacionista e punitiva, sacrificial, baseadas no Velho Testamento, encontram nos cultos afro-brasileiros e na “Umbanda” de práticas mágicas populares os inimigos diabólicos para atacarem com o objetivo de “roubar” deles os frequentadores. Na verdade, oferecem, em essência, os mesmos serviços espirituais, só que numa forma ritual diferente e reversa, pois são símiles ao que atacam, tendo em seus cultos transes de possessão, sessões de descarrego, banhos de sal grosso e arruda, sacudimentos desobsessivos, fogueira da rosa ungida, unção na cabeça com o óleo das oliveiras pelos pastores etc. A desunião costumeira entre as lideranças afro-brasileiras, elas mesmas competindo entre si, está, na verdade, numa mesma faixa de trabalho e disputa com os neopentecostais por clientes que pagam nos terreiros pela leitura do destino nos búzios ou pela consulta com”Exu”.

Na conversão ao “espírito santo” milagroso dos neopentecostais, os prosélitos terão de continuar pagando o dízimo. Quanto mais querem receber, mais darão ofertas numa proporcionalidade com as graças almejadas, como um leilão por finas peças de colecionador de raras ourivesarias; quanto maior o lance, maior a chance de se apropriar do tesouro, como se estivessem todos num grande balcão mercantil de benesses divinas, independente do nome do culto ou religião terrena, seja cliente, consulente, fiel, obreiro ou crente,

formado e mantido pela aglutinação de consciências que buscam externamente a salvação para os seus males com a ausência de esforços pessoais, já que pagando tudo é possível. Disputa-se o montante do mercado religioso como se fossem executivos de empresas. O sagrado se adapta aos planos de negócios e, quanto mais cheio o barracão, terreiro ou templo, mais reconhecimento público e notoriedade o estabelecimento comercial milagroso obtém.

Pergunta – O que o neopentecostalismo trouxe de novo?

Ramatís – O movimento pentecostal distinguiu-se pela ênfase nas curas divinas através da intercessão do espírito santo, em similaridade à sua manifestação no dia de pentecostes da época dos apóstolos. O acréscimo do prefixo "neo" é para expressar algumas mudanças que as igrejas recentes adotaram: afrouxamento do ascetismo, exaltação do pragmatismo na relação de troca com Deus, adoção da teologia da prosperidade e, fundamentalmente, o que as distingue dos pentecostais, o estreitamento doutrinário na batalha contra as religiões afro-brasileiras e o espiritismo como forma de excomunhão dos males que afligem os fiéis, para que consigam a cura. Essa "demonização" já existia e era mais branda nas fases anteriores do movimento pentecostal, fazendo parte da teologia de cura divina. Na verdade, o mercado consumidor das mediações mágicas (materializadas na experiência do transe religioso que veio preencher a estratégia de proselitismo neopentecostal junto às populações que, historicamente, sustentam os processos de trocas pagas com o Além, e até então tinham "exclusividade" de contato com as práticas mágicas populares baseadas no repertório afro-brasileiro e no mediunismo com os espíritos) está em disputa.

No neopentecostalismo intensificou-se radicalmente o modelo de religião que se sustenta na experiência do transe de possessão, vivida no próprio corpo dos prosélitos, característica que até então era da Umbanda, dos cultos afro-brasileiros e do espiritismo kardecista. É como um cidadão que construiu o cercado avançando no lado do vizinho para que a laranjeira deixasse cair as laranjas do seu lado.

Pergunta – O tema central da batalha dos neopentecostais contra as religiões mediúnicas, afora a identificação das divindades do panteão afro com os demónios, baseia-se na libertação para conversão pelo poder do sangue vivo de Jesus através do seu sacrifício pessoal para salvar a

humanidade, em oposição ao sangue das iniciações e oferendas rituais com mortandade de animais dos cultos afro-brasileiros e práticas mágicas populares. O que tendes a dizer?

Ramatís – Uma característica marcante dos pentecostais, até o surgimento do novo movimento, era tratar as religiões mediúnicas como folclore, crendice, imaginação ou ignorância. Ao inovarem e reconhecerem a existência das divindades dos cultos afro-brasileiros, dos guias da Umbanda e dos mentores espíritas, enquanto entidades desencarnadas, deram veracidade à mediunidade que, até então, negavam. Como crianças que tomam sopa com a colher virada e se lambuzam, viraram a verdade, classificando o mediunismo numa generalização às avessas (todo o Universo se compõe de "espíritos demoníacos" e o único espírito bom é o "santo" que se manifesta nos cultos de suas igrejas), como se a colher de Deus fosse torta para um lado só. Daí para justificarem a verdade de que os espíritos existem e influenciam a vida das pessoas, precisam constantemente exorcizar essas manifestações. Visualizaram, nas práticas mágicas populares e seus ritos distorcidos, um rico manancial para ataque sistemático, como só acontece ainda nos dias atuais nos despachos sanguinolentos das encruzilhadas urbanas, nos sacrifícios de animais às portas dos cemitérios, nas amarrações e feitiçarias diversas em nome de um falso sagrado que se reflete demonizado como objeto de perseguição dos neopentecostais. Encontraram similitude nos ritos sacrificiais contidos no Velho Testamento com os sacrifícios animais dos cultos afro-brasileiros, como o derramamento de sangue sobre a pedra (otá). Na verdade, essas leis com sacrifícios animais foram reformuladas por Jesus quando disse: "Eu sou o cordeiro que tira os pecados do mundo". Referia-Se ao sistema de troca institucionalizado com Deus que vicejava, alicerçado no sacrifício de pombos, coelhos e cordeiros. Jesus trouxe para Si o sacrifício colocando-Se como cordeiro para que as populações e sacerdotes da época deixassem de lado o abominável hábito de matar um irmão menor do orbe para ofertá-lo em troca de uma graça divina. Ele, o Cordeiro, filho de Deus, o Cristo enviado, ofertando-se conforme a tradição, fez com que se perdesse o sentido de matar um animal, já que Ele era a máxima oferta que o Pai poderia pedir para aliviar as consciências contritas com facas nas mãos para matarem em nome d'Ele.

O dar e receber, sempre presente na relação com Deus no Velho Testamento, é similar ao sacrifício para renovar o axé (fluido vital) dos cultos afro-brasileiros e práticas mágicas populares que objetivam uma troca: darem

a oferenda para receberem a graça dos Orixás. Na visão teológica neopentecostal isso é um pecado terrível, pois só o Espírito Santo deve ser cultuado e nenhum outro "deus" deve manifestar-se no corpo dos fiéis ou ser objeto de adoração, além do que o sacrifício e o sangue derramado de Jesus são únicos, e substituí-los por animais para cultuar outras divindades que não seja o próprio rabi imolado na cruz é considerado uma heresia demoníaca.

Há que reconhecer-se que os convertidos ao sistema de troca com o Sagrado existente nas igrejas neopentecostais materializadas nos dízimos, nas ofertas e no sangue de Jesus sacrificado, deixam de matar os animais, substituindo-os pelo corpo do Cristo na cruz e, ao invés de cobrar, se ex-sacerdotes, ou pagar, se ex-contratantes de serviços mágicos, continuam a receber como pastores para intermediar com o sobrenatural e a pagar, se adeptos em busca de milagres.

Mudaram as vestimentas, mas o manequim do grande balcão de escambo com o sagrado continua. Faz mais de 2000 anos que Jesus é sacrificado continuamente na cruz, derramando cachoeiras de sangue pelos séculos e os cidadãos não se modificam.

Pergunta – Mas se os convertidos deixam de sacrificar os animais não é uma evolução?

Ramatís – Obviamente, os animais que deixaram de ser mortos pelas pessoas, agora convertidas ao sangue e corpo de Jesus, têm, em escala cármica planetária, um ganho que extrapola os embates religiosos terrenos e se relaciona aos processos de individualização dos espíritos que ainda estagiam nas almas-grupo existentes no orbe, pelo fato de que a diminuição dos sacrifícios animais aumenta-lhes a preservação das matrizes evolutivas necessárias para as experiências reencarnatórias essenciais às suas evoluções.

Houve a troca de um elemento real (animal morto) por um simbólico (corpo e sangue de Jesus). O ato mental que busca no sacrifício a troca com o Sagrado não se alterou e é mantenedor de uma distorção desde os idos do Divino Mestre pisando na Terra. Aos poucos, os hábitos cristalizados vão mudando para, num segundo momento, mudarem as consciências. Assim como um assovio não dá nó em pingo d'água, as leis evolutivas universais requerem uma gradação.

Claro está que se diferencia, na balança da justiça divina, o crente nos Orixás que compra os elementos para ofertar ao seu "Deus" a comida votiva em conformidade com sua fé ancestral, sabendo que não adianta aumentar o

número de bodes, carneiros ou aves ofertados que a graça continuará a mesma, ao contrário do adepto neopentecostal que, quanto mais ofertar em sacrifício, além do dízimo, mais poderá receber de um "Deus" que tem a obrigação de atender ao ofertante. Nesse sentido, a pragmática teologia da prosperidade coloca "Deus" à mercê da vontade terrena, liberada de constrições culposas pelo sacrifício e sangue do seu filho na cruz para que todos os demais cidadãos vivam em abundância e cobrem do seu "Deus" as benesses prometidas, desde que paguem em troca, diferente do adepto das religiões afro-brasileiras que têm preceitos rígidos, delimitando a sua relação de fé e troca com os seus deuses, independente da quantidade de pagamento pecuniário.

Pergunta – Então, ao deixarem de sacrificar os animais e reafirmarem seguidamente o sacrifício e o sangue de Jesus, não houve uma mudança de hábito positiva? Não se evoluiu?

Ramatís – Como dissemos, o hábito mental e os atos não mudaram. Modificou-se um elemento real (animal) por um simbólico (corpo de Jesus), mas o rito de troca com o Além permanece em essência. Claro está que um pedregulho não rola ribanceira abaixo sem arrastar outros. Essas criaturas que se convertem e deixam de matar animais em ritos sacrificiais acabam libertando-se dos espíritos "viciados" nos fluidos etéricos do sangue que as acompanhavam. Nesse sentido, a primeira pedra faz rolar muitas outras.

As pessoas atacadas pela retórica da intolerância religiosa acabam "escutando" a voz do Deus punitivo que as ameaça de envio aos caldeirões infernais se não se transformarem, ao invés de serem receptivas às palavras do Cordeiro contidas em seu *Evangelho* libertador. É muito mais cómodo aceitar, sem maiores esforços, o corpo de Jesus sacrificado no lugar do animal imolado e continuar com os mesmos atavismos mentais do que alterar um único hábito arraigado há milénios por outro de moral evangélica. As consciências cristalizadas em si mesmas e dispensadas de quaisquer esforços próprios, acomodadas nas trocas com o Espírito Santo e com os Orixás, são iguais aos pássaros criados em gaiolas que desaprenderam a voar. Sendo assim, evolui-se quando se deixa de matar os irmãos menores planetários do mesmo modo que se abre a porta a um canário criado em viveiro, ato que, por si, não ensina o voo aos céus prometidos no *Evangelho* de Jesus.

Pergunta – O que acontece com esses espíritos que são enviados

aos infernos durante os transes de possessão dos fiéis nos cultos neopentecostais?

Ramatís – Obviamente, eles não são enviados para inferno nenhum, pois o estado infernal de suas consciências é que os aprisiona nas labaredas internas da dor e do ranger de dentes, consequência de seus desatinos. Mesmo que os pastores acreditem cegamente que o inferno exista e, ao mesmo tempo, entidades que operam nessas religiões neoevangélicas também pensem assim, é como se eles estivessem dentro de um grandioso ringue de boxeadores. Dentro do espaço destinado à luta, podem se enfrentar, mas as cordas não os deixam cair em espaços desconhecidos. Além dessas cordas de proteção, estão os espíritos caravaneiros de Maria de Nazaré, que atuam em todas as religiões, levando esses estropiados, exorcizados nos cultos de possessão neopentecostais, aos entrepostos de socorro no Astral, verdadeiras estações de triagens onde técnicos cármicos avaliam a situação existencial de cada um. Muitos estão sendo enviados a outros orbes por não terem mais condição de permanência na Terra. Outros ficam em tratamento e a cada um será dado a oportunidade de retificação perante às leis cósmicas.

Pergunta – Fundamentalmente, o que determina o envio desses espíritos a outros orbes e como é a geografia dessas futuras moradas?

Ramatís – Nesse caso, tratam-se de espíritos que foram chefes de legiões e que, por centenas de anos, mantiveram-se à margem das encarnações, vivendo colados à crosta, nesses locais onde se sacrificam animais rotineiramente, para renovarem os fluidos e o tônus vital com sangue. Seus médiuns foram convertidos (são os chamados “ex-pais de encosto”), fazendo a ponte de ligação vibratória para que pudessem ser capturados e toda a organização montada. Serão transportados para fora do planeta azul. Estão habituados a ser cultuados como reis, rainhas, santos e deuses. Exigem boas comidas, bebidas e quitutes e total submissão de seus “cavalos” mediúnicos. Locupletam-se pela submissão cega e exigem constantes agrados para que não se transformem em divindades iradas entre raios e trovões. Impuseram sistemáticas obrigações para que deixassem seus repastos vivos com saúde e o mínimo de dignidade. Por uma relação

direta de afinidade endurecida na dominação, serão enviados a planetas atrasados, como nos idos da Terra pré-história. Terão de saciar a fome animalesca e a dependência ancestral da mortandade animal sanguinolenta caçando e terão de se esconder dos predadores em cavernas.

Reiniciarão, assim, toda a evolução hominal, quantas vezes se fizerem necessárias, até que consigam exercitar o amor incondicional.

Pergunta – Por que nem todos conseguem os milagres buscados, mesmo pagando os dízimos e gordas ofertas?

Ramatís – Claro está que a divulgação de uma diminuta parcela que consegue as graças é feita nos barulhentos testemunhos midiáticos, ao contrário da grande maioria muda que só pagou e nada alcançou, e que não interessa aos pastores que sejam divulgados. Eles atribuem o fracasso à falta de fé dos prosélitos e se colocam como infalíveis, já que fizeram a parte deles e da igreja como mediadora.

Há que se considerar a existência de "partículas divinas conscienciais" que formam espécies de supercordas[10] etéreas sutilíssimas, diáfanas, que intermediam todas as dimensões vibratórias do Cosmo. É o chamado "olho de Deus", que tudo vê e mantém a organização e o equilíbrio universal. Grosseiramente, é como se, para aqueles entes que não adquiriram merecimento para alcançar as benesses divinas, essas supercordas não permitissem a concretização dos milagres. Momentaneamente, é possível ultrapassar-se os limites de segurança impostos por esses aglomerados de partículas através dos atos magísticos negativos. Por isso, muitas das graças milagrosas não são perenes, como se esticásseis um elástico por certo tempo até que ele volte ao seu estado de repouso inicial: é a conhecida lei de retorno na magia. Essa dinâmica é exata, matemática, e mantém a harmonia universal. Logo, mesmo com todas as correntes mentais dos trezentos pastores, esconjures e unções aliadas ao arsenal mágico de elementos rituais, existe uma força maior que foge à compreensão dos religiosos humanos e que é mantenedora do equilíbrio no gigantesco novelo cármico planetário. Sem demora, os cientistas começarão a desvendar.

> **Teoria científica, ainda em desenvolvimento, caso comprovada, trará mais explicações aos questionamentos sobre partículas elementares**
>
> *Por António de Pádua G. Barbosa*
>
> [...] A Teoria das Supercordas surgiu para tentar esclarecer alguns aspectos do comportamento das partículas elementares, para os quais a Mecânica Quântica e a Teoria Geral da Relatividade apresentaram algumas dificuldades ao tentar explicá-los. Apesar de a Física das

Partículas Elementares ter obtido muito sucesso ao se utilizar da Teoria Quântica para descrever o comportamento e as propriedades dessas partículas, essa teoria somente funciona bem quando a gravidade é tão fraca, que pode ser desprezada ou mesmo assumida a sua não existência. A Teoria da Relatividade Geral de Einstein, que engloba a Lei da Gravitação Universal de Newton, é capaz de descrever muito bem as órbitas dos planetas, a evolução das estrelas, o "Big Bang" e até os buracos negros; entretanto, para que essa teoria seja satisfeita, é necessário que o seu Universo seja totalmente clássico (Newtoniano) e que a Mecânica Quântica não faça parte da Natureza Universal. O grande desafio da Física atualmente é unificar essas duas teorias básicas: a Teoria Quântica e a Teoria da Relatividade, numa teoria completa a respeito das partículas subatômicas. Existem, atualmente, várias teorias ou modelos parciais que descrevem muito bem certos aspectos dos fenómenos subatômicos, ainda que não completamente. A Teoria das Supercordas, com certeza, também tem suas deficiências, mas ela pode servir de elo entre a Mecânica Quântica e a Relatividade Geral (e a gravidade) para explicar o comportamento de partículas que interagem em um ponto singular do espaço-tempo à "distância zero" uma das outras, como acontece no interior dos núcleos atómicos. Como essas partículas tão infinitamente pequenas, com massa quase zero, e que, por esse motivo, não deveriam apresentar um efeito gravitacional forte, podem estar tão próximas umas das outras? Os físicos têm tentado encontrar uma explicação para esse paradoxo há muito tempo e costumam chamar esse efeito gravitacional, ainda inexplicável, de Gravidade Quântica.

Se a Teoria das Supercordas vier a ser considerada uma "Teoria da Gravidade Quântica", então o tamanho médio de uma corda deverá estar perto do comprimento da gravidade quântica, também chamado de Planck, que é da ordem de 10-33cm (lcm dividido por l, seguido de 33 zeros) e para a sua vibração, que seria a origem das partículas fundamentais, causar o efeito gravitacional, complementando as explicações quânticas a respeito das partículas fundamentais e estendendo a abrangência da Teoria Geral da Relatividade de Einstein do Macrocosmo até o Microcosmo, sua tensão deverá ser da ordem de 10 toneladas (l seguido de 39 zeros). Eu também acredito que essa teoria tenha sido, em parte, resultado de alguma inspiração, assim como todas

as grandes descobertas, sejam científicas ou não; mas para chegar a essas conclusões relativas ao tamanho das “cordinhas”, eles, pesquisadores, fizeram cálculos com base no valor do Comprimento de Planck, como já abordei anteriormente e, por isso, admitem que o comprimento das cordinhas seja ainda menor que essa distância, pois elas, cordinhas, foram aventadas para que a Mecânica Quântica e a Gravidade pudessem ser compatíveis, quando a distância entre as partículas fundamentais fosse tão pequena ou menor que o número estabelecido pelo Comprimento de Planck. Assim se estimou o tamanho das cordinhas sem ainda terem obtido condições tecnológicas de “enxergá-las”. A Teoria das Supercordas é uma teoria ainda em desenvolvimento e não é pretensão dos físicos que ela venha a dar tudo como explicado e resolvido, com relação à origem do que é considerado como matéria; e os cientistas sabem que só o surgimento dessa teoria não os faria ter chegado ainda a qualquer limite em termos do Microcosmo. Mas nós, que, além de nos interessarmos por essas questões de ordem técnica, somos também discípulos de Allan Kardec, podemos especular e aventar para a hipótese de que, caso a Teoria das Supercordas venha a ser comprovada, nós teríamos, para alguns “milagres” de Jesus, mais uma explicação, além das já existentes, conforme eu propus no artigo “As Gordinhas”, publicado na Revista Internacional de Espiritismo de março de 2000.

Esse assunto é muito complexo e, em meu pensamento, foge ao escopo do que pretendemos nós, tecnólogos-espíritas, que apenas estamos tentando cometer, cada vez mais, menos erros, em nossos aprendizados morais e intelectuais, buscando, porém, explicações que se encaixem em nossos raciocínios, ainda que estes sejam por ora muito mecanicistas. Vale a pena ressaltar também que, segundo alguns pesquisadores, a Teoria das Supercordas não é uma teoria pronta e definitiva, e ela hoje é subdividida em vários caminhos, nos quais as variáveis são as mais diversas, indo desde o formato das cordas (aberto ou fechado), o tipo de partículas elementares a que elas dariam origem (bósons, férmions ou ambos), até o número de dimensões no espaço-tempo para que a teoria fosse possível (de 10a 26 dimensões). E nós, espíritas, ainda teríamos mais um componente a acrescentar nessa “sopa quântica”: o componente moral, advindo do elemento espiritual que, sabemos nós, é quem verdadeiramente faria vibrar as cordinhas, caso

elas realmente existam.

Por que meio o elemento espiritual poderia atuar sobre a vibração das Supercordas? A meu ver, essa atuação se faria pelo sentimento do qual é possuidor. Porque é no seu sentimento que as ações do princípio inteligente (oriundo do elemento geral espiritual) se originam. Quando o princípio inteligente, já um espírito formado, atinge o grau de pureza no qual os meios que ele utiliza para interagir e se comunicar com os outros espíritos e com o ambiente ao qual pertence, sejam eles meios físicos, verbais ou mentais, dispensam o uso do raciocínio para serem postos em ação, ele, espírito, terá, nessa altura, as condições necessárias para cooperar no progresso de criação universal. Os espíritos que atingem tal grau de pureza são muito avançados, tanto moral, quanto intelectualmente, mas como a ação do sentimento não depende somente do conhecimento científico-intelectual, os que agem sob o comando direto do sentimento puro que abriga o amor e a caridade, conseguem, através desse sentimento, atuar sobre as cordinhas, ainda que sejam, em escala intelectual, tão ignorantes quanto nós todos encarnados nesse planeta expiatório. Sua ação sentimental será levada através da escala evolutiva dos espíritos superiores até aqueles que têm conhecimento científlco-intelectual suficiente para realizar o desejo que se originou em seu coração amoroso. Se, por um lado, esta teoria nos dá esperança de que podemos ser fazedores de “milagres”, também nos mostra que não é preciso que estejamos tão evoluídos intelectualmente para iniciar estes feitos, podemos começar agora, basta agirmos com o sentimento de amor e caridade verdadeiros e deixar por conta dos maestros da orquestra quântica celestial o vibrante toque das cordinhas.

***

Abre a porta, ô gente
Que aí vem Jesus
Ele vem cansado
Com o peso da cruz
Vai de rua em rua
Vai de porta em porta
Oh, Deus da minlfalma
Sem culpa nenhuma

Novos ângulos de interpretação

Desde os estudos mais relevantes da antropologia das religiões afro-brasileiras, pelos idos de 1940, muita coisa mudou. É só pegarmos um livro das décadas de 50 ou 60 e fazermos uma comparação para verificarmos que muitas tendências foram confirmadas e, ao mesmo tempo, novos direcionamentos se impuseram. Na atualidade, religiões recém-criadas, as "evangélico-neopentecostais", digladiam com as mais antigas, com a Umbanda, o espiritismo e as demais religiões afro-brasileiras. Criaram-se e assumiram-se novos ângulos de interpretação e foram veiculados na mídia os conteúdos renovados sob outros prismas interpretativos, objetivando disputar a clientela num cenário de enfrentamento entre concorrentes no mercado religioso mágico brasileiro.

Não temos as respostas, mas estamos buscando os caminhos para compreender aonde vamos. Talvez a monografia a seguir, um trabalho de conclusão da disciplina de antropologia da religião, seja um pequeno passo entre tantos outros necessários e de interesse para nossa religião, a fim de nos ajudar a entender melhor – ou, quem sabe, gerar mais dúvidas – os motivos de a nossa religião estar diminuindo nos censos oficiais, enquanto as novas religiões evangélicas, que nos elegeram como alvo dileto de seus ataques, estão crescendo e se destacando.

Anexo

Umbanda, reflexões de uma realidade: ambivalências entre caridade e desunião

Ana Carine Cerva –
Licenciada e bacharelanda em Ciências Sociais pela UFRGS

Introdução

A religião Umbanda suscita investigações profundas para se pensar à possibilidade de chegar a algumas conclusões sobre a dinâmica de suas relações com outras religiões mediúnicas e de possessão. A presente pesquisa ao subsidiar-se da literatura científica da Antropologia da Religião, bem como de outros métodos apresentados posteriormente, busca através de uma análise comparativa mostrar algumas diferenças entre a Umbanda, o candomblé e o kardecismo.

Em linhas gerais, a proposta do estudo consiste em fornecer elementos para uma releitura do espaço da Umbanda no Brasil, na atualidade, por duas perspectivas. A primeira propõe compreender as motivações que fizeram certas pessoas escolher entre os terreiros da Umbanda a outras práticas religiosas. A segunda analisa a questão do processo de retração lenta, gradual e contínua dos seguidores dos cultos afro-brasileiros nas duas últimas décadas do século XX, segundo o censo do IBGE (PIERUCCI, 2004, p. 25).

Quando se procura refletir sobre as motivações que fizeram as pessoas procurar os centros de Umbanda, precisa-se ter em mente que elas, possivelmente, já transitaram por outras religiões, como a Igreja Católica, o espiritismo kardecista e inclusive as igrejas pentecostais em busca de soluções para os problemas mais diversos.

Na tentativa de compreender a dinâmica da questão demográfica das religiões no Brasil, precisa-se saber que a partir dos censos de 1991, o IBGE realizou a coleta e a análise de dados candomblé e Umbanda em separados. Tal enfoque assume relevância quando a Umbanda vem perdendo consideravelmente seus fiéis, das 541.518 pessoas assumidas umbandistas em 1991, o censo do IBGE de 2000 apresenta 432.001 seguidores, ou seja, uma redução de mais de 100 mil declarados, enquanto que no candomblé há um

crescimento gradual no mesmo período superior a 30 mil adeptos.

No intento de responder as questões acima, surgem algumas hipóteses para pesquisa. No que diz respeito à escolha da Umbanda entre outras religiões, pensa-se que as pessoas procuram soluções mágicas aos seus problemas, visto que não as encontram em outras esferas da vida. Quanto à perda gradual de fiéis para Umbanda, há diversos fatores que podem estar envolvidos, tanto na oferta diversificada de outras religiões que apresentam soluções mágicas às intempéries do dia a dia, quanto a divergência de pensamentos dentro do próprio campo da Umbanda.

Do ponto de vista da abordagem metodológica, optou-se por utilizar o aporte teórico, principalmente, das pesquisas de Roger Bastide, a observação de campo de uma sessão de Umbanda, a entrevista semiestruturada com o chefe do terreiro dessa casa e da literatura produzida no próprio meio da Umbanda.

Feita essa introdução acerca de algumas questões sobre o universo de possibilidades de indagações sobre a Umbanda, direciona-se a atenção do estudo para as pesquisas do professor Roger Bastide sobre o surgimento da Umbanda no Brasil, presentes no livro *As religiões africanas no Brasil – contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações.*

O surgimento de uma religião

O desenvolvimento da urbanização nas grandes cidades do Brasil, no primeiro momento, destrói a comunidade dos negros, mas, no segundo, cria uma nova reorganização social, apresentando-se estruturada sob a égide da solidariedade de classe.

O advento da industrialização permite ao negro ingressar no mercado de trabalho, possibilitando-lhe recursos para melhorar de vida ao se fundir à massa proletária. Contudo, os filhos dos imigrantes ocupam a maioria das vagas das indústrias. Até mesmo a oferta de empregos domésticos mostrava-se preconceituosa à contratação de negros. Havia jornais que publicavam anúncios do tipo “não se aceitam empregados de cor”.

No que se refere à questão da moradia, os elevados valores dos aluguéis nas zonas centrais urbanas forçaram as famílias negras a migrar para os cinturões das grandes cidades. A dinâmica dos locais marginais faz com que a família se desestruturasse. A concubinagem na forma de casamentos

múltiplos e efémeros, associada às tentações da cidade grande, contribui para um cenário de mobilidade nas relações conjugais.

Outro reflexo das precárias condições de vida da população negra demonstra-se nos elevados índices de mortalidade infantil. Todavia, a ampliação de oferta e acesso a instrução para população brasileira proporciona o início de uma inquietação a essas novas gerações letradas. O "homem de cor" instruído percebe, a um dado momento da história, não existir outra razão para sua situação inferior que a existência do preconceito que o aniquila. A discriminação associada ao sentimento de timidez fez surgir uma espécie de psicologia do ressentimento. Essa revolta não somente contra o homem branco, mas também contra ele próprio, traduziu-se em realizações políticas e manifestações religiosas urbanas (BASTIDE, 1960, p. 423).

As ideias difundidas na imprensa passaram por três fazes distintas: na primeira, os jornalistas negros começaram a escrever ver nos jornais de brancos ou eles próprios formaram os seus jornais, franquearam-nos aos brancos, na forma de uma comunhão, porém não muito bem-sucedida, na medida em que suas ideias foram deixadas de lado. Numa segunda fase, a imprensa constituída por jornalistas negros mostrou-se mais literária que política; assim como mais social que reivindicatória. Todavia, o período pós-guerra da década de 1920 é marcado pelo início de uma fase de combate. A divulgação das ideias de liberdade e fraternidade despertou às aspirações pelos ideais de igualdade social dos negros em relação à população branca. Eles criaram o jornal *A Voz da Raça*, posteriormente fechado no período ditatorial de Getúlio Vargas. Com o final da Segunda Guerra, inicia-se o terceiro período marcado pela reconstrução das associações de classe, dos congressos; surgem novos jornais, cujo conteúdo voltou-se mais para luta do que para comunhão.

Diante dessa suposta democracia racial, o negro é um homem esquartejado, tanto pela revolta contra o branco, quanto pela revolta contra si; tanto pelo protesto africano, quanto pelos ideais de fundir-se à massa branca.

Os jornais e associações de negros têm um papel importante na valorização do negro. Começa surgir um tempo não somente cronológico, mas também sentimental envolvido por lendas, datas comemorativas, heróis e santos de cor. No entanto, essa imprensa de cor termina em puritanismo, na medida em que associa a imagem do negro a um ente beberão, sensual e ladrão, cuja mudança de vida dar-se-á somente pela instrução. Ainda assim, uma característica permanece: sua negritude. Portanto, faz-se necessário um

olhar não mais para o exterior, mas sim para o seu interior:

> O puritanismo termina assim, idealismo sentimental, numa fuga às distinções da epiderme, na direção do que se unifica, se iguala, se identifica: a luminosidade das almas puras. Ora, aqui o negro supera o branco; pois o que, em definitivo, faz a espiritualização é o sofrimento, sobretudo se esse sofrimento é injusto. O escravo foi torturado, batido, injuriado como Cristo. Sua existência terrestre foi uma paixão, uma segunda crucificação (BASTIDE, 1960, p. 426).

A reconstituição histórica das diferentes fases da imprensa dos "homens de cor" trouxe à tona ambivalências que serão visualizadas não somente no conteúdo dos jornais, mas também no estudo detalhado das religiões no Brasil.

Essa contextualização tem o objetivo de levar à compreensão sobre o surgimento da Umbanda no Brasil. Esse estudo abordará a trajetória do surgimento da religião panteísta dos Negros de Pernambuco, o espiritismo de Allan Kardec, o baixo espiritismo até o espiritismo de Umbanda.

Fundado em 1935 por José Amaro Feliciano, a seita panteísta de Pernambuco foi registrada oficialmente em 1937, mas logo passou por uma interdição do governo católico pernambucano. Seu fundador quis ofertar aos afro-brasileiros uma religião que se adaptasse aos seus anseios através do culto à natureza, da teoria da irradiação dos planetas na água miraculosa, do transe místico, das esfinges feitas de areia nas vésperas dos cultos públicos. Proibia o consumo de álcool, de fumo e de sexo desregrado. Difundia o sentimento de fraternidade, humanidade e ajuda mútua entre os fiéis, seja na cooperação para o trabalho, seja na adversidade. Todo esse estilo de vida regrado, segundo essa seita, contribuiria para uma melhoria progressiva na saúde racial dos seus seguidores.

Aproximadamente em 1860 a religião espírita foi introduzida com sucesso no Brasil (RIBEIRO; CAMPOS *apud* BASTIDE, 1960, p. 433). A partir de então, passaram a existir duas correntes espíritas em nosso país: a primeira constituída por intelectuais, médicos, jornalistas, políticos, ou seja, pelos brancos de classe média alta, que pretendiam chegar a um espiritismo tanto distante da metafísica, quanto mais próximo do pensamento científico. A segunda, mais difundida, baseada no *Evangelho* de Allan Kardec, cujo

público era constituído, sobretudo, por brancos das classes baixas.

A doutrina espírita pregava o desejo de saúde física e espiritual; a luta contra a doença e a miséria, bem como as operações cirúrgicas espirituais (sem derramamento de sangue). A teoria espírita difundia o conceito já existente de carma, como as provações que seriam expiadas durante a passagem pela Terra. Pregava também a moral da fraternidade e do amor. Portanto, possuía uma tríplice função sociológica: mostrava-se contra a doença, contra a miséria e a favor do ensinamento moral. O espiritismo organizava a vida desajustada do homem da cidade, cuja estrutura patriarcal e tradicional encontrava-se em abalo. Em seu início, os cultos eram frequentados, quase exclusivamente, por homens brancos de classe média e logo passaram a ser procurados pelos “homens de cor” (BASTIDE, 1960, p. 433-434).

Nesse momento, duas mudanças significativas terão seu reflexo na formação de um novo espiritismo: a primeira mostrava-se na figura central do presidente da sessão, cuja função era servir de intermediário entre os médiuns e os espíritos desencarnados. Essa figura representava na nova seita o lugar que o pagé ou o curandeiro ocupavam nas práticas dos rituais de cura das sociedades ameríndias ou do continente africano. A segunda marcava a passagem do espiritismo para o animismo.

No Sul do Brasil os negros faziam o culto aos mortos: acreditavam na reencarnação dos antepassados; já entre os índios, acreditava-se que a natureza era povoada por espíritos dos mortos. O “homem de cor” buscava no transe ou êxtase a nova forma de comunicação com o invisível. Esse diálogo servia para a troca de advertências e conselhos. Os brancos, todavia, passaram a chamar esses cultos de forma pejorativa de “baixo espiritismo”. No entanto, para o mestiço de índio e para o descendente de escravo, essas cerimónias foram as primeiras formas de aproximação aos ritos civilizados. Dessa maneira, os cerimoniais tinham uma função sociológica: “tranquilizar o 'homem de cor' sobre o seu próprio valor, mostrando-lhe que ele não está abaixo da cultura ocidental, que não é primitivo, nem semicivilizado” (BASTIDE, 1960, p. 435).

Como forma de justificar a escravidão, a sociedade branca inventou uma classificação dicotômica para os espíritos africanos, distinguindo-os em: “negro bom” e “negro mau”. O “negro bom” – o velho Pai João de cabelos embranquecidos – era o arquétipo do negro que aceita sua condição de submissão aos senhores brancos. Os negros maus personificados na imagem

do quilombola mostravam-se naqueles que vinham para trazer a discórdia, a desgraça e a doença. Quando desciam nos terreiros deviam ser expulsos após um discurso moralizador dos médiuns, a fim de que lhes voltassem os melhores sentimentos de passividade (BASTIDE, 1960, p. 437).

Diante desse cenário, a doutrina espiritista de Allan Kardec aceitava os mulatos e os negros em suas cessões, porém sob a condição de receberem os espíritos dos brancos letrados, visto que consideravam os espíritos dos caboclos e dos africanos como inferiores ou atrasados; portanto não seriam capazes de auxiliarem nos trabalhos de assessoria mediúnicos.

Em vista disso, a luta racial desloca-se do mundo terrestre para o mundo do sagrado. Como forma de reação ao cenário de preconceitos no plano social e espiritual, a Umbanda mostrou-se como uma expressão de criação de uma verdadeira religião brasileira. Cabe referenciar aqui, que alguns umbandistas consideram a data de sua fundação ao ano de 1908 quando o jovem Zelio Fernandino de Moraes recebe em uma casa kardecista a entidade que se apresentou como o Caboclo das Sete Encruzilhadas, cuja manifestação garantiu a anunciação do surgimento de uma nova religião, no município de Niterói, Estado do Rio de Janeiro: a Umbanda (BIRMAN, 1983).

É importante salientar que a constituição histórica da formação da Umbanda no Brasil mostra-se tão difícil, quanto à tentativa de compreender estrutura organizacional de seus Orixás e entidades. No sentido de buscar alternativas para essa compreensão, buscaram-se subsídios na elaboração literária da mãe de santo lassan Ayporê Pery.

A busca da compreensão sobre o intangível: os Orixás

As ideias que se seguem são retiradas do livro *Umbanda Mitos e Realidade* de autoria da mãe de santo lassan Ayporê Pery. À criação da Umbanda como forma de culto fez-se necessária à condensação e absorção de vários Orixás. O termo “Orixá” na Umbanda significa “espírito de luz”, “coroa iluminada”, ou seja, um complexo de energias, manifestada na Terra por meio das forças da natureza criada por Deus. Mostram-se como complexos vibratórios e energéticos criados e emanados do Astral superior. Pode-se compreendê-los como energias que emanam da natureza. Dessa

forma, apresentam-se manipulados nas sessões de Umbanda a fim de encontrar-se o equilíbrio, por meio da caridade direta e busca da evolução espiritual.

Segundo a obra citada, a Umbanda acredita que os Orixás nunca encarnaram. Eles trabalham harmoniosamente entre si como bênçãos vindas de Zambi, o criador do Universo. Portanto, nunca se incorpora um Orixá, mas sim seus representantes, também chamados falangeiros. São esses enviados de Orixás que incorporam nas sessões ou giras de Umbanda.

Simplificando sua apresentação, os Orixás representam uma força ou reino da natureza específico e trabalham em absoluta harmonia entre si. Os Orixás básicos representam as sete forças da natureza, as quais provêm da fusão dos quatro elementos: água, fogo, terra e ar. Nesse contexto, constituem-se em: Oxóssi, Ogum, Xangô, Omulu, lansã, lemanjá e Oxum.

Exu, na cosmologia da Umbanda, não é considerado um Orixá. Ele não possui regência de reino ou força da natureza; portanto não rege coroa de médium. Conforme a doutrina da Umbanda, para o Exu não existe a classificação judaica-cristã de bem ou mal. Compreende-se que ele é uma espécie de mensageiro dos Orixás.

Nas sessões de incorporação do terreiro, todo Orixá se manifesta através de espíritos enviados de cada força da natureza. Esses representantes são entidades que já encarnaram. Portanto, possuem seu próprio carma, história, característica missionária, evolutiva e de personalidade. Sua compreensão mostra-se intangível para nós em palavras.

A mãe de santo, citada anteriormente, considera que os Orixás são o próprio amor de Deus espalhado e condensado em sete raios básicos. Portanto, ajudam as pessoas a trabalhar com seus carmas, como forma de alívio para os infortúnios diários.

Segundo a obra *Umbanda Mitos e Realidade,* o Orixá não é uma divindade, afinal; eles creem em um único Deus. A Umbanda não é politeísta, e o que se tentou explicar até agora não foi uma teogonia (origem da formação dos Deuses no Universo), assim como a compreensão dos Orixás na Umbanda não está atrelada as lendas do panteão africano.

Para tanto, encaminha-se a discussão às avaliações de algumas diferenciações da Umbanda, do candomblé e do kardecismo, dialogadas com o zelador da casa de Umbanda observada nesta pesquisa. Dessa maneira, examina-se a percepção da organização estrutural da Umbanda no Brasil e seus reflexos no contexto demográfico atual.

Relatos da conversa dirigida

Em meados do mês de junho de 2009, após contatos por correio eletrônico, chego à casa de Umbanda. Uma médium me recepciona no portão do estabelecimento e me encaminha ao salão, onde aguardo o chefe do terreiro, Norberto Peixoto, que irá me conceder uma entrevista. A conversa dirigida precederá o exercício de observação participante. As abordagens do dirigente da Casa serão imprescindíveis para as futuras reflexões sobre os questionamentos da pesquisa.

Localizada em um bairro da zona Norte de Porto Alegre, a Choupana do Caboclo Pery foi fundada em 2004. Contudo o atual prédio lhes foi doado em 2005. Cabe salientar que esse espaço é ocupado para os fins da caridade da Umbanda há cerca de trinta anos. Na casa, trabalham em média 25 médiuns que atendem à comunidade nas segundas e sextas-feiras. Segundas, os atendimentos são individualizados, com hora marcada, e às sextas-feiras ocorrem às sessões públicas com estudo dirigido, palestra e sessão de caridade. Nesse dia, por ser uma sexta-feira, estarei acompanhando a sequência dos trabalhos, cuja descrição densa se fará a seguir.

Com vistas a contribuir para a análise do estudo, apresento agora o resumo das principais ideias conversadas com meu informante: a diferença basilar do kardecismo em relação a Umbanda está atrelada à questão da magia. Quando se fala em magia, diz-se respeito às suas praticas rituais que consistem em: defumação, cantos, danças, utilização de ervas entre outras. No entanto, seu fundamento na crença em Jesus Cristo não difere nas duas religiões.

Reportando-nos ao Candomblé, o estudo das divergências da Umbanda em relação a ele deve seguir duas linhas de raciocínio, segundo os elementos de rito e aos fundamentos das duas religiões.

No que diz respeito aos elementos de rito, suas práticas convergem no culto aos Orixás (porém com significados diferentes), na utilização de ervas, no cerimonial dos hinos, nas danças e no transe ritual. Quanto aos fundamentos de religião, observa-se que na Umbanda não há sacrifícios de animais e, na Choupana do Caboclo Pery, nem oferendas fora de seus templos, pois ambas as práticas vão de encontro ao respeito à natureza e

cuidados com ao convívio harmonioso em sociedade.

O chefe do terreiro nos informa que as oferendas entram em putrefação e poluem a natureza, o que é uma contradição, pois se trata da morada dos Orixás, local de sua vibração manifestada no plano físico.

Outra questão relevante que se deve ter muito cuidado para analisar, refere-se à retração do número de pessoas que se denominaram umbandistas nos últimos censos do IBGE. Para tanto, faz-se necessário refletir sobre dois fatos: a desunião dos próprios terreiros de Umbanda e os ataques feitos por outras religiões, principalmente pelas igrejas neopentecostais.

Cabe aqui salientar que, sem um verdadeiro ponto de referência na própria Umbanda, seja pela fragmentação dos preceitos da doutrina umbandista, em que na atualidade nenhuma parte ou segmento da Umbanda tem poder de falar pelo todo – tudo acaba sendo aceito como Umbanda –, seja pela desunião histórica entre os sacerdotes e templos, constata-se uma estrutura de apoio fragilizada para seus adeptos.

Reconhecer-se como um umbandista pode representar o enfrentamento de situações de discriminação, visto que nossa sociedade mostra-se fortemente estruturada numa cultura religiosa judaica-cristã. Dessa forma, a quem essas pessoas em situação estereotipada recorreriam?

O artigo 5° da Constituição Federal de 1988, que trata da inviolável liberdade de consciência e de crença, estabelecendo o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo a proteção aos seus locais de cultos e liturgias (inciso VI), apresenta-se de forma ineficaz como mecanismo jurídico de coerção aos ataques às religiões afro-brasileiras. Isso ocorra talvez pelo fato de uma parcela considerável dos centros umbandistas não serem legalizados – não possuírem registro cartorial estatutário e alvará – e se encontrarem à sombra da lei.

A última questão debatida na entrevista diz respeito à falta de representatividade dos umbandistas no cenário político. Esse tema poderia ser assunto de uma próxima pesquisa. A conclusão alcançada nesse tema específico diz respeito à desunião dos próprios templos, cujo trabalho volta-se mais para o interior de suas próprias casas de Umbanda do que propriamente para uma integração na sociedade.

Definido o resumo dos principais pontos da entrevista semiestruturada com o zelador espiritual do templo, encaminho este estudo para um exercício de observação participando a metodologia utilizada, sem quaisquer pretensões de interpretações conclusivas, pois consta que o próprio

movimento de Umbanda, enquanto religião, está inacabado e em construção.

Observação participante

Quanto ao método qualitativo de observação participante utilizado neste estudo, fazem-se aqui algumas considerações, tomando como paradigma as pesquisas de William Foote Whyte em *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.*

Seguem-se as principais observações necessárias às conclusões da pesquisa:

a) Para se chegar ao trabalho de campo propriamente dito, fez-se necessário um estudo preliminar do panorama do contexto religioso do Brasil, no decorrer do curso de Antropologia da Religião.
b) Apesar de a presença do pesquisador ser anunciada no dia da imersão ao território pesquisado, escapa ao seu controle possíveis situações inesperadas vivenciadas no campo.
c) Todo o estudo de campo deve ter um informante que se mostra indispensável à pesquisa, não somente pela possibilidade de intermediação do pesquisador com o grupo pesquisado, mas também pela capacidade de auxiliar nas próprias conclusões da pesquisa.
d) Como a imersão ao local estudado compreendeu em uma única observação de um ritual da Umbanda, fez-se necessária uma entrevista semiestruturada com seu dirigente.

Ao percorrer o pequeno corredor que me levaria ao primeiro salão da casa, observei, do lado direito da parede, um quadro com a gravura do fundador da Umbanda, Zelio Fernandino de Moraes. A figura sinalizava os 100 anos de existência da Umbanda no Brasil. Do lado esquerdo, havia um painel com figuras de nove Orixás. Ao ingressar no salão de alvenaria de paredes e teto brancos, senti-me acolhida por um ambiente aconchegante por mostrar-se estimulado pelos jogos de luzes, sons de hinos da Umbanda e cheiro agradável de ervas.

Na sala, existiam vinte bancos longos de madeiras, dispostos em duas colunas, os quais poderiam abrigar cerca de 120 pessoas. As paredes apresentavam-se recobertas por quadros de gravuras de Orixás, iluminadas por focos de luzes azuis e verdes. Ao fundo da sala, havia uma espécie de

altar que separava o primeiro salão do espaço onde iriam ocorrer os trabalhos de caridade. Ao observar essa divisória, tive a sensação de ela estar protegendo o local mais sagrado da casa, o congá.

Do ponto de vista organizacional, a imagem de Jesus Cristo estava disposta no centro do altar, como na própria teoria da Umbanda. Nas laterais e na parte superior, havia figuras e estatuetas de caboclos, pretos velhos *e* Orixás e, na parte inferior, algumas plantas e objetos sagrados. Essa espécie de altar impedia que os consulentes sentados no primeiro salão observassem a preparação dos médiuns para os rituais de gira descritos a seguir. Duas cortinas, nas laterais, possibilitavam o acesso ao terreiro e ao congá do templo, mas elas estavam fechadas naquele momento.

Durante minha entrevista com o fundador e chefe de terreiro da Casa, ocorria um estudo dirigido entre alguns médiuns e frequentadores do templo. Nesse dia, havia cerca de 20 pessoas participando dessa atividade. Após seu término, um médium posicionado na porta do salão recepcionava os consulentes que chegavam para a sessão de caridade da noite. Esse médium distribuía fichas de consultas e passes, para organizar o trabalho espiritual descrito a seguir.

Aproximadamente às dezenove horas e trinta minutos, iniciou-se uma palestra, cujo tema principal era “A Drogadição”, abordado por uma de suas médiuns. Ao final da preleção, um sino tocou, o portão e a porta da casa foram fechados, ninguém mais entrou no templo. Nesse momento, um cálice com álcool foi aceso, o ritual do fogo, e, concomitantemente, os médiuns cantavam o ponto de São João Batista.

São João Batista, enviado de Jesus
Guiai esses filhos para o caminho de luz
Se tiver um filho caído no chão,
Levanta, levanta são todos irmãos,
Que filhos de Umbanda não fica no chão.

Logo após o hino, uma médium me conduziu ao outro lado do primeiro altar. De pés descalços, entrei pela primeira vez em um terreiro de Umbanda.

A partir de então, iniciou-se minha imersão ao campo do desconhecido. Ao fundo do terreiro, estava o congá: ele possui a forma de um

triângulo, com uma imagem de Jesus Cristo ao topo. Logo abaixo, a imagem de um índio xamã; no centro, uma gravura do rosto de Cristo; na lateral direita, havia um quadro da imagem do caboclo Pery (mentor espiritual da casa) que fora pintado por um médium; a esquerda, uma tela pintada com a gravura de Ramatís (é o nome atribuído por médiuns de diversos países a um espírito que seria o autor/inspirador de dezenas de obras escritas), além de imagens de pretos velhos, caboclos, Orixás e algumas plantas.

Com vistas a realizar uma descrição densa desse ritual, quero deixar claro que não terei a pretensão de relatar todos os fatos lá vistos, já que, por inúmeras vezes, tive a sensação de estar profanando um ritual sagrado com minha simples presença.

Sentada em um pequenino banco, com uma prancheta em mãos, registrava o que estas páginas não poderão traduzir. Os trabalhadores espirituais mostravam-se posicionados em um círculo, totalizando dezoito médiuns, mais o chefe do terreiro, também denominado sacerdote. Prosseguiu-se o ritual com a Oração de São Francisco:

> Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.
> Onde houver ódio, que eu leve o amor.
> Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
> Onde houver discórdia, que eu leve a união.
> Onde houver dúvida, que eu leve a fé [...]

À medida que os médiuns foram defumados pelo cambono e receberam alfazema nas mãos por outra médium, seguiam caminhando, cantando e reverenciando os cantos energéticos do terreiro.

Nesses locais, aparentemente sagrados, havia as figuras dos Orixás, velas, objetos com água, vasos de flores, e uns vasilhames com ervas. Pouco a pouco, cada médium incorporou uma entidade, de modo que uns batiam no peito, outros assoviavam de olhos fechados, outros ainda caminhavam incessantemente para frente e para trás, enquanto alguns gesticulavam flechadas ao ar.

Com a volta dos médiuns ao círculo, iniciava-se a chamada dos consulentes, que eram conduzidos ao seu guia por um cambono – tipo de médium que não trabalha incorporado. Atentamente, o cambono não somente organizava todo o trabalho no terreiro, mas também prestava apoio ao

consulente que, por vezes, incorporava alguma entidade quando posicionado em frente ao guia.

Ao defrontar-se com o guia, o consulente era cumprimentado carinhosamente. O médium, por vezes, pegava-lhe as mãos; por outras, passava-lhe as mãos no ar ao redor do corpo. Logo se iniciava um diálogo entre o consulente e o guia, quase sempre aos sussurros.

Essas pessoas conversavam sobre os motivos que as levaram ao templo para se aconselhar com as entidades espirituais. No trabalho assistencial do terreiro, os guias dão consultas, usam ervas e perfumes, fumam charutos e interagem com os assistenciados.

As mais diversas emoções surgiam no rosto dos consulentes, no decorrer das consultas: ora risada, ora choro; ou espanto e admiração. Cabe aqui salientar que, apesar de todos os queixumes serem proferidos ao mesmo tempo, cochichados ou não, o clima que pairava no ar era de total harmonia e paz, seja pelos pontos cantados suavemente, seja pelas vozes acolhedoras dos guias.

Os aconselhamentos duravam em média cinco ou dez minutos, e o salão estava cheio. Nesse dia, foram atendidas 130 pessoas. Logo após, o médium cruzava os braços do consulente, fazia-lhe uma oração e orientava-o a seguir até o congá para fazer uma prece. Via-se nos movimentos corporais e expressões faciais uma nítida alteração de consciência dos médiuns, assumindo um modo peculiar acompanhado de atitudes de conforto, amparo, compreensão e solidariedade. Assim como percebia-se na postura dos consulentes respeito e devoção por aquele momento e local sagrados.

Os passes eram feitos de diversas formas: uns médiuns utilizavam-se de óleos de alfazema, ou de folhas de arruda; outros, ainda, da fumaça dos charutos. Além dos gestos com as mãos, que circundavam o corpo do consulente, os médiuns tocavam-lhe o coração no peito e nas costas, bem como na testa, e por vezes impunham as mãos em cima e no alto da cabeça sem tocá-las. Gesticulavam como se estivessem rasgando a roupa do consulente desde a cabeça aos pés, em frente e atrás do corpo.

Em meio a tantos passes, de repente, um consulente (homem) incorporou uma entidade. Sua expressão facial contraiu-se, ficou austera, a respiração acelerada, seu peito estufou. Batia com as mãos no peito e no chão, emitia sons guturais, mas o cambono calmamente se aproximou, posicionou uma das mãos em suas costas, enquanto continuou seus trabalhos, atento ao movimento do terreiro. Aos poucos, o consulente recuperou-se e

voltou ao seu estado consciente. Visualizei essa manifestação nos consulentes por mais uma vez, e, em ambos os casos, o cambono atuou rápida e eficazmente.

Os pontos de Umbanda continuavam sendo conduzidos por uma das médiuns que trazia em suas mãos uma pasta de capa vermelha, contendo todos os hinos. Cabe aqui salientar que, durante todos os trabalhos mediúnicos, ela cantou incessantemente os pontos de Umbanda.

A Umbanda é paz é amor
é um mundo cheio de luz
é a força que nos dá vida
é a grandeza que nos conduz
Avante, filhos de fé
como a nossa lei não há,
levando, ao mundo inteiro
a bandeira de Oxalá
levando, ao mundo inteiro
a bandeira de Oxalá.
Salve a Umbanda! Salve!

Permaneci mais de uma hora ali sentada observando os rituais, mas meus sentidos não conseguiram captar todos os estímulos do ambiente. Foi preciso me despir de qualquer pré-concepção religiosa, a fim de poder transformar “exótico em familiar e o familiar em exótico” (DAMATTA, 1978). Nesse sentido, pude perceber que o fato de indivíduos pertencerem a uma mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se estivesse em sociedades diferentes. O contato com um ritual exótico ao meu fez-me compreender que o principal objetivo da Umbanda, para aquelas pessoas, era a caridade através do trabalho de assistência mediúnica aos que ali chegavam e traziam as mais diversas doenças físicas, psíquicas ou emocionais, assim como problemas econômicos

Os hinos prosseguiam suaves e harmónicos; o cheiro de alfazema misturava-se ao aroma fumegante das ervas; o terreiro esvaziava-se; os bancos do salão, que guardavam outrora os consulentes, desocupavam-se; os médiuns trocavam passes.

Brilhou um clarão no céu
Festa do chefe indiano
Que veio nos ajudar
Ele veio com suas falanges
Para todo mal levar.

Nesse momento, o zelador do templo aproximou-se e pediu que eu me retirasse do terreiro, pois os trabalhos de descarga geral, necessários para o fechamento da sessão, iriam começar. Ele relatou-me que eu não poderia continuar no local pelo fato de nessa parte dos trabalhos só poderem ficar médiuns trabalhadores dentro do terreiro, à frente do congá, por uma questão de segurança, pois as energias negativas trazidas pelos consulentes seriam trabalhadas para que voltassem à natureza.

A descrição do exercício de observação participante conduziu-me as seguintes conclusões da pesquisa.

Conclusão

Por meio de análises dos aspectos envolvidos na pesquisa bibliográfica, na entrevista semiestruturada, na literatura do meio umbandista e da observação de campo, procurou-se refletir sobre os questionamentos da pesquisa. Em um primeiro momento, deparei-me com as motivações que impulsionaram as pessoas na escolha da Umbanda a outras religiões. Em um segundo estágio, pude refletir sobre como uma religião tipicamente brasileira vem sofrendo, nos últimos censos do IBGE, um processo de retração das pessoas que se declaram umbandistas, apesar de a Umbanda ser uma religião inclusiva, ou seja, aberta a pessoas vindas de qualquer religião.

Percebeu-se que o primeiro impulso que leva uma pessoa a procurar a Umbanda ainda é à busca de soluções mágicas aos seus problemas do dia a dia, pois não as encontram em suas religiões praticadas, sejam eles de ordem psicológica, financeira ou fisiológica.

A fé, nesse caso, fica relegada a segundo plano, e a grande maioria não se converte à religião de Umbanda, continua frequentando suas igrejas e outros centros, sem dizer-se umbandista e, ao mesmo tempo, consultando-se nos terreiros de Umbanda.

A outra questão suscita a reflexão sobre o porquê da retração das pessoas que se denominam umbandistas, nas últimas décadas no Brasil, segundo o censo do IBGE. A desmistificação dos números apontados pela pesquisa quantitativa do IBGE: deve ser feita.

Cabe aqui salientar que a carência de ações conjuntas da Umbanda, tanto na sociedade civil, quanto no meio político, pode refletir no resultado das pesquisas, como, por exemplo, esclarecerem melhor seus frequentadores sobre a religião, incentivando-os a assumirem publicamente o "ser" umbandista.

É relevante citar o processo de estigmatização sofrido por quem se denomina umbandista, talvez por ser o Brasil um dos países com maior número de evangélicos no mundo, ficando somente atrás dos Estados Unidos, em quantidade de protestantes (*Revista Sociologia*, ano I, n° 7, 2007).

Deixo aqui a minha reflexão sobre por que uma religião mediúnica tipicamente brasileira e de inclusão espiritual, conduzida para a prática de caridade, por intermédio dos espíritos que incorporam nos terreiros, desprovida de retribuições monetárias, perde seu espaço no imaginário popular para outras religiões, notadamente as neopentecostais.

Tenho consciência que este estudo e estes questionamentos não se esgotaram nestas páginas, visto que as questões aqui levantadas necessitam de uma pesquisa mais abrangente do contexto da Umbanda na atualidade.

Defuma com as ervas de Jurema,
Defuma com arruda e guiné,
Com alecrim, benjoim e alfazema
Vamos defumar filhos de fé.

---

[1] Por motivos óbvios, o nome do médium desencarnado, citado por Zé Luzeiro, foi omitido a pedido da própria entidade, dado ter sido personalidade que ele animou recentemente em sua última encarnação. Disse-nos ele que o que importa é o milagre e não o nome do santo, e que devemos sempre respeitar as consciências e a diversidade de entendimento de cada um.

[2] O atabaque (imagem acima) chegou ao Brasil junto com os escravos africanos e é usado em quase todos os rituais afro-brasileiros e na Umbanda. É empregado basicamente para invocar os Orixás.

Feito de madeira e aros de ferro que sustentam o couro, formam uma potente caixa de percussão. Os três tamanhos de atabaques utilizados são chamados de rum, rumpi e lê. O rum, o maior de todos, possui o registro grave. O rumpi, o do meio, possui o registro médio. E o lê, o menor, possui o registro agudo. O trio de atabaques executa, ao longo das sessões, uma série de toques que devem estar de acordo com os Orixás e com os cânticos que vão sendo chamados em cada momento do ritual.

[3] Ver o próximo capítulo sobre banhos ritualísticos.

[4] O mentor árabe saiu de seu corpo astral e se projetou nessa faixa vibratória para fazer a conexão com as mensagens de Chico Xavier aí gravadas. Obviamente, a agitação do Ocidente e a ansiedade da vida moder¬na são impedimentos naturais para que os encarnados consigam "entrar" nesta eleva¬da dimensão. Hoje em dia é muito raro a sensibilidade psíquica avançada para a leitura destes registros atemporais.

[5] A imagem mostra o desdobramento do corpo mental, que é, intencionalmente, perfeitamente alcançável por iogues avançados. Na dimensão mental é possível ler os registros akáshicos (akasha é uma palavra sânscrita que significa "céu', 'espaço" ou "éter") que, segundo o hinduísmo e diversas correntes místicas orientalistas, são um conjunto de conhecimentos atemporais armazenados no éter e que abrange tudo o que ocorre, ocorreu e ocorrerá no Universo.

[6] Singularidade; Algumas vezes é chamada, na matemática, de singularidade espaço-tempo. É, aproximadamente, um ponto no espaço-tempo onde a massa (associada à sua densidade) e a curvatura do espaço-tempo (associada ao campo gravitacional) de um corpo são infinitas. Podemos inferir que um pensamento individual emissor, atraindo muitos outros pensamentos individuais afins, torna-se coletivo, chegando ao ponto de se tornar uma unidade. Daí não importa mais a individualidade que originariamente o emitiu, pois o um está no todo e o todo está no um, ou seja, o pensamento e as mensagens de Chico Xavier, assim como as do próprio Ramatís, sofrem o efeito de singularidade e são realmente um oceano mental de ondas que tangenciam o Brasil. Podem, a qualquer tempo, serem sintonizadas, lidas ou escutadas, desde que se tenha a sensibilidade psíquica para isto, como ocorreu no caso em questão, levado a efeito pela entidade árabe.

[7] Neste momento da recepção, Ramatís informou que detalhará melhor este assunto no próximo capítulo, “Os Orixás e a memória genética espiritual”.

[8] Tema do próximo capítulo.

[9] Para maiores informações sobre este tema, sugerimos a leitura da obra *Umbanda pé no chão*, Norberto Peixoto.

[10] Nota do médium: Confesso que tive dificuldade de captar a contento o pensamento de Ramatís sobre este tema: as supercordas. Como sou médium intuitivo de psicografia, faltou-me o conhecimento científico para conseguir transformar em palavras o avançado conhecimento de Ramatís sobre o assunto. Então, este amigo espiritual me sugeriu que procurasse um artigo para elucidar melhor os leitores. Transcrevo no final deste capítulo, parte de um artigo publicado na *Revista Internacional de Espiritismo*, de fevereiro de 2001, de autoria de António de Pádua G. Barbosa, sobre a Teoria das Supercordas.